

Manipulação da mídia e desinformação online

Alice Marwick e Rebecca Lewis



SUMÁRIO

Sumário executivo.....	3	Quais técnicas os manipuladores de mídia usam? .	39
Entendendo a manipulação da mídia	4	Cultura participativa	39
Quem está manipulando a mídia?	6	Redes	40
Trolls da Internet	6	Memes.....	41
Gamergaters.....	10	Bots	43
Grupos de ódio e ideólogos.....	12	Amplificação estratégica e enquadramento	45
Alt-right	12	Por que a mídia é vulnerável?	47
Machosfera	16	Falta de confiança na mídia	47
Teóricos da Conspiração	21	Declínio das notícias locais	48
Influenciadores	24	A economia da atenção	49
Veículos hiperpartidários de notícias	25	Quais são as consequências?.....	53
Políticos.....	26	Desinformação	53
Onde esses atores operam online?	29	Crescente desconfiança na mídia	54
Blogs e sites.....	29	Ainda mais radicalização.....	55
Fóruns e quadros de mensagens	29	Conclusão	57
Mídias sociais mainstream	31	Questões	59
O que motiva os manipuladores da mídia?	32	Estudos de caso	60
Ideologia	32	A união estudantil branca	60
Radicalização	34	Trump e imagem da estrela de David	61
Dinheiro	36	A saúde de Hillary.....	63
Status e atenção	37	Pizzagate.....	64
		Apêndice: elenco (de personagens)	67
		Bibliografia	69
		Agradecimentos	85

SUMÁRIO EXECUTIVO

- Subculturas da internet tiram proveito do atual ecossistema da mídia para manipular as notícias, definir agendas e propagar ideias.
- Grupos de extrema-direita desenvolveram técnicas de “hackeamento de atenção” para aumentar a visibilidade de suas ideias por meio do uso estratégico de mídia social, memes e bots – além de manipular jornalistas, blogueiros e influenciadores para que ajudem a espalhar o conteúdo.
- A dependência criada pelas mídias sociais, análises e métricas, sensacionalismo, enfoque na exclusividade e clickbait em detrimento da relevância jornalística, fez com que a mídia em geral se tornasse vulnerável à manipulação dessas mídias sociais.
- Embora *trolls*, nacionalistas brancos, ativistas dos Direitos dos Homens, gamergaters, os “*alt-right*” e teóricos da conspiração possam divergir profundamente em suas crenças, eles compartilham táticas e convergem em relação a muitas questões comuns.
- A extrema-direita explora a insubordinação e antipatia dos jovens pelo “politicamente correto” para espalhar ideais da supremacia branca, a islamofobia e a misoginia por meio da ironia e do conhecimento da cultura da internet.
- A manipulação da mídia pode contribuir para a diminuição da confiança na mídia mainstream, o aumento da desinformação e maior radicalização.

ENTENDENDO A MANIPULAÇÃO DA MÍDIA

No início de outubro de 2016, o Wikileaks vazou 20.000 e-mails *hackeados* da conta do Gmail de John Podesta, chefe da campanha de Hillary Clinton. Usuários de um fórum de mensagens da internet chamado 8chan /pol/ — abreviação de “politicamente incorreto” — imediatamente começaram a vasculhar os e-mails procurando informações que pudessem prejudicar Hillary Clinton. Usando as mídias sociais, eles espalharam alegações de que George Soros estava financiando manifestantes liberais para atrapalhar os comícios de Trump, de que uma vasta rede de pedófilos estava agindo em uma pizzaria em Chevy Chase, no estado de Maryland, e de que Clinton tinha a intenção secreta de assassinar Julian Assange. Apesar da natureza falaciosa, e até mesmo fantasiosa, de tais alegações, elas se espalharam através das mídias sociais para blogs de extrema-direita e, por fim, para a grande mídia. Um usuário do 8chan escreveu: “a mídia não está fazendo seu trabalho. Com milhares de e-mails expostos, as únicas informações que eles divulgaram, mesmo que marginalmente, foram as que NÓS desenterramos. Eles literalmente não se dão ao trabalho de fazer qualquer investigação”.

Nos meses que antecederam a eleição norte-americana de 2016, uma série de grupos subculturais que se organizam online fizeram um esforço conjunto para manipular a atual infraestrutura da mídia e promover mensagens populistas, pró-Trump. Essas mensagens se espalharam através de *memes* compartilhados em blogs e no Facebook, de *bots* no Twitter, de canais do YouTube, e até mesmo da conta do próprio Trump no Twitter — e foram propagadas por uma imprensa hiperpartidária de extrema-direita enraizada em teorias da conspiração e desinformação. Eles influenciaram as pautas das principais fontes de notícias, como a televisão a cabo, o *Washington Post*, e o *New York Times*, que cobriram as teorias da conspiração de Clinton mais do que as acusações de assédios sexuais cometidos por Trump e suas ligações à Rússia.¹

Muitos desses grupos online de extrema-direita consideram-se membros de um novo movimento de *alt-right* (direita alternativa), e até reivindicaram crédito por “usarem *memes* para levar Trump à Casa Branca”.² Provocadores, como Milo Yiannopolous, vincularam explicitamente tais grupos aos métodos de “*trolagem*” online e aos *imageboards* da *deepweb* 4chan e 8chan:

*O movimento alt-right nasceu de grupos jovens, subversivos e obscuros da internet. 4chan e 8chan são os núcleos de atividade desse movimento. Há anos que os membros desses fóruns – políticos e não-políticos – se divertem com pegadinhas infantis. Muito antes da alt-right, os 4channers transformaram a trolagem da mídia nacional em uma competição interna.*³

No entanto, os pesquisadores Whitney Phillips, Jessica Beyer e Gabriella Coleman são céticos em relação à narrativa de que o 4chan e a *alt-right* foram a força crítica por trás do sucesso de Trump, argumentando que essa explicação minimiza as tendências socioculturais mais amplas⁴ e dá poder

¹ Yochai Benkler, Hal Roberts e Ethan Zuckerman, "Study: Breitbart-Led Right-Wing Media Ecosystem Altered Broader Media Agenda", Columbia Journalism Review, March 3, 2017, <http://www.cjr.org/analysis/breitbart-media-trump-harvard-study.php>.

² Dale Beran, "4chan: The Skeleton Key to the Rise of Trump", Medium.com, February 14, 2017, <https://medium.com/@DaleBeran/4chan-the-skeleton-key-to-the-rise-of-trump-624e7cb798cb>

³ Allum Bokhari e Milo Yiannopoulos, "An Establishment Conservative's Guide to the Alt-Right". Breitbart, March 29, 2016, <http://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/>

⁴ Dentre as explicações sugeridas para a vitória de Trump estão as preocupações econômicas dos eleitores brancos da

excessivo a um número muito pequeno de pessoas.⁵ Ainda há uma grande ambiguidade em torno do resultado das eleições e do porquê a maioria dos especialistas e das previsões não terem indicado a vitória de Trump. Dada essa confusão, a *alt-right* ficou feliz em receber o crédito. No entanto, determinar as linhas de influência crítica é complicado demais para uma conclusão tão bem definida. Este livro tenta questionar como tais linhas de influência — manipulação da mídia — realmente se parecem.

Aproveitando a oportunidade que a internet apresenta para a colaboração, comunicação e produção de pares, esses grupos se beneficiam das vulnerabilidades no ecossistema das mídias de notícias para aumentar a visibilidade e audiência de suas próprias mensagens.

Neste estudo, investigamos como várias subculturas da internet — às vezes referenciadas como a “*alt-right*”, porém mais precisamente uma amálgama de teóricos da conspiração, ciberlibertários, nacionalistas brancos, defensores dos Direitos dos Homens, *trolls*, antifeministas, ativistas anti-imigração, e jovens entediados — aproveitam tanto das técnicas da cultura participativa⁶ quanto dos recursos das redes sociais para espalhar as suas várias crenças. Aproveitando a oportunidade que a internet apresenta para colaboração, comunicação e produção em pares, esses grupos se beneficiam das vulnerabilidades no ecossistema das mídias de notícias para aumentar a visibilidade e a audiência de suas próprias mensagens. Embora essas subculturas sejam diversas, elas geralmente se autodenominam como *anti-establishment* em sua reação contra o multiculturalismo e o globalismo, ao mesmo tempo em que promovem ideologias racistas, antifeministas e antisemitas. Usamos o termo “extrema-direita” para caracterizar coletivamente esses agentes, apesar de muitas dessas comunidades não se identificarem com o termo.

Para compreender o contexto da manipulação e da desinformação das mídias, precisamos entrar em um buraco negro. Uma variedade de movimentos, momentos e acontecimentos coincidiram para moldar o panorama atual da mídia contemporânea. Ainda que seja impossível determinar seu impacto na eleição dos EUA, é importante examinar a relação entre as subculturas da internet e as narrativas repassadas em várias organizações midiáticas. O que se segue é uma tentativa de analisar e criar definições em torno desta rede vagamente conectada — a saber: quem está envolvido, suas motivações e onde operam online. Esse mapeamento não é, de forma alguma, exaustivo, e as categorias identificadas aqui nem sempre são distintas umas das outras.

classe trabalhadora; o racismo; a misoginia; o papel do diretor do FBI James Comey; a segregação e a polarização do eleitorado; o aumento da desigualdade de renda e assim por diante. Veja, por exemplo: GAUGHAN, Anthony J. “Explaining Donald Trump’s Shock Election Win”, *Scientific American*, 9 de novembro de 2016, <https://www.scientificamerican.com/article/explaining-donald-trump-s-shock-election-win/>.

⁵ Whitney Phillips, Jessica Beyer, and Gabriella Coleman, “Trolling Scholars Debunk the Idea That the Alt-Right’s Shitposters Have Magic Powers”, *Motherboard*, March 22, 2017, https://motherboard.vice.com/en_us/article/trolling-scholars-debunk-the-idea-that-the-alt-rights-trolls-have-magic-powers.

⁶ H. Jenkins, *Convergence Culture* (New York: New York University Press, 2006). (Henry Jenkins, *Culture of Convergence*. (New York: New York University Press, 2006) [JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008).

QUEM ESTÁ MANIPULANDO A MÍDIA?

O termo “alt-right” (direita alternativa) é um neologismo que coloca uma camada de tinta fresca em alguns ideais racistas e misóginos de longa data. Pode ser conveniente usar esse termo para se referir a uma variedade de grupos envolvidos na manipulação da mídia de extrema-direita, mas mesmo que muitos dos grupos que identificamos neste relatório possam ser caracterizados como tal, outros não podem. Muitos desses segmentos têm suas próprias pautas, entretanto, como este documento detalha, compartilham táticas semelhantes. Além disso, alguns participantes desse ecossistema se organizam de acordo com suas crenças (como os Ativistas dos Direitos dos Homens), enquanto outros se organizam através de meios midiáticos ou plataformas específicas (como blogs individuais e podcasts). Assim, as fronteiras entre estes grupos são sempre difusas e irregulares.

TROLLS DA INTERNET

A *trolagem* se desenvolveu junto com a internet.⁷ No início, o termo *troll* descrevia aqueles que deliberadamente provocavam as pessoas para obterem uma resposta emocional. Os primeiros *trolls* publicavam mensagens inflamatórias em grupos da plataforma Usenet na tentativa de atrair novatos para discussões cansativas.⁸ Durante os anos 2000, essa motivação ficou conhecida como “lulz”: achar graça (ou LOLs, sigla em inglês para *laughing out loud* - rindo alto) ao semear a discórdia e provocar reações. Os *trolls* têm um histórico de manipular a mídia para expor hipocrisias e histerias, sabendo desde cedo como ampliar seus esforços através da mídia *mainstream* por meio de ataques a figuras públicas e organizações.⁹ Eles muitas vezes alegaram ser apolíticos e explicaram o uso de imagens chocantes (frequentemente racistas ou sexistas) como uma mera e conveniente ferramenta para ofender os outros.

A *trolagem* pode se referir a pegadinhas relativamente inofensivas, mas também pode assumir a forma de comportamentos mais graves. Trolar pode incluir “atividades maliciosas nas quais a intenção não é necessariamente causar sofrimento”¹⁰ ou pode buscar “arruinar a reputação de indivíduos e organizações e revelar informações constrangedoras ou pessoais”.¹¹ Na prática, no entanto, a *trolagem* cresceu para servir como um termo abrangente que engloba uma grande variedade de comportamentos antissociais na internet.

Para efeitos de nossa discussão, enfocaremos um tipo de *troll* predominante, em meados dos anos 2000, no fórum anônimo 4chan/b/. Dentro do ecossistema diversificado do cenário da mídia contemporânea, o 4chan é tanto relativamente obscuro como desproporcionalmente influente. O site é simples. As postagens consistem apenas em imagens e textos postados de forma anônima,

⁷ A definição precisa de *trolagem* é fortemente discutida tanto pelos próprios *trolls* como por quem os estuda. Para uma discussão completa dos debates acadêmicos, veja Gabriele de Seta, “Trolling, and Other Problematic Social Media Practices”, em *The SAGE Handbook of Social Media*, ed. Jean Burgess, Alice E. Marwick, e Thomas Poell (Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2017).

⁸ Judith Donath, “Identity and Deception in the Virtual Community”, em *Communities in Cyberspace*, ed. Peter Kollock and Marc Smith (London: Routledge, 1999), 29-59; M. Tepper, “Usenet Communities and the Cultural Politics of Information”, em *Internet Culture*, ed. David Porter (New York: Routledge, 1997), 39-54.

⁹ Whitney Phillips, “The House That Fox Built: Anonymous, Spectacle, and Cycles of Amplification”, *Television & New Media* 14, no. 6 (2013): 494-509.

¹⁰ Ben Kirman, Conor Lineham, and Shaun Lawson, “Exploring Mischief and Mayhem in Social Computing or: How We Learned to Stop Worrying and Love the Trolls”, em *CHI '12 Extended Abstracts on Human Factors in Computing Systems*, CHI EA '12 (New York, NY, USA: ACM, 2012), 121-130.

¹¹ Coleman, *Hacker, Hoaxer, Whistleblower, Spy*, 4.

que desaparecem muito rapidamente, em geral depois de algumas horas.¹² Apesar disso, o 4chan não é um vale-tudo; cada subfórum tem um tópico designado e normas específicas que são aplicadas por outros usuários.¹³ (A popularidade do 4chan deu origem a uma variedade de outros “chans” incluindo 8chan, 2chan e Wizardchan. Consulte a seção “Fóruns e Quadros de Mensagem” adiante para mais informações.)

A maioria dos fóruns do 4chan são dedicados a tópicos apropriados para qualquer fórum de mensagens online — esportes, música, saúde. Contudo, o fórum mais notório do 4chan é /b/. Em sua origem reservado para conteúdo “aleatório”, na prática, /b/ abriga linguagem e imagens deliberadamente ofensivas — um fluxo constante e dinâmico de epítetos raciais e sexuais, pornografia e imagens horríveis escolhidas apenas por sua natureza transgressora.¹⁴ Além de produzir um discurso visual hiperexagerado, para usuários de /b/, tais imagens também funcionam como uma forma de chocar e dissuadir as pessoas de fora a entrarem na comunidade.

O estilo de *trolagem* desenvolvido pelos usuários do 4chan/b/ pode ser caracterizado por quatro propriedades que são fundamentais para entender as práticas atuais de manipulação da mídia:¹⁵

- O uso de discursos deliberadamente ofensivos;
- A antipatia pelo sensacionalismo na mídia *mainstream*;
- O desejo de criar impacto emocional nos alvos;
- A preservação da ambiguidade (Lei de Poe: “Sem uma clara indicação da intenção do autor, é difícil ou impossível apontar a diferença entre uma expressão de extremismo sincero e uma paródia do extremismo”).¹⁶

Discurso de ódio. O discurso de ódio atinge pontos sensíveis que as pessoas levam muito a sério, fazendo com que esse seja o tipo de limite moral que usuários do 4chan amam ultrapassar. Esse tipo de discurso é, em sua essência, direcionado a minorias raciais, a minorias sexuais e a mulheres, e o 4chan assume que todos são homens brancos até que se prove o contrário.¹⁷ Os usuários do fórum normalmente classificam o uso despreocupado de “b*cha” ou “n*gão” como humor irônico, ou também como uma maneira de manter limites: pessoas ofendidas com tal discurso vão ficar longe de espaços que fazem uso dele, como pretendido. Essa prática também se encaixa ao compromisso extremo com a “liberdade de expressão”, bastante ligado ao discurso polarizado contra o politicamente correto.

¹² Michael S. Bernstein et al., “4chan and /b/: An Analysis of Anonymity and Ephemerality in a Large Online Community”, in *Proceedings of the Fifth International AAAI Conference on Weblogs and Social Media (ICWSM)*, AAAI Press, 2011), 50-57, <http://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/ICWSM11/paper/download/2873/4398/>.

¹³ Matthew Trammell, “User Investment and Behavior Policing on 4chan,” *First Monday* 19, no. 2 (2014), <http://ojphi.org/ojs/index.php/fm/article/view/4819>.

¹⁴ Phillips, “The House That Fox Built.”

¹⁵ Coleman, *Hacker, Hoaxer, Whistleblower, Spy*; Whitney Phillips, *This Is Why We Can't Have Nice Things: Mapping the Relationship Between Online Trolling and Mainstream Culture* (Cambridge, MA: MIT Press, 2015); Phillips, Beyer, and Coleman, “Trolling Scholars Debunk the Idea That the Alt-Right's Shitposters Have Magic Powers”.

¹⁶ Andrew Gelman, “Poe's Law in Action”, *The Washington Post*, February 4, 2014, <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2014/02/04/poes-law-in-action/>; Scott F. Aikin, “Poe's Law, Group Polarization, and the Epistemology of Online Religious Discourse”, SSRN Scholarly Paper (Rochester, NY: Social Science Research Network, January 23, 2009), <https://papers.ssrn.com/abstract=1332169>.

¹⁷ Whitney Phillips, que escreveu sua dissertação de doutorado sobre o 4chan, argumenta que a retórica troll “se baseia em noções de vitória e dominação fortemente ligadas às questões de gênero, e... é usada para silenciar, punir e corrigir discursos 'suaves' ou vistos como femininos” (*This Is Why We Can't Have Nice Things*, 167) e que “anons tomam sua própria branquitude como certa” (“The House That Fox Built”, 497).

Trolar a mídia *mainstream* para explorar o gosto dela pelo espetáculo, exclusividade e comoção não é apenas o passatempo preferido dos trolls, mas também é usado como justificativa para suas atitudes.

Trolagem e mídia mainstream. Whitney Philips, que faz pesquisa sobre internet, argumenta que a maioria das trolagens é reação à mídia mainstream, particularmente ao pânico moral causado por programas de entrevista e noticiários.

Ela dá um exemplo ilustrativo: um usuário do 4chan se passou por um pedófilo em fóruns gerenciados pelo programa da Oprah com uma história ridícula e exagerada de ter “mais de 9000” pênis para estuprar crianças. (A frase “mais de 9000” vem do desenho dos anos 1990 *Dragon Ball Z* e era uma piada interna popular no 4chan na época.)*

A equipe de Oprah acreditou na história e a apresentadora avisou ao seu público de que uma conhecida rede de pedofilia “tinha mais de 9000 pênis e eles estão... estuprando... crianças.”¹⁸ Trolar a mídia *mainstream* para explorar o gosto dela pelo espetáculo, exclusividade e comoção não é apenas o passatempo preferido dos trolls, mas também é usado como *justificativa* para suas atitudes. Isso permite que os trolls mantenham um argumento quase moral de que, ao trolar, eles estão expondo a hipocrisia, ignorância e a estupidez da mídia *mainstream*.

Efeito emocional. O objetivo da *trolagem* é gerar reações emocionais negativas em seus alvos e, por isso, requer uma certa falta de empatia. Às vezes, os trolls se distanciam de suas vítimas construindo argumentos do porquê elas merecem o abuso. Esse é o caso de muitos trolls do Facebook que postam imagens grotescas e piadas em memoriais virtuais para adolescentes falecidos, justificando que isso é uma reação aos santíssimos “turistas do luto” que fingem se importar com pessoas as quais não conheciam.¹⁹ Em outros casos, trolls zombam que seus alvos se importam muito com a internet, que, afinal, não é a “vida real.” A habilidade de criar esse tipo de reação é apresentada como se fosse um jogo, com trolls trabalhando em conjunto para “ganhar pontos” — uma resposta indignada, revoltada ou triste é a principal meta.

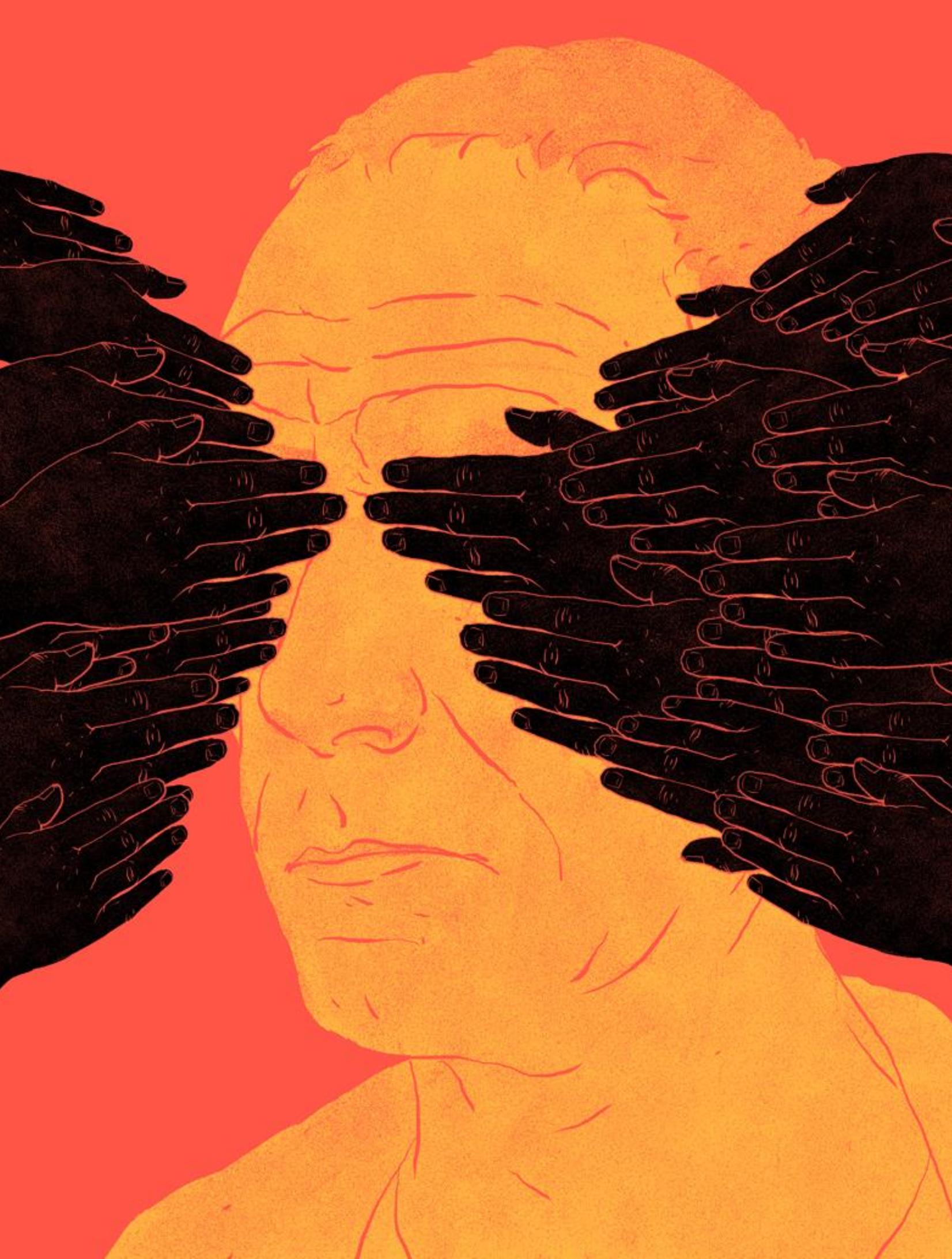
Lei de Poe. Um troll bem-sucedido brinca com a ambiguidade de tal modo que o público nunca tem certeza se ele está falando sério ou não. Isso é uma característica fundamental em muitos espaços subculturais, onde discursos e conteúdos racistas são propagados de modo que possam ser lidos tanto como *trolagem* contra o politicamente correto quanto como racismo genuíno.²⁰ Muitas vezes determinar a verdadeira intenção é impossível, sobretudo porque, em sua maioria, os participantes são anônimos.

* N.T. Embora texto original traga “mais de 9000”, na dublagem brasileira de *Dragon Ball Z* a frase é “mais de 8000” - que viralizou no Brasil também. Essa diferença vem de uma alteração feita durante a tradução do japonês (que era “mais de 8000”) para o inglês. Para saber mais sobre esse caso, ler o artigo “Over 9000: *Dragon Ball Z* Most Famous Line is a Mistranslation” do site Screen Rant.

¹⁸ Phillips, *This Is Why We Can't Have Nice Things*, 66.

¹⁹ Alice E. Marwick and Nicole B. Ellison, “There Isn't Wifi in Heaven!’ Negotiating Visibility on Facebook Memorial Pages”, *Journal of Broadcasting & Electronic Media* 56, no. 3 (2012): 378-400, doi:10.1080/08838151.2012.705197.

²⁰ Ryan Milner, “Hacking the Social: Internet Memes, Identity Antagonism, and the Logic of Lulz”, *The Fibreculture Journal*, no. 22 (2013), <http://twentytwo.fibreculturejournal.org/fcj-156-hacking-the-social-internet-memes-identity-antagonism-and-the-logic-of-lulz/>.



GAMERGATERS

Na última década, a comunidade que se identifica como “gamer”, organizada, em grande parte, em torno do consumo de videogames, foi recém-politizada. Embora muitos homens *nerds* sejam privilegiados em termos de raça e gênero, a identidade *geek* tem uma reputação de longa data por sofrer formas de opressão social.²¹ Eles podem ter sofrido *bullying* de um “valentão” (gíria para o estereótipo do “mano” bronzeado e musculoso) ou ter enfrentado dificuldades em estabelecer relacionamentos românticos. Podem ser desempregados e pouco instruídos. Isso se reflete em alguns dos termos que eles usam para se descrever, como “betas” (homens não-alfa, fracos, prejudicados, frágeis ou patéticos) ou “NEETs” (Não Engajados em Empregos ou em Treinamentos, um termo que se originou em um relatório da Social Exclusion Task Force (forçatarefa de exclusão social) do governo britânico). Por isso, são muito hostis às discussões sobre privilégio branco e masculino, pois não se reconhecem como privilegiados, mas sim como desfavorecidos.²²

Isso é bem demonstrado pelo Gamergate, um movimento online que usou estratégias e táticas da cultura participativa para atingir críticos da mídia feminista e desenvolvedores de jogos. As origens do Gamergate são complicadas. Resumidamente, a desenvolvedora de software Zoe Quinn

“Gamergater” se tornou uma abreviação para um tipo específico de masculinidade geek que se sente vitimada e desprivilegiada pela sociedade mainstream, particularmente o feminismo popular.

tornou-se alvo de uma brigada organizada depois que seu ex-namorado publicou um textão de 10.000 palavras sobre ela em seu blog. Ele alegou que Quinn mentiu para ele, o traiu e, o mais prejudicial, dormiu com um crítico de videogame para obter avaliação positiva para seu jogo *Depression Quest*. Embora

essas afirmações fossem questionáveis, elas levaram a um assédio significativo de Quinn sob o pretexto de reformar a “ética no jornalismo de videogames”.

“Gamergater” se tornou uma abreviação para um tipo específico de masculinidade *geek* que se sente vitimizada e desprivilegiada pela sociedade *mainstream*, particularmente pelo feminismo popular.²³ Quando críticas da mídia feminista, como Anita Sarkeesian, debruçam-se sobre o cenário das mulheres nos videogames, esse grupo afirma que a cultura deles está sendo atacada e que sua liberdade de expressão está sendo violada, abrindo oportunidade para interpretar a crítica feminista como sistema opressor da identidade *geek*. Esses indivíduos — que são muitas vezes, mas não sempre, jovens homens brancos — enxergam a cultura *gamer*, e principalmente a cultura *nerd/geek*, como um refúgio sob o cerco do “politicamente correto” e dos “guerreiros da justiça social”.²⁴

²¹ Ran Almog and Danny Kaplan, “The Nerd and His Discontent: The Seduction Community and the Logic of the Game as a Geeky Solution to the Challenges of Young Masculinity”, *Men and Masculinities*, 2015, 1097184X15613831; E. Zekany, “The Gendered Geek: Performing Masculinities in Cyber-space”, *Unpublished Masters Dissertation, Budapest, Central European University*, 2011, http://www.etd.ceu.hu/2011/zekany_eva.pdf.

²² Adrienne Massanari, “#Gamergate and The Fappening: How Reddit’s Algorithm, Governance, and Culture Support Toxic Technocultures”, *New Media & Society*, October 9, 2015, <http://nms.sagepub.com/content/early/2015/10/07/1461444815608807>.

²³ Ibid.; Andrea Braithwaite, “It’s About Ethics in Games Journalism? Gamergaters and Geek Masculinity”, *Social Media + Society* 2, no. 4 (November 1, 2016): 2056305116672484, doi:10.1177/2056305116672484; Sarah Banet-Weiser and Kate M. Miltner, “#MasculinitySoFragile: Culture, Structure, and Networked Misogyny,” *Feminist Media Studies* 16, no. 1 (2016): 171-174.

²⁴ Braithwaite, “It’s About Ethics in Games Journalism?”

Desde então, os registros de bate-papo do IRC revelaram que um grupo de usuários do 4chan construiu estrategicamente o Gamergate para promover o apoio entre uma variedade diversificada de membros, incluindo ativistas pelos Direitos dos Homens, jornalistas, *gamers* e comentaristas políticos conservadores em prol do assédio.²⁵ Ao propor que esses grupos trabalhassem juntos, os manipuladores foram capazes de amplificar a importunação à Quinn e outras críticas feministas de videogame, como Anita Sarkeesian e Brianna Wu²⁶. Esse assédio foi concentrado principalmente no Twitter com a *hashtag* #gamergate, usada para insultar feministas e mulheres na indústria do videogame muito mais do que foi usada para discutir a ética das análises dos videogames.²⁷ Mais que isso, *trolls* com interesse em videogames usaram a *hashtag* para criar mais caos, o que foi considerado culpa do Gamergate.²⁸

Embora a atividade em torno do Gamergate tenha sido amplamente combatida, ela foi um momento crucial para o desenvolvimento de táticas, estratégias e habilidades subculturais online. Em especial, três táticas usadas durante o Gamergate podem nos ajudar a entender o surgimento subsequente da “*alt-right*”:

- Brigadas organizadas
- Grupos ágeis em rede
- Populismo retrógrado

Brigadas organizadas. Sarkeesian refere-se a esses grupos como “cybermobs” - coletivos que engajam uma competição cooperativa para aumentar o dano a suas vítimas, reforçando a dominância social sobre os grupos marginalizados.²⁹ Pessoas que trabalham juntas para obter informações pessoais sobre seus alvos. Elas ganham status nas suas comunidades conforme potencializam o assédio. Dessa forma, o assédio online, assim como a *trolagem*, torna-se informalmente gamificado.

Grupos ágeis em rede. O caso Gamergate mostrou que grupos de pessoas com todos os tipos de conflitos ideológicos — de supremacistas brancos a libertários, a fãs de videogames e a ativistas dos Direitos dos Homens — podem e vão se juntar em prol de uma causa comum, desaparecendo tão rápido quanto se uniram. Esses grupos estão em *rede* e são *ágeis*.

Populismo retrógrado. Aqueles que participaram do Gamergate afirmaram que o feminismo — e as causas progressistas em geral — estão tentando sufocar um de seus valores mais estimados,

²⁵ Casey Johnston, “Chat Logs Show How 4chan Users Created #GamerGate Controversy”, *Ars Technica*, September 9, 2014, <https://arstechnica.com/gaming/2014/09/new-chat-logs-show-how-4chan-users-pushed-gamergate-into-the-national-spotlight/>; David Futrelle, “Zoe Quinn’s Screenshots of 4chan’s Dirty Tricks Were Just the Appetizer. Here’s the First Course of the Dinner, Directly from the IRC Log”, *We Hunted The Mammoth*, September 8, 2014, <https://wehuntedthemammoth.com/2014/09/08/zoe-quinn-screenshots-of-4chans-dirty-tricks-were-just-the-appetizer-heres-the-first-course-of-the-dinner-directly-from-the-irc-log/>.

²⁶ Shira Chess and Adrienne Shaw, “A Conspiracy of Fishes, Or, How We Learned to Stop Worrying About #Gamergate and Embrace Hegemonic Masculinity”, *Journal of Broadcasting & Electronic Media* 59, no. 1 (2015): 208-220.

²⁷ Jean Burgess and Ariadna Matamoros-Fernández, “Mapping Sociocultural Controversies across Digital Media Platforms: One Week Of #Gamergate on Twitter, YouTube, and Tumblr”, *Communication Research and Practice* 2, no. 1 (2016): 79-96.

²⁸ David Auerbach and Jacob Weisberg, “How to End Gamergate”, *Slate*, October 28, 2014, http://www.slate.com/articles/technology/bitwise/2014/10/how_to_end_gamergate_a_divide_and_conquer_plan.html.

²⁹ TEDx Talks, *Anita Sarkeesian at TEDxWomen 2012*, TEDx Women (Washington D.C., 2012), <https://www.youtube.com/watch?v=GZAxwsg9J9Q>

a liberdade de expressão.³⁰ Eles estão reagindo ao que veem como a dominação do mundo pelo multiculturalismo global e a ascensão do feminismo popular. Trata-se de uma ideologia populista retrógrada, que reage com violência a sugestões de privilégio masculino branco, diretamente ligada à linguagem do Movimento dos Direitos dos Homens, também presente nas mensagens da *alt-right*.³¹

No fim das contas, o Gamergate demonstrou o refinamento de uma variedade de técnicas de assédio público gamificado — incluindo *doxing* (publicação de informações pessoais online), pornografia de vingança (espalhando fotos íntimas para além de seus destinatários pretendidos), vergonha social e intimidação. Ele também forneceu uma visão sobre o gênero como um ponto de encontro chave para uma série de subculturas online. Além disso, estabeleceu as condições para a ascensão da *alt-right*. Vários dos que promoveram mais ativamente o Gamergate, agora são figuras centrais da *alt-right*, incluindo Milo Yiannopolous, Vox Day (Theodore Beale), Matt Forney (do blog sobre Direitos dos Homens *Return of Kings*), e Andrew “weev” Auernheimer. O sucesso do Gamergate em mobilizar os jogadores para promover uma agenda ideológica indica o quanto é fértil a radicalização de comunidades que se baseiam em interesses comuns.

GRUPOS DE ÓDIO E IDEÓLOGOS

Grupos nacionalistas brancos e supremacistas brancos têm usado a Internet, há muito tempo, na esperança de recrutar novos membros, mas aumentaram sua visibilidade com o surgimento da autodenominada “*alt-right*”.³² A “machosfera” é uma coleção desarticulada de blogs e fóruns dedicados aos Direitos dos Homens, estratégia sexual e misoginia. Ambos os grupos podem usar táticas de *trolagem* para chamar a atenção às suas causas ou se apresentarem como mais sérios e acadêmicos.

ALT-RIGHT

O termo foi cunhado por Richard Spencer em 2008, para descrever visões políticas de direita em desacordo com o *establishment* conservador.³³ Spencer, um graduado altamente instruído pela escola preparatória (e desistente do doutorado na Duke University), acabou fundando a publicação *AlternativeRight.com* e se tornou chefe do National Policy Institute (NPI), uma instituição de nacionalistas brancos.³⁴ Suas várias publicações e grupos afiliados (*VDARE.com*; *American Renaissance*; *The Occidental Quarterly*; *Counter-Currents Publishing*) foram uma tentativa de intelectualizar a ideologia de supremacia branca (A revista *Radix* do NPI se parece, mais ou menos, com um jornal acadêmico de esquerda, e publica o que chama de “teoria crítica”).

³⁰ Alice E. Marwick, “Are There Limits to Online Free Speech?”, *Data & Society: Points*, January 5, 2017, <https://points.datasociety.net/are-there-limits-to-online-free-speech-14dbb7069aec#rg5fhgf34>.

³¹ Banet-Weiser and Miltner, “#MasculinitySoFragile”.

³² Jessie Daniels, *White Lies: Race, Class, Gender and Sexuality in White Supremacist Discourse* (New York: Routledge, 1997); Jessie Daniels, *Cyber-Racism: White Supremacy Online and the New Attack on Civil Rights* (Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2009).

³³ Matthew N. Lyons, “Ctrl-Alt-Delete: The Origins and Ideology of the Alternative Right” (Somerville, MA: Political Research Associates, January 20, 2017), <http://www.politicalresearch.org/2017/01/20/ctrl-alt-delete-report-on-the-alternative-right/>.

³⁴ “About”, Richard B. Spencer, 2015, <http://richardbspencer.com/about/>.



Ao renomear “nacionalismo branco” ou “supremacia branca” por “alt-right”, esses grupos aproveitaram o fascínio da mídia por novidade para darem às suas ideias uma exposição em massa.

O termo “*alt-right*”, no entanto, cumpriu vários outros objetivos. Como um neologismo, ele permitiu que ideias, por muito tempo não aceitas pela mídia *mainstream*, se infiltrassem no discurso público³⁵. No campo político, isso é chamado de “abrir a janela de Overton” ou expandir o âmbito do que é politicamente

aceitável³⁶. Ao renomear “nacionalismo branco” ou “supremacia branca” por “*alt-right*”, esses grupos aproveitaram o fascínio da mídia por novidade para darem às suas ideias uma exposição em massa. O blog antissemita *The Daily Stormer* foi o pioneiro em uma série de elementos estéticos da *alt-right*, muitos dos quais foram copiados diretamente da cultura dos fóruns: *memes*, ficção científica dos anos 1980, música italo-disco/synth-pop e, como diz o fundador Andrew Anglin: “Nazismo não irônico disfarçado de nazismo irônico”.³⁷ Assim, o nacionalismo branco foi reprojetoado para atrair os *millennials*.

O termo “*alt-right*” é impreciso de forma conveniente. Por um lado, descreve uma cultura agressiva de *trolagem*, presente em /b/ e /pol/, que abomina o liberalismo de *establishment* e o conservadorismo; abraça a ironia e as piadas internas, e usa o discurso extremista para provocar raiva nos outros.³⁸ Por outro lado, denota um conglomerado desarticulado de blogs, fóruns, podcasts e personalidades do Twitter, unidos por um ódio ao liberalismo, feminismo e multiculturalismo.³⁹ Pela Lei de Poe, é impossível determinar quais dessas pessoas são “sérias” e quais são “irônicas”. Mesmo entre aquelas que parecem ideologicamente comprometidas – por exemplo, pessoas gerando milhares de palavras semanalmente nas postagens em blog, discutindo o impacto da imigração na Europa - o grupo é diverso em suas crenças e marcado por constantes disputas internas e bate-bocas. Pessoas que a mídia *mainstream* vê como “líderes” da *alt-right*, como Richard Spencer e Milo Yiannopolous, não são, de forma alguma, universalmente acolhidas, ou sequer aceitas. Da mesma forma, algumas mídias da *alt-right* (como o *The Daily Stormer* ou *Fash The Nation*) são explícitas em seu apoio ao antissemitismo e neonazismo, enquanto outras os condenam.⁴⁰ É muito difícil tentar conseguir uma coerência nesse conglomerado desarticulado. A ambiguidade é uma estratégia que permite aos participantes se dissociarem de elementos pouco atraentes, ao mesmo tempo que promove o movimento geral.⁴¹

No geral, a *alt-right* é caracterizada por uma cultura bastante irônica e autorreferencial, na qual o antissemitismo, referências ao ocultismo e imagens nazistas podem ser explicados como

³⁵ Matthew Goerzen, “The Memes of Production: Memetic Warfare, Tactical Trolling, and Cognitive Hacking in a Post-Truth Polis”, Unpublished Manuscript, 2017.

³⁶ Bill Rehkopf, “The ‘Overton Window’ and How Trump Won the Nomination with It”, TheHill, October 1, 2016, <http://thehill.com/blogs/pundits-blog/presidential-campaign/298417-the-overton-window-and-how-trump-won-the-nomination>.

³⁷ Andrew Anglin, “A Normie’s Guide to the Alt-Right”, Daily Stormer, August 31, 2016, <http://www.dailystormer.com/a-normies-guide-to-the-alt-right/>; M. Ambedkar, “The Aesthetics of the Alt-Right”, Post-Office Arts Journal, February 11, 2017, <http://baltimore-art.com/2017/02/11/the-aesthetics-of-the-alt-right/>.

³⁸ Chava Gourarie, “How the ‘alt-Right’ Checkmated the Media”, Columbia Journalism Review, August 30, 2016, https://www.cjr.org/analysis/alt_right_media_clinton_trump.php.

³⁹ Goerzen, “The Memes of Production: Memetic Warfare, Tactical Trolling, and Cognitive Hacking in a Post-Truth Polis”.

⁴⁰ Southern Poverty Law Center, “Andrew Anglin”, Southern Poverty Law Center, 2016, <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/individual/andrew-anglin>.

⁴¹ Goerzen, “The Memes of Production: Memetic Warfare, Tactical Trolling, and Cognitive Hacking in a Post-Truth Polis”.

totalmente sinceros ou completamente sarcásticos. Muitos apoiadores da *alt-right* argumentam de forma incisiva contra os rótulos de racismo e neonazismo. Allum Bokhari e Milo Yiannopoulos explicaram: “Eles [usuários do 8chan/pol] são mesmo fanáticos? Não mais do que fãs de *death metal* nos anos 1980 que eram, de fato, satanistas. Para eles, é só uma forma de perturbar seus avós”.⁴² Essa perspectiva sustenta que, para os usuários do 8chan, defender Hitler é apenas um movimento estratégico para irritar e impedir que pessoas de fora participem. Porém, essa descrição não condiz com a realidade. Embora esses espaços sejam diversos, o nacionalismo branco (se não a supremacia branca) é uma subcorrente consolidada nas comunidades da *alt-right*. Muitas ações da *alt-right* — propagação de símbolos nazistas, ideologia anti-imigrante ou uso de epítetos raciais — apoiam a ideologia nacionalista branca. Se é sinceridade ou ironia, o resultado acaba sendo o mesmo.⁴³ Parece haver uma disposição em apoiar o nacionalismo branco, mesmo nas correntes da *alt-right* que não o adotam ou o reivindicam explicitamente como um compromisso ideológico.

Em um ensaio perspicaz, M. Ambedkar descreve a estética unificadora da *alt-right*:

- “o culto à tradição que idealiza um passado primordial (como Make America Great Again, ou o apelo de Mussolini para construir uma nova Roma, um apelo recentemente apoiado pelo nacionalista branco Richard Spencer).
- medo da diferença, seja sexual, religiosa, racial ou de gênero.
- um culto à masculinidade que tende a se manifestar na obsessão com a política sexual (como os “artistas da pegação” online (“pick-up artists”) e os papéis de gêneros hetero normativos incorporados no núcleo familiar).
- hostilidade à política parlamentar e crítica.
- uma crença na guerra permanente e culto correspondente à ação pela ação.
- um culto à tecnologia e à razão, não na forma de um culto iluminista à razão, mas para conquistar e reafirmar a desigualdade.”⁴⁴

O “culto à tradição” surge em movimentos associados a *alt-right* que defendem um retorno a um passado imaginário, onde os homens eram homens, a imigração era limitada e assim por diante. (Muitas figuras do contemporâneo Movimento pelos Direitos do Homem, como Jack Donovan – que defende o tribalismo homosocial – e Daryush “Roosh” Valizadeh, do blog *Return of Kings*, também acreditam em um retorno ao que consideram uma masculinidade pré-moderna). O blogueiro Mencius Moldbug, criador do movimento “Dark Enlightenment”, é um desenvolvedor de software e ex-libertário que acreditava que a democracia liberal era, essencialmente, incompatível com a liberdade e o mercado livre, defendendo um retorno ao feudalismo monárquico. (Seu popular blog, agora extinto, consiste basicamente em longas postagens sobre

⁴² Bokhari and Yiannopoulos, “An Establishment Conservative’s Guide to the Alt-Right”.

⁴³ Tanner Higgin, “/B/Lack up: What Trolls Can Teach Us About Race”, *The Fibreculture Journal*, no.

22 (2013): 133-51; L. Nakamura, “Don’t Hate the Player, Hate the Game: The Racialization of Labor in World of Warcraft”, *Critical Studies in Media Communication* 26, no. 2 (2009): 128-144; Caroline Jack, “How Facts Survive: Sponsored Economic Education Media and American Social Imaginaries, 1974-1986” (Doctoral Dissertation, Cornell University, 2016).

⁴⁴ Ambedkar, “The Aesthetics of the Alt-Right”.

teoria política.)⁴⁵

Tais políticas neorreacionárias operam ao lado das políticas tecnolibertárias do Vale do Silício e da ideologia californiana, uma mistura de objetivismo e determinismo tecnológico. Embora essas ideias sejam secundárias, elas são aceitas até entre alguns poderosos agentes que traçam paralelos entre feudos meritocráticos e *startups* de tecnologia.⁴⁶ Por exemplo, Balaji Srinivasan, empresário de Bitcoins e sócio da empresa de capital de risco Andreessen Horowitz, deu uma palestra na empresa Y Combinator em 2013, defendendo a saída do Vale do Silício, a qual envolveria a

Embora essas ideias sejam secundárias, elas são aceitas até entre alguns poderosos agentes que traçam paralelos entre feudos meritocráticos e startups de tecnologia.

construção “de uma sociedade *opt-in*, certamente fora dos EUA, administrada com base em tecnologia.”⁴⁷ Em seu livro *Zero to One*, Peter Thiel, financiador da empresa Moldbug, argumenta que uma das vantagens de uma *startup* é sua semelhança com uma monarquia, na qual o líder tem todo o poder, mas também toda a responsabilidade, caso a empresa falhe, diferente de uma democracia, a qual ele vê como incompatível com o sucesso da *startup*.⁴⁸

A ideologia *alt-right* não é nada nova. Em sua incisiva obra sobre “as origens e a ideologia da Direita Alternativa”, Matthew Lyons identifica dois grupos arraigados ao fascismo e contra a promoção neoliberal da imigração e globalização em nome do livre comércio. Os primeiros são os paleoconservadores, que, na década de 1980, se mobilizaram contra o pensamento neoconservador dominante sobre o livre comércio, o intervencionismo e a imigração. Eles são a encarnação moderna do movimento isolacionista America First dos anos 1940. O segundo é o European New Right, que tentou reformular a ideologia fascista, apropriando-se da linguagem e das estratégias liberais, e contrário ao multiculturalismo e à globalização.⁴⁹ Embora ambos os movimentos mantenham suas próprias identidades distintas da *alt-right*, às vezes com embates internos acirrados, as ideologias secundárias são inegavelmente amigáveis. Por exemplo, o entusiasmo pela candidata francesa à presidência Marine Le Pen demonstra linhas de convergência entre o partido Frente Nacional da França (a versão moderna da Nova Direita) e a *alt-right*.

A MACHOSFERA

A chamada machosfera é uma difusão de blogs, fóruns e websites dedicados a discutir a masculinidade. Suas duas subculturas mais significantes são os Ativistas dos Direitos dos Homens (MRAs, sigla de “Men's Rights Activists”) e os artistas da pegação (PUAs, sigla de “pick-up artists”, mas ela também inclui antifeministas, grupos de direitos dos pais, “incels” (celibatários

⁴⁵ Matt K. Lewis, “Why Are U.S. Conservatives so Obsessed with Monarchies?”, The Week, January 6, 2014, <http://theweek.com/articles/453564/why-are-conservatives-obsessed-monarchies>; RationalWiki Contributors, “Neoreactionary Movement”, RationalWiki, March 5, 2017, http://rationalwiki.org/w/index.php?title=Neoreactionary_movement&oldid=1800822.

⁴⁶ Klint Finley, “Geeks for Monarchy: The Rise of the Neoreactionaries”, TechCrunch, November 22, 2013, <http://social.techcrunch.com/2013/11/22/geeks-for-monarchy/>; R. Barbrook and A. Cameron, “The Californian Ideology”, *Science as Culture* 6, no. 1 (1996): 44-72.

⁴⁷ Balaji Srinivasan, “Silicon Valley’s Ultimate Exit”, Genius, October 25, 2013, <https://genius.com/Balaji-srinivasan-silicon-valleys-ultimate-exit-annotated>

⁴⁸ Samuel Hammond, “Peter Thiel’s Plan to Become CEO of America”, Soapbox, August 3, 2016, <https://medium.com/soapbox-dc/peter-thiels-plan-to-become-ceo-of-america-715857ceaaa7>; Finley, “Geeks for Monarchy.”

⁴⁹ Lyons, “Ctrl-Alt-Delete”, 2-4.

involuntários), andrófilos (homens atraídos pelo mesmo sexo e que não se identificam como homossexuais), paleomasculinistas (que acreditam que a dominação masculina é natural) e grupos marginais ainda mais obscuros.⁵⁰

Embora diferentes coisas motivem os membros da machosfera, eles compartilham uma visão bastante deplorável das mulheres como criaturas instáveis e oportunistas que estão procurando constantemente manipular homens de “alta classe” (conhecidos coletivamente como “valentões” ou “alfas”) e explorá-los visando ao dinheiro deles.⁵¹ (Artistas da pegação imitam homens de alta classe para levar para a cama o maior número possível de mulheres; MRAs evitam feministas, dando preferência a mulheres que se conformam aos papéis tradicionais de gênero; e grupos marginais como Men Going Their Own Way (Homens seguindo seu próprio caminho) abdicam completamente das mulheres)⁵². Esses grupos compartilham uma forte antipatia pelas feministas, que consideram causadoras de emasculação, e pelo “politicamente correto”, que veem como censura. Mark Potok, do Southern Poverty Law Center, caracteriza a machosfera como “um submundo de grupos e indivíduos defensores dos chamados Direitos dos Homens na internet, que está repleto de misoginia extremamente pesada contra as mulheres”.⁵³

Com frequência, a machosfera adota tropos liberais de opressão para retratar os homens como vítimas de um feminismo que já foi longe demais. *The American Prospect* escreveu que os “MRAs alegam ser um movimento pela mudança positiva, com a finalidade declarada de tornar os homens reconhecidos como uma classe oprimida – e as mulheres, especialmente, mas não exclusivamente as feministas, como opressoras dos homens.”⁵⁴

ATIVISMO DOS DIREITOS DOS HOMENS

O Movimento dos Direitos dos Homens (MRM, sigla de “Men’s Rights Movement”) surgiu no final dos anos 1960 e começo dos 1970 entre estudantes universitários do sexo masculino em resposta à segunda onda do feminismo.⁵⁵ No início, o movimento dos Direitos dos Homens reconhecia os males do sexismo, mas também visava a chamar a atenção para os muitos fardos enfrentados pela consciência masculina na sociedade patriarcal, ligados à saúde, à vida emocional e às relações.⁵⁶ Na década de 1980, surgiu o movimento mitopoético dos homens, que rejeitou o movimento masculino pró-feminista inicial e, em vez disso, argumentou que os homens na

⁵⁰ Lise Gotell e Emily Dutton, “Sexual Violence in the ‘Manosphere’: Antifeminist Men’s Rights Discourses on Rape”, *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy* 5, no. 2 (2016): 65-80; Mary Lilly, “The World Is Not a Safe Place for Men’: The Representational Politics of the Mano- sphere” (Tese de doutorado em Political Science, Université d’Ottawa/University of Ottawa, 2016), <https://www.ruor.uottawa.ca/handle/10393/35055>.

⁵¹ Maggie Freleng, “A Man’s Right to Combat the ‘Manosphere’ and Hatred”, *VitaminW*, November 3, 2013, <http://vitaminw.co/culture-society/mens-rights-and-man-boobz-in-manosphere>.

⁵² Jaclyn Friedman, “A Look Inside the ‘Men’s Rights’ Movement That Helped Fuel California Alleged Killer Elliot Rodger”, *The American Prospect*, October 24, 2013, <http://prospect.org/article/look-inside-mens-rights-movement-helped-fuel-california-alleged-killer-elliott-rodger>.

⁵³ Alissa Pry e Alexa Valiente, “Women Battle Online Hate From the ‘Manosphere’”, *ABC News*, October 16, 2013, <http://abcnews.go.com/Technology/women-battle-online-anti-women-hate-manosphere/story?id=20579038>.

⁵⁴ *Ibid.*

⁵⁵ Michael A. Messner, “The Limits of ‘The Male Sex Role’ An Analysis of the Men’s Liberation and Men’s Rights Movements’ Discourse”, *Gender & Society* 12, no. 3 (1998): 255-276; Emily Shire, “A Short Guide to the Men’s Rights Movement”, *The Week*, October 25, 2013, <http://theweek.com/articles/457925/short-guide-mens-rights-movement>.

⁵⁶ Messner, “The Limits of ‘The Male Sex Role’ An Analysis of the Men’s Liberation and Men’s Rights Movements’ Discourse”.

sociedade moderna estavam sendo feminizados e afastados de sua verdadeira natureza masculina.⁵⁷

Esse movimento, embora supostamente em benefício de todos os homens, silenciosamente articulou as políticas de gênero como brancas.⁵⁸ O movimento mitopoético dos homens falou à paranoia pública sobre as mudanças em torno da branquitude como categoria social e da “individualidade masculina branca como uma identidade fragilizada e sitiada”.⁵⁹ A dominância

Apesar da existência de múltiplos grupos de Direitos dos Homens, a maioria deles tem um conjunto de valores e uma orientação ideológica razoavelmente consistentes. Sua crença central é de que homens e meninos no mundo ocidental estão marginalizados ou em risco e precisam de defesa.

dos homens brancos na sociedade tem sido cada vez mais desafiada desde a década de 1960, dado o aumento de mulheres brancas e pessoas negras no ambiente de trabalho; dos movimentos populares em torno do feminismo, dos direitos LGBTQ e das identidades étnicas e raciais; e da instabilidade econômica e da transição de uma economia de manufatura para uma de serviços.⁶⁰ Como resultado, muitos homens heterossexuais de classe média,

brancos e de meia-idade não experienciam nem se veem como poderosos — na verdade, sentem-se impotentes e necessitam de defesa.⁶¹ Não é nenhuma surpresa que muitos homens atualmente envolvidos no Movimento dos Direitos dos Homens se encaixem nessa mesma demografia.

Apesar da existência de múltiplos grupos de Direitos dos Homens, a maioria deles tem um conjunto de valores e uma orientação ideológica razoavelmente consistentes. Sua crença central é de que homens e meninos no mundo ocidental estão marginalizados ou em risco e precisam de defesa.⁶² A maioria dos ativistas dos Direitos dos Homens tentam obter reconhecimento por essa causa e fazem campanha pelos Direitos dos Homens em áreas como direito da família, paternidade, reprodução, serviço militar obrigatório e educação. Os MRAs tentam provar a validade de suas reivindicações, fomentando diversas estruturas e narrativas, o que tem conseguido bastante sucesso em promover sua causa e atrair novos membros. Essas narrativas

⁵⁷ Michael Kimmel, *Manhood in America: A Cultural History* (Oxford, UK: Oxford University Press, 2011); Messner, “The Limits of ‘The Male Sex Role’ An Analysis of the Men’s Liberation and Men’s Rights Movements’ Discourse”.

⁵⁸ Daniels, *White Lies: Race, Class, Gender and Sexuality in White Supremacist Discourse*.

⁵⁹ Liam Kennedy, “Alien Nation: White Male Paranoia and Imperial Culture in the United States”, *Journal of American Studies* 30, no. 1 (April, 1996): 87, doi: <https://doi.org/10.1017/S0021875800024336>; “Com quase todos os principais jornais e inúmeras revistas, livros, programas de rádio e televisão populares retratando uma nação em grave declínio social e econômico. Uma sensação generalizada de crise emerge da miríade de causas desse declínio percebido aqui e no exterior. Internamente, comentaristas alimentam debates ideológicos e pânico moral sobre problemas de crime, drogas, valores familiares, balcanização etnoracial e multiculturalismo. Externamente, os finais incertos da Guerra Fria e a liderança econômica emergente de nações asiáticas têm encorajado os réquiens para o Império Americano. Esses discursos de declínio evidenciam uma paranoia coletiva a respeito das significativas mudanças econômicas, políticas e sociais que abalaram a coerência e a coesão dos mitos e ideologias nacionais da americanidade. Uma característica notável dessa paranoia é que ela levou a um crescente reconhecimento da branquitude como categoria social e, mais particularmente, da individualidade masculina branca como uma identidade fragilizada e sitiada. Quero comentar algumas características gerais dessa paranoia como um significante da branquitude e examinar como ela tem sido tratada como uma questão de representação no cinema de Hollywood”.

⁶⁰ Michael Kimmel, *Manhood in America: A Cultural History* (New York: The Free Press, 1996).

⁶¹ *Ibid.*

⁶² Warren Farrell, *The Myth of Male Power* (New York: Berkley Books, 1993); Christina Hoff Sommers, *The War Against Boys: How Misguided Feminism Is Harming Our Young Men* (New York: Simon and Schuster, 2000); Cathy Young, “The Broken Dialogue on Men’s Rights”, *The Boston Globe*, July 31, 2013, <https://www.bostonglobe.com/opinion/2013/07/31/who-hurting-men-rights-movement/HmoV7KuZdAMk9q8HSICgIO/story.html>.

incluem a ideia de que homens e meninos são vitimados; que as feministas, em particular, são as perpetradoras de tais ataques; e que a desinformação, o politicamente correto e as pautas liberais são usadas para esconder a verdade do público em geral.

Os MRAs há muito tempo se reúnem online. Blogs e fóruns associados ao MRM incluem *A Voice for Men*, administrado pelo conhecido MRA Paul Elam, *Return of Kings*, *Chateau Hartiste*, *Vox Populi*, *Sluthate.com*, e as comunidades dos Direitos dos Homens e “redpill” (uma referência a tomar a “pílula vermelha” do filme *Matrix*). Essas comunidades compartilham um vocabulário comum e muitas vezes coincidem com os movimentos *alt-right* e neorreacionários.⁶³

ARTISTAS DA PEGAÇÃO

A “comunidade da sedução” procura ser um movimento de autoajuda que ensina os homens — normalmente aqueles estereotipados como *nerds* — a ter sucesso com as mulheres.⁶⁴ Para se transformar de um “mané comum e frustrado” em um artista da pegação (PUA), os homens devem aprender uma série de habilidades que quebram as regras de flerte e romance. Para os artistas da pegação, a atração tem regras que podem ser praticadas, aprendidas e aperfeiçoadas, as quais são chamadas de “jogo”.⁶⁵ As complexas dinâmicas de relações são abordadas com base em regras, usando estruturas tradicionalmente masculinas, como ciência, esportes e exército, e tem apelo para homens imersos na cultura da internet e nos videogames.⁶⁶ Em seminários e workshops, em DVDs e em quadros de mensagens e fóruns, aspirantes a artistas da pegação trocam conselhos, técnicas e relatórios de campo, ou seja, narrativas de suas experiências pegando mulheres.⁶⁷ Embora os conselhos sobre namoro, compreendidos de modo geral, possam ajudar os jovens tímidos, desajeitados ou frustrados a ganhar confiança nas interações sociais, a comunidade dos artistas da pegação distorce isso ao desumanizar as mulheres e conceder todo o poder sexual aos homens.⁶⁸

A internet tem sido fundamental para a popularização das técnicas do PUA. O primeiro fórum destinado à sedução foi o *alt.seduction.fast*, um grupo Usenet fundado em 1994⁶⁹, que se transformou em um quadro de mensagens chamado “Moderated ASF.” Com a popularização da cultura da pegação em meados dos anos 2000, devido ao best-seller do jornalista Neil Strauss, *O Jogo: a bíblia da sedução* e ao subsequente *reality show* da VH1 “The Pickup Artist”, o número de fóruns online explodiu. Hoje, por exemplo, o subreddit *Seduction* tem mais de 200.000 membros. Nessas comunidades, os homens trocam dicas sobre como ser mais “alfa” e atrair mulheres por meio de uma variedade de táticas, incluindo o “negging” – o ato de se esnoabar

⁶³ Contribuidores do RationalWiki, “Manosphere”, RationalWiki, April 10, 2017,

<http://rationalwiki.org/wiki/Manosphere>.

⁶⁴ Almog and Kaplan, “The Nerd and His Discontent: The Seduction Community and the Logic of the Game as a Geeky Solution to the Challenges of Young Masculinity”.

⁶⁵ Contribuidores do RationalWiki, “Manosp Ibid.”; Daria Dayter e Sofia Rüdiger, “Reporting from the Field: The Narrative Reconstruction of Experience in Pick-up Artist Online Communities”, *Open Linguistics* 2, no. 1 (2016), doi:10.1515/opli-2016-0016; Amanda Denes, “Biology as Consent: Problematizing the Scientific Approach to Seducing Women’s Bodies”, in *Women’s Studies International Forum*, vol. 34 (Elsevier, 2011), 411-419, <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277539511000793>.

⁶⁶ Almog e Kaplan, “The Nerd and His Discontent: The Seduction Community and the Logic of the Game as a Geeky Solution to the Challenges of Young Masculinity”; Dayter e Rüdiger, “Reporting from the Field”.

⁶⁷ Dayter e Rüdiger, “Reporting from the Field”.

⁶⁸ Elana Clift, “Picking up and Acting out: Politics of Masculinity in the Seduction Community” (Bacharelado em Artes (Menção Honrosa), Universidade do Texas em Austin, 2007), <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.528.9390&rep=rep1&type=pdf>; Denes, “Biology as Consent”.

⁶⁹ Clift, “Picking up and Acting out: Politics of Masculinity in the Seduction Community”.

sutilmente de modo a deixar as mulheres ansiosas por aprovação – “kino”, ou toque, e maneiras de superar a “resistência simbólica” ou a recusa das mulheres em fazer sexo.

Embora a política de gênero da comunidade da sedução sempre tenha sido problemática, nos últimos anos, um subconjunto da arte da sedução incorporou a ideologia do ativismo pelos Direitos dos Homens. Em fóruns online como o subreddit TheRedPill ou o blog *Return of Kings*, as publicações culpam o feminismo por criar um “mercado sexual” desequilibrado no qual homens ricos, bonitos e confiantes escolhem as mulheres, enquanto a maioria dos homens é deixada em “celibato involuntário” ou se resigna a dormir com mulheres velhas ou vistas como acima do peso. Essas postagens caracterizam essa situação como não apenas contra seus desejos, mas como prejudicial à sociedade.

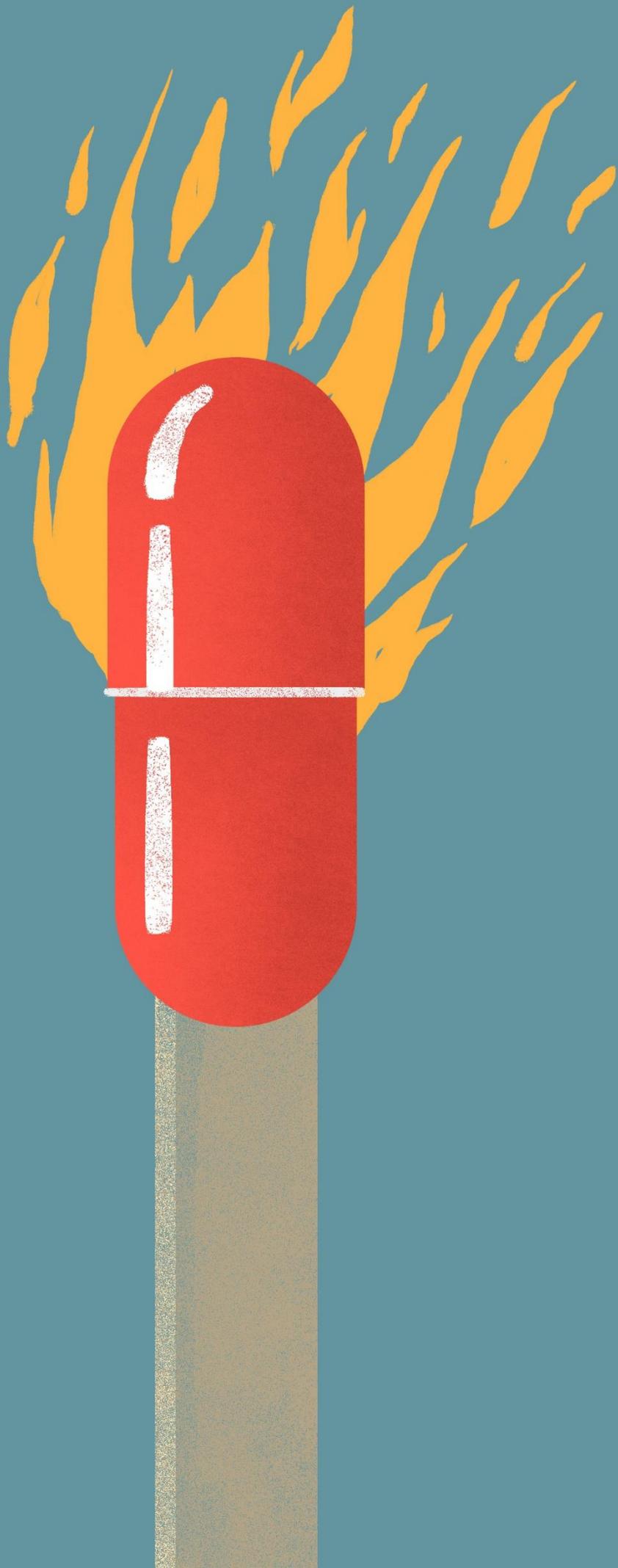
Nesse discurso, os homens são vítimas das mudanças sociais do feminismo, que desvalorizam seu status e tornam mais difícil para eles encontrar uma parceira que considerem adequada (uma mulher tipicamente atraente, que não seja promíscua ou focada na carreira e que valorize os papéis tradicionais de gênero). Uma postagem no blog *Return of Kings*, por exemplo, diz:

Não há como negar que os relacionamentos duradouros estão em declínio. Os conservadores sociais são frequentemente descritos como detestáveis e misóginos por protestarem contra a promiscuidade, mas as estatísticas não mentem. Os casamentos em que a esposa era virgem têm 80% de chance de sucesso, enquanto que para as noivas que tiveram 15 ou mais parceiros antes do matrimônio a chance é de apenas 20%. Basicamente, há um número cada vez maior de solteironas encalhadas por aí que estão começando a se arrepender de sua antiga promiscuidade e agora estão se dando conta de que provavelmente morrerão sozinhas e sem filhos.⁷⁰

Para esses usuários, as mulheres são as beneficiárias do “privilégio feminino” e desfrutam do controle da esfera doméstica, da mídia que serve às mulheres e de um sistema jurídico tendencioso contra os homens em processos de divórcio.⁷¹ Essa ideologia da “pílula vermelha” combina o ressentimento de mulheres e feministas de maneira específica com a rejeição do privilégio masculino. Ela é intrinsecamente sexista, visto que grande parte do conteúdo desses sites retrata as mulheres como emotivas e desequilibradas e os homens como lógicos e superiores. Por toda a machosfera, o feminismo é tanto uma explicação quanto um bode expiatório para a mudança de status dos homens, em especial dos homens brancos, na sociedade americana.

⁷⁰ Thomas Hobbes, “The Deregulation of The Sexual Marketplace”, Return of Kings, November 29, 2014, <http://www.returnofkings.com/48312/the-deregulation-of-the-sexual-marketplace>.

⁷¹ Charles Wickelus, “A 3 Point Primer in Modern Female Privilege”, Return of Kings, November 24, 2013, <http://www.returnofkings.com/19443/a-3-point-primer-in-modern-female-privilege>.



TEÓRICOS DA CONSPIRAÇÃO

Diversas plataformas online tornaram-se terreno fértil para o surgimento de teorias da conspiração. Sem as barreiras impostas pelos guardiões das mídias tradicionais, cineastas amadores podem postar seus próprios “documentários” sobre conspirações no YouTube.⁷² Em fóruns como o 4chan e o Reddit, usuários podem dissecar imagens de eventos em tempo real e instantaneamente criar teorias que se alinham com suas visões de mundo.⁷³ Esses grupos, com frequência, sofrem efeitos de polarização: à medida que usuários céticos deixam essas comunidades, elas se tornam câmaras de eco formadas por pessoas que compartilham a mesma mentalidade, sem exposição a nenhuma visão divergente.⁷⁴ Em geral, as teorias da conspiração expressam ansiedades de perda de controle ou de status em um determinado meio. Algumas teorias têm uma inclinação ideológica; por exemplo, o antissemitismo é um tema comum. Outras simplesmente parecem expressar uma desconfiança do governo ou de “histórias oficiais” da mídia.

No entanto, outros estudiosos mostram que as teorias podem se disseminar apenas devido a fluxos de informações falsas dentro das comunidades. Ou seja, se alguém for exposto somente a informações dominadas por teorias da conspiração, será mais provável que acredite nelas.

Teorias da conspiração são impulsionadas pela crença na existência de maquinações feitas por um grupo poderoso de pessoas, capazes de esconder sua participação em eventos e acontecimentos.⁷⁵ Essas teorias existem há centenas de anos, e os primeiros seguidores argumentavam que os Illuminati e uma facção secreta judaica estavam conspirando para dominar o mundo.⁷⁶ Teorias da conspiração mais recentes têm enfatizado explicações alternativas de

eventos específicos, como os ataques terroristas de 11 de setembro e o massacre na escola de ensino fundamental Sandy Hook. Os temas principais dessas teorias permaneceram surpreendentemente consistentes: *eles expressam, de modo confiável, ansiedades sobre a perda de controle na ordem religiosa, política ou social.*⁷⁷

No caso da extrema-direita, essas ansiedades incluem:

- Perda antecipada da hegemonia branca nos EUA, em razão de, até 2040, o país se tornar majoritariamente formado por minorias⁷⁸

⁷² Steve Clarke, “Conspiracy Theories and the Internet: Controlled Demolition and Arrested Development”, *Episteme: A Journal of Social Epistemology* 4, no. 2 (2007): 167-80.

⁷³ Michael J. Wood, Karen M. Douglas, and Robbie M. Sutton, “Dead and Alive Beliefs in Contradictory Conspiracy Theories”, *Social Psychological and Personality Science* 3, no. 6 (2012): 767-773.

⁷⁴ Daniel J. Isenberg, “Group Polarization: A Critical Review and Meta-Analysis”, *Journal of Personality and Social Psychology* 50, no. 6 (1986): 1141-51, doi:10.1037/0022-3514.50.6.1141; Cass R. Sunstein, “Deliberative Trouble? Why Groups Go to Extremes”, *The Yale Law Journal* 110, no. 1 (2000): 71-119.

⁷⁵ Cass R. Sunstein and Adrian Vermeule, “Conspiracy Theories: Causes and Cures*”, *Journal of Political Philosophy* 17, no. 2 (2009): 202-227.

⁷⁶ Richard Hofstadter, “The Paranoid Style in American Politics”, *Harper’s Magazine*, November 1964, <http://harpers.org/archive/1964/11/the-paranoid-style-in-american-politics/>.

⁷⁷ As histórias de nacionalismo muitas vezes enfatizam a anomia e a perda da habilidade de um grupo de exercer a “autodeterminação” como principais catalisadores de projetos nacionalistas.

⁷⁸ Frank Bass, “Census Bureau Says Minority Youth to Be Majority by 2019”, *Bloomberg*, December 12, 2012, <https://www.bloomberg.com/news/2012-12-12/census-bureau-says-minority-youth-to-be-majority-by-2019.html/>.

- A islamofobia ligada aos ataques terroristas de 11 de setembro e o consequente aumento do reconhecimento de muçulmanos estadunidenses como membros da sociedade norte-americana
- Medo da imigração, em particular de nações muçulmanas, como a Síria
- Medo da emasculação dos homens, ligada às transformações da masculinidade convencional e dos desafios, colocados pelo feminismo, aos papéis de gênero
- Transfobia e homofobia ligadas ao surgimento de identidades de gêneros recém-articuladas, incluindo pessoas trans e não-binárias
- Medo de uma grande conspiração judaica que controla a mídia
- Medo da perda de controle de instituições cívicas e educacionais importantes para o chamado “Marxismo Cultural” (Escola de Frankfurt de teoria crítica), que, segundo eles, dominam a cultura e os discursos populares
- Medo da destruição da moralidade e dos valores tradicionais pelas elites liberais globalistas (Clinton, Soros), que, como alguns acreditam, cultuam deuses pagãos e sacrificam crianças⁷⁹

Estudiosos identificaram diversos fatores que podem contribuir para o crescimento de teorias da conspiração. O historiador estadunidense Richard Hofstadter percebe um “estilo paranoico” ou uma mentalidade consistente na retórica política dos EUA. Hofstadter descobriu que uma minoria significativa da população era adepta a um “quadro apocalíptico e absolutista”, que ele acredita ter se originado no conflito entre classes, etnias e religiões, intrínseco à cultura estadunidense.⁸⁰ No entanto, outros estudiosos mostram que as teorias podem se disseminar apenas devido a fluxos de informações falsas dentro das comunidades. Ou seja, se alguém for exposto somente a informações dominadas por teorias da conspiração, será mais provável que acredite nelas.⁸¹ Isso é ainda mais evidente visto que as redes de mídia de extrema-direita reforçam teorias da conspiração mesmo se/quando já foram refutadas.

Independentemente de como ou por que se espalham, as teorias da conspiração podem ter efeitos negativos tangíveis. A exposição a teorias antiaquecimento global pode levar à diminuição dos esforços para reduzir a pegada de carbono de alguém, e o contato com teorias antivacinas pode levar à redução da intenção de se vacinar.⁸² Talvez o mais preocupante seja que as organizações terroristas e regimes autoritários usam consistentemente as teorias da conspiração como ferramentas de propaganda.⁸³ Mesmo em sociedades democráticas, tais teorias estão ligadas a atos de violência em massa, como o atentado de Timothy McVeigh em Oklahoma City.

⁷⁹ Rebecca Mansour, “Glenn Beck: Americans Are Worshipping Pagan Gods Baal and Moloch”, Breitbart, April 8, 2016, <http://www.breitbart.com/2016-presidential-race/2016/04/08/glenn-beck-ameri-cans-worshipping-pagan-gods-baal-moloch/>.

⁸⁰ Neil Dagnall et al., “Conspiracy Theory and Cognitive Style: A Worldview”, *Frontiers in Psychology* 6 (February 25, 2015), doi:10.3389/fpsyg.2015.00206; Hofstadter, “The Paranoid Style in American Politics”.

⁸¹ Sunstein and Vermeule, “Conspiracy Theories”.

⁸² Daniel Jolley and Karen M. Douglas, “The Effects of Anti-Vaccine Conspiracy Theories on Vaccination Intentions”, *PLoS ONE* 9, no. 2 (February 20, 2014), doi:10.1371/journal.pone.0089177; Daniel Jolley and Karen M. Douglas, “The Social Consequences of Conspiracism: Exposure to Conspiracy Theories Decreases the Intention to Engage in Politics and to Reduce One’s Carbon Footprint”, *British Journal of Psychology* 105, no. 1 (2014): 35-56, doi: <http://doi.org/10.1111/bjop.12018>.

⁸³ Jovan Byford, *Conspiracy Theories: A Critical Introduction* (New York: Palgrave Macmillan, 2011).

A mídia de massa lucrou muito com o apelo das teorias da conspiração, apesar de seu potencial para causar danos. Os canais de notícias de emissoras apresentam “documentários” investigando teorias sem refutá-las totalmente.⁸⁴ Em 2011, quando Donald Trump começou a promover a teoria da conspiração “Birther”, alegando que o presidente Obama nasceu fora dos Estados Unidos,

As comunidades online estão se voltando cada vez mais para fontes de notícias baseadas em conspirações, cujas alegações sensacionalistas são então cobertas pela mídia mainstream, que expõe ainda mais o público a essas ideias, e assim por diante.

veículos de notícias importantes como CNN e Fox News cobriram extensivamente essas alegações. Fora desse ambiente, surgiu toda uma indústria de conspiração e teoria marginal. Alex Jones, um dos teóricos da conspiração mais famosos dos Estados Unidos hoje, administra uma franquia multimídia baseada na disseminação de tais crenças. Outras

fontes de notícias surgiram nos últimos anos operando por meio de insinuações conspiratórias e tirando conclusões sugestivas de fatos públicos.

Assim, o ambiente atual da mídia consiste em um ciclo contínuo e problemático. As comunidades online estão se voltando cada vez mais para fontes de notícias baseadas em conspirações, cujas alegações sensacionalistas são então cobertas pela mídia *mainstream*, que expõe ainda mais o público a essas ideias, e assim por diante.

INFLUENCIADORES

Uma gama de *trolls*, *gamers*, ideólogos e teóricos da conspiração proeminentes online têm grande influência sobre os outros atores e desempenham um papel distinto nos esforços de manipulação da mídia. Como nós importantes nessas redes, eles detêm o poder de amplificar mensagens específicas e fazer com que crenças marginais obtenham cobertura na mídia *mainstream*. Eles incluem pessoas como Richard Spencer, o líder supremacista branco do National Policy Institute (Instituto de Política Nacional) e editor do *altright.com*, que é conhecido por ter levado um soco de um ativista antifascista em um vídeo; Andrew Anglin, o blogueiro do *Daily Stormer* que organizou grande parte dos *trolls* da *alt-right* com o objetivo de tornar o nacionalismo branco palatável para um público *millennial*; Milo Yiannopolous, personalidade da mídia antifeminista e anti-islâmica que foi removida do corpo editorial do Breitbart depois que seus comentários sobre pedofilia vieram à tona; e Andrew “weev” Auernheimer, notório *hacker* e *troll* da internet que agora usa seus talentos para espalhar ideais nacionalistas brancos.⁸⁵

Esses homens muitas vezes ganham destaque devido a uma compreensão particularmente sutil sobre o funcionamento de plataformas tecnológicas ou táticas de *hacking* para chamar a atenção.⁸⁶ Uma vez em evidência, eles exploram sua própria notoriedade para aumentar seu alcance. Auernheimer é um caso particularmente interessante: ele sempre foi uma figura significativa na cultura *chan* e *troll*, e alcançou visibilidade na mídia *mainstream* por meio de suas façanhas técnicas. Em 2010, um grupo do qual ele fazia parte, Goatse Security, encontrou uma vulnerabilidade significativa no site da AT&T, divulgou a falha e, no processo, revelou as

⁸⁴ Ibid.

⁸⁵ Mattathias Schwartz, “Malwebolence - The World of Web Trolling”, The New York Times, August 3, 2008, <http://www.nytimes.com/2008/08/03/magazine/03trolls-t.html>.

⁸⁶ danah boyd, “Hacking the Attention Economy”, Data & Society: Points, January 5, 2017, <https://points.datasociety.net/hacking-the-attention-economy-9fa1daca7a37>.

informações pessoais de 114.000 contas de usuários.⁸⁷ Ele foi julgado pela Computer Fraud and Abuse Act (Lei de fraude e de abuso computacional), e foi condenado a 41 meses de prisão federal. No entanto, o caso foi muito controverso e ele se tornou uma espécie de herói popular entre tecnólogos e ativistas dos direitos civis.⁸⁸

Antes desse incidente, Auernheimer frequentemente expressava visões homofóbicas, racistas e antissemitas, mas que foram muitas vezes descartadas como *trolagem*.⁸⁹ Depois que sua condenação foi anulada e ele foi liberado antes da prisão, weev revelou uma grande tatuagem de uma suástica e passou a se identificar abertamente como um supremacista branco.⁹⁰ Ele se tornou administrador do *The Daily Stormer* e sempre aparece no site e em seus podcasts afiliados. Ele agora usa de forma explícita a *trolagem* para promover a ideologia nacionalista branca. Em 2015, por exemplo, Auernheimer explorou o recurso de “tuítes promovidos” do Twitter para divulgar mensagens que defendem essa ideologia.⁹¹ Em 2016, ele *hackeou* impressoras sem senhas em uma dúzia de campi universitários para imprimir panfletos antissemitas e racistas.⁹² A inovação do método de ataque e o envolvimento de weev significou que a mensagem original — que provavelmente apenas algumas centenas de pessoas viram — foi bastante amplificada pela cobertura da mídia.

VEÍCULOS HIPERPARTIDÁRIOS DE NOTÍCIAS

Nos últimos dez anos, houve o surgimento de uma extensa e hiperpartidária rede de sites e blogs de direita.⁹³ Embora haja um longo histórico da direita radical estadunidense se aproveitando de novas mídias, desde emissoras de rádio anticomunistas na década de 1950 até Limbaugh e Beck na década de 1990⁹⁴, a rede atual vai muito além do canal Fox News. O blog Breitbart está no centro desse novo ecossistema, juntamente com sites como o *Daily Caller*, *The Gateway Pundit*, *The Washington Examiner*, *Infowars*, *Conservative Treehouse* e *Truthfeed*, muitos dos quais existem há poucos anos. Alguns podem ser categorizados como a *alt-light*, mídia que reproduz alguns pensamentos de extrema-direita, omitindo estrategicamente crenças mais extremas.

Durante as eleições dos EUA de 2016, muitos desses sites publicaram artigos em apoio à agenda de Donald Trump, incluindo a retórica anti-imigração, teorias conspiratórias sobre os e-mails de Clinton e seu envolvimento em Benghazi, além da preocupação em torno da Clinton Foundation.

⁸⁷ Ryan Tate, “Apple’s Worst Security Breach: 114,000 iPad Owners Exposed”, Gawker, June 9, 2010, <http://gawker.com/5559346/apples-worst-security-breach-114000-ipad-owners-exposed>; Wikipedia Contributors, “Weev”, Wikipedia (Wikimedia Foundation, April 4, 2017), <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Weev&oldid=773771585>.

⁸⁸ Wikipedia Contributors, “Goatse Security”, Wikipedia (Wikimedia Foundation, March 13, 2017), https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Goatse_Security&oldid=770097606.

⁸⁹ Natasha Lennard, “The Danger of Letting Monsters Pass As Internet Trolls”, VICE News, October 7, 2014, <https://news.vice.com/article/the-danger-of-letting-monsters-pass-as-internet-trolls>; Schwartz, “Malwebolence - The World of Web Trolling”.

⁹⁰ Patrick Howell O’Neill, “Weev Turns from Hacker Hero to Messenger of Hate”, The Daily Dot, October 2, 2014, <https://www.dailydot.com/layer8/weev-hates-jewish-people/>.

⁹¹ weev, “Fun with Twitter’s Ad Console. (with Images, Tweets)”, Storify, June 7, 2015, <https://storify.com/weev/fun-with-twitter-ads-day-1>.

⁹² Cory Bennett, “Well-Known Hacker Takes Credit for Racist Fliers at US Colleges”, The Hill, March 29, 2016, <http://thehill.com/policy/cybersecurity/274551-well-known-hacker-takes-credit-for-racist-fliers-at-us-colleges>.

⁹³ Benkler, Roberts e Zuckerman, “Study”.

⁹⁴ HENDERSHOT, Heather. What’s Fair on the Air? (Chicago, IL: University of Chicago Press, 2011). Disponível em: <http://www.press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/W/bo11462413.html>.

Pesquisas mostram que a maioria dos apoiadores de Clinton consultava notícias em fontes tradicionais como o *New York Times* e o *Washington Post*, enquanto muitos apoiadores de Trump estavam cercados por essa rede de extrema-direita, que pesadamente propagava desinformação, rumores, teorias conspiratórias e ataques à mídia *mainstream*.⁹⁵ Um estudo do BuzzFeed descobriu que, durante as eleições estadunidenses de 2016, artigos providos de veículos hiperpartidários de notícias inspiraram mais engajamento no Facebook do que aqueles de fontes de mídia *mainstream*.⁹⁶ Dentre os 20 artigos com maior engajamento, 17 eram pró-Trump ou anti-Clinton.

Benkler *et al.* descrevem os sites hiperpartidários como mídias que “combinam verdades descontextualizadas, falsidades repetidas e saltos de lógica para criar uma visão fundamentalmente enganosa do mundo”. Não são propriamente *fake news* e sim propaganda enraizada em uma visão ideológica de mundo.⁹⁷ Veja abaixo “O que motiva os manipuladores da mídia?” para uma discussão mais aprofundada sobre os diversos incentivos que impulsionam os atores neste espaço.

POLÍTICOS

Durante a eleição de 2016 dos Estados Unidos, políticos atuaram como megafones para muitas das ideias delineadas neste texto. Há muito tempo, o candidato republicano Donald Trump é conhecido como um entusiasmado teórico da conspiração. O exemplo mais famoso disso talvez seja de 2011, quando ele se tornou um dos maiores proponentes da teoria “Birther”, a crença de que o Presidente Obama não nasceu de fato nos Estados Unidos.⁹⁸ Ele também apoiou abertamente conspirações antivacina durante vários anos.⁹⁹

No decorrer da eleição de 2016, Trump consistentemente amplificou teorias da conspiração que, do contrário, ficariam contidas a grupos online de direita de pouca proeminência. Ele fez várias afirmações que podem ser creditadas diretamente a fontes voltadas a conspirações, tais como o Alex Jones e seu site Infowars.¹⁰⁰ A mídia *mainstream* considerou tais afirmações como dignas de notícia, o que se deu não apenas por elas terem sido proferidas por uma figura pública, mas por alguém que está concorrendo a um cargo público. Por exemplo, depois que o tabloide *National Enquirer* promoveu uma teoria da conspiração a qual alegava que o pai do candidato Ted Cruz estaria envolvido no assassinato de Kennedy, o mesmo foi repetido por Trump durante uma entrevista ao canal Fox News.¹⁰¹ A afirmação de Trump foi tão absurda que acabou sendo

⁹⁵ Benkler, Roberts e Zuckerman, “Study”.

⁹⁶ SILVERMAN, Craig. “This Analysis Shows How Viral Fake Election News Stories Outperformed Real News On Facebook”, BuzzFeed, 16 nov. 2016. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/craigsilverman/viral-fake-election-news-outperformed-real-news-on-facebook>.

⁹⁷ JACK, Caroline. “What’s Propaganda Got To Do With It?”, Data & Society: Points, 5 jan. 2017. Disponível em: <https://points.datasociety.net/whats-propaganda-got-to-do-with-it-5b88d78c3282>.

⁹⁸ BARBARO, Michael. “Donald Trump Clung to ‘Birther’ Lie for Years, and Still Isn’t Apologetic”, The New York Times, 16 set. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/09/17/us/politics/donald-trump-obama-birther.html>.

⁹⁹ CHA, Ariana Eunjung. “The Origins of Donald Trump’s Autism/Vaccine Theory and How It Was Completely Debunked Eons Ago”, The Washington Post, 17 set. 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/to-your-health/wp/2015/09/17/the-origins-of-donald-trumps-autismvaccine-theory-and-how-it-was-completely-debunked-eons-ago/>.

¹⁰⁰ FINNEGAN, William. “Donald Trump and the ‘Amazing’ Alex Jones”, The New Yorker, 23 jun. 2016. Disponível em: <http://www.newyorker.com/news/daily-comment/donald-trump-and-the-amazing-alex-jones>.

¹⁰¹ HABERMAN, Maggie. “Donald Trump Accuses Ted Cruz’s Father of Associating With Kennedy Assassin”, The

abordada por uma variedade de veículos de mídia *mainstream*. Uma teoria da conspiração agora poderia, em semanas, passar de mera especulação à manchete de várias redes de notícias. Mesmo com os noticiários *mainstream* relatando tais teorias com um tom de choque ou reprovação, isso ainda levou milhões de telespectadores e leitores a serem expostos a essas ideias.

Hillary Clinton tentou associar Donald Trump com o que ela caracterizou como ideias “extremas”, para deslegitimá-lo entre republicanos *mainstream*. No entanto, ao abordar essas ideias, ela acabou por dar a elas uma maior visibilidade e legitimidade. Por exemplo, Clinton fez um discurso em Reno, Nevada, no dia 15 de agosto de 2016, em que ela acusou Trump de traficar “teorias da conspiração obscuras com origem em páginas de tabloides de supermercado e nos cantos mais distantes e sombrios da internet” além de “retuitar supremacistas brancos online”.¹⁰² Ela mencionou nominalmente Alex Jones, do *Infowars*, e Steve Bannon, do *Breitbart*, resumindo:

*Esse não é o conservadorismo que conhecemos. Esse não é o partido republicano que conhecemos. Essas são ideias com subtextos racistas, anti-islâmicos, anti-imigração, antimulheres — princípios chaves que compõem uma ideologia racista ascendente conhecida como ‘Alt-right’.*¹⁰³

Ao nomear a *alt-right* como uma oponente significativa, Clinton inadvertidamente lhes consolidou a importância. De forma semelhante, quando ela usou o termo “cesto de deploráveis” para se referir aos apoiadores de Trump “racistas, sexistas, homofóbicos, xenofóbicos, islamofóbicos — dentre outros”, esses apoiadores abraçaram com orgulho a expressão.¹⁰⁴ Em sua campanha, Clinton postou um “explainer” sobre o meme “Pepe o sapo”, descrevendo-o como um símbolo de supremacia branca “mais sombrio do que se pode imaginar”.¹⁰⁵ Isso agradou os usuários dos chans, os quais tomaram a fala como um exemplo de “magia dos memes” e um símbolo de sua significância.¹⁰⁶

New York Times, 3 maio 2016, seção First Draft. Disponível em: <https://www.nytimes.com/politics/first-draft/2016/05/03/donald-trump-ted-cruz-father-jfk/>.

¹⁰² OHLHEISER, Abby; DEWEY, Caitlin. “Hillary Clinton’s Alt-Right Speech, Annotated”, The Washington Post, 25 ago. 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/08/25/hillary-clintons-alt-right-speech-annotated/>.

¹⁰³ Ibid.

¹⁰⁴ BECKETT, Lois. “A Morning with ‘Adorable Deplorables’: Why Trump Supporters Are Optimistic”, The Guardian, 20 jan. 2017, seção World news. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/jan/20/donald-trump-supporters-inauguration-interview>; MEHTA, Seema. “Campaign 2016 Updates: Republicans Pounce upon Clinton ‘Deplorables’ Remark. She Apologizes. Sort Of.”, Los Angeles Times, 10 set. 2016, seção Politics. Disponível em: <http://www.latimes.com/nation/politics/trailguide/la-na-trailguide-updates-transcript-clinton-s-full-remarks-as-1473549076-htmlstory.html>.

¹⁰⁵ CHAN, Elizabeth. “Donald Trump, Pepe the Frog, and White Supremacists: An Explainer”, Hillary-clinton.com, 12 set. 2016. Disponível em: <https://www.hillaryclinton.com/feed/donald-trump-pepe-the-frog-and-white-supremacists-an-explainer/>.

¹⁰⁶ SPENCER, Paul. “Trump’s Occult Online Supporters Believe ‘Meme Magic’ Got Him Elected”, Motherboard, 18 nov. 2016. Disponível em: https://motherboard.vice.com/en_us/article/trumps-occult-online-supporters-believe-pepe-meme-magic-got-him-elected.



ONDE ESSES ATORES OPERAM ONLINE?

A mídia social e participativa é a chave para a manipulação da *mainstream*. Ela permite que aqueles com visões relativamente marginais se encontrem, colaborem na produção midiática, na disseminação do conhecimento e compartilhem pontos de vista que seriam inaceitáveis em seu dia a dia.¹⁰⁷

BLOGS E SITES

Vários blogs e sites orientados por questões ideológicas tornaram-se importantes centros de informação para a extrema-direita. O *Infowars* de Alex Jones, por exemplo, é uma fonte influente para teóricos da conspiração, e o blog *Return of Kings*, de Roosh V, tornou-se uma leitura obrigatória para muitos membros do movimento dos Direitos dos Homens. Algumas vezes, comunidades específicas se formam nas seções de comentários e fóruns associados a esses sites. A página neonazi *The Daily Stormer* atrai um grupo de leitores e comentaristas que se autodenominam “Stormer Troll Army”, ou apenas “Stormers”.¹⁰⁸ Essa comunidade faz ações (geralmente campanhas de assédio) a pedido do fundador, Andrew Anglin.

Muitos desses sites interagem amplamente: eles se conectam, se engajam com o conteúdo e fazem referências uns aos outros.¹⁰⁹ Ainda assim, eles também se definem em oposição entre si. Por exemplo, depois que o site *alt-light Breitbart News* abriu um escritório em Israel, os Stormers lotaram sua seção de comentários em um evento chamado “Operation: Kikebart”.¹¹⁰

FÓRUNS E QUADROS DE MENSAGENS

Há muitos espaços online para os interessados em discutir ideias de extrema-direita. Esses incluem *My Posting Career* (um quadro de mensagens de supremacia branca caracterizado por postagens superirônicas, auto engrandecedoras e um senso palpável de superioridade sobre os participantes do chan e MRAs); os comentários e fóruns *The Right Stuff* e *The Daily Stormer*, e vários subreddits, principalmente *the_donald* (um subreddit muito popular pró-Trump onde muitos *memes* chan recebem visibilidade na mídia *mainstream*) e *theredpill* (MRA e a atividade de artista da sedução).

O centro de organização chan da extrema-direita é um quadro no 8chan chamado /pol/ — resultado de uma dissidência ideológica que ocorreu entre os usuários do 4chan de 2008 a 2016. O 4chan foi o ponto de partida principal do movimento *hacktivista* conhecido como *Anonymous* em 2003. Em 2008, o *Anonymous* lançou o “Project Chanology”, uma campanha bem-sucedida contra a cientologia. Tal movimento participou de uma série de outras ações, mas, naquela altura, grande parte tinha abandonado o 4chan pelo IRC, Jabber e outros espaços menos públicos.¹¹¹ Isso,

¹⁰⁷ Josh Harkinson, “Meet Silicon Valley’s Secretive Alt-Right Followers”, *Mother Jones*, March 10, 2017, <http://www.motherjones.com/politics/2017/03/silicon-valley-tech-alt-right-racism-misogyny>.

¹⁰⁸ Southern Poverty Law Center, “Andrew Anglin”.

¹⁰⁹ Andrew Anglin, “A Normie’s Guide to the Alt-Right”.

¹¹⁰ Southern Poverty Law Center, “Andrew Anglin”.

¹¹¹ Coleman, Hacker, Hoaxer, Whistleblower, Spy; Parmy Olson, *We Are Anonymous: Inside the Hacker World of*

possivelmente, deixou um vácuo ideológico nas chans, uma vez que esses “moralfags”*, que usavam os poderes do 4chan de *trolagem* e organização ágil como atividade de princípios, se foram.¹¹²

Em 2011, o fundador do 4chan, conhecido pelo pseudônimo moot, deletou o site devido a comentários racistas e criou o /pol/ como um fórum para substituir a discussão política. Um estudo sobre o /pol/ do 4chan descreve o fórum como “um lugar de controle, permitindo que características, em geral, desagradáveis — até mesmo para os padrões do 4chan — sejam discutidas sem perturbar as operações de outros quadros, com muitos de seus usuários apoiando a *alt-right* e expondo aspectos de xenofobia, conservadorismo, racismo e ódio em geral.”¹¹³ O /pol/ foi criado de modo explícito para que os moderadores de outros quadros pudessem direcionar conteúdos racistas ali como forma de removê-los de outras partes do 4chan.

Alguns anos depois, o 4chan se tornou um lugar central para os Gamergaters sistematizarem assédios e vítimas de vazamento de dados. Isso desanimou o fundador do site que banuiu qualquer assunto relacionado aos Gamergates dali.¹¹⁴ Foi nesse momento que eles migraram para o 8chan, uma cópia do 4chan criada, de modo explícito, como um “4chan alternativo, amigo da liberdade de expressão”.¹¹⁵ O discurso de ódio e a ideologia extremista floresceram no 8chan, agora não contestados pelas vozes mais moderadas que estavam presentes no 4chan. Tanto o /pol/ do 8chan como o /pol/ do 4chan estão atualmente ativos, embora o “/pol/acks” do 8chan (termo que eles usam para se identificarem) tenda a desconsiderar os usuários do 4chan como “newfags” e “shills”.*

De uma forma semelhante ao 8chan, agora há muitos sites criados, em específico, para discussões banidas em sites *mainstream*. O Voat é um clone do Reddit que se autointitulou como “o lugar onde você pode expressar sua opinião”, em que “nenhum assunto legal nesse universo deve ser proibido.” Subreddits banidos, como o Pizzagate, o Fatpeoplehate e o Coontown foram para o Voat, que não tem regras sobre seus epítetos raciais, ataques massivos ou discursos de ódio. Gab.ai é uma cópia do Twitter, de extrema-direita e fechada, que afirma, nas diretrizes da comunidade: “A missão do Gab é colocar pessoas e liberdade de expressão em primeiro lugar. Nós acreditamos

LulzSec, Anonymous, and the Global Cyber Insurgency (New York: Little, Brown and Company, 2012).

* N.T. Alguém que ataca outros usuários da internet com base no que acredita ser, de acordo com seus valores, amoral. Em relação ao 4chan, esse termo tem sido utilizado para designar usuários que não apreciam postagens ou conteúdos com violência explícita, pornografia infantil ou convencional. Nesse sentido, os moralfags são aqueles usuários que estão sempre lançando muitas postagens contra esses conteúdos, mesmo correndo o risco de serem ridicularizados por esses posicionamentos.

¹¹² Matthew Goerzen, “The Memes of Production: Memetic Warfare, Tactical Trolling, and Cognitive Hacking in a Post-Truth Polis”, Unpublished Manuscript, 2017.

¹¹³ Gabriel Emile Hine et al., “A Longitudinal Measurement Study of 4chan’s Politically Incorrect Forum and Its Effect on the Web”, arXiv Preprint arXiv:1610.03452, 2016, <https://arxiv.org/abs/1610.03452>.

¹¹⁴ David Kushner, “4chan’s Overlord Reveals Why He Walked Away”, Rolling Stone, March 13, 2015, <http://www.rollingstone.com/culture/features/4chans-overlord-christopher-poole-reveals-why-he-walked-away-20150313>.

¹¹⁵ Patrick Howell O’Neill, “8chan Is Home to a Hive of Pedophiles”, The Daily Dot, November 17, 2014, <https://www.dailydot.com/layer8/8chan-pedophiles-child-porn-gamerg0ate/>.

* N.T. Newfags são os novos usuários do 4chan que, para socializarem em um grupo na internet, passam a adotar o que é dito e disseminado por seus integrantes, transformando esses posicionamentos em valores pessoais, que irão defender a todo custo, negando qualquer outro tipo de convicção, e insistindo nessa postura mesmo que ela não sirva para que eles se sintam incluídos. Shills é alguém que diz fazer propaganda de uma pessoa, de alguma marca ou instituição com base em um posicionamento genuíno, com intuito de passar credibilidade, mas que, na verdade, está sendo pago, em sigilo, ou possui algum tipo de relação com essa pessoa ou instituição.

que a única forma válida de censura é a escolha do próprio indivíduo de optar por não participar.” A maioria desses sites é anônimo ou usa pseudônimos, mas a explícita autodesignação de espaços organizados pela extrema-direita faz com que sejam portos seguros para esse tipo de discussão.

O Discord é um aplicativo de mensagens de voz e texto, criado para ser usado em jogos online com vários jogadores. Ele se tornou muito popular para uma grande variedade de discussões não relacionadas a jogos, uma vez que se assemelha a aplicativos de *groupware*, como o Slack, que facilitam não apenas a discussão, mas a colaboração. Enquanto grupos de persuasões políticas usam o Discord, ele abriga grandes comunidades devotadas a Donald Trump (Centipede Central), à Marine Le Pen, à Ação Anticomunista (Anticom) e a outras pautas da extrema-direita.¹¹⁶

MÍDIAS SOCIAIS MAINSTREAM

As mídias sociais *mainstream*, como o Twitter, o Facebook e o YouTube, são usadas por membros da extrema-direita para espalhar muitas mensagens para um grande número de pessoas e para semear tópicos para os jornalistas. No Facebook, grupos privados compartilham *memes* que circulam ainda mais depois, nas redes pessoais. Essa rede social é também o principal espaço para espalhar desinformação, pois é um local popular para a organização de notícias hiperpartidárias e *fake news*.¹¹⁷ Os atores da extrema-direita geralmente burlam as *trending topics* para amplificar certas histórias ou mensagens.¹¹⁸ Já o YouTube serve de plataforma para teóricos da conspiração e grupos periféricos que conseguem fazer vídeos persuasivos e envolventes sobre temas chocantes. Em Estudos de Caso, nós fornecemos exemplos específicos de atores da extrema-direita usando as mídias sociais *mainstream* para aumentar a visibilidade de suas mensagens.

¹¹⁶ Ryan Broderick, “Trump Supporters Online Are Pretending To Be French To Manipulate France’s Election”, BuzzFeed, January 4, 2017, <https://www.buzzfeed.com/ryanhatesthis/inside-the-private-chat-rooms-trump-supporters-are-using-to>; Ryan Broderick, “Meet The ‘Good Trolls’ Secretly Spying On Trump Supporters And Neo-Nazis”, BuzzFeed, February 1, 2017, <https://www.buzzfeed.com/ryanhates-this/meet-the-good-trolls-secretly-spying-on-trump-supporters>.

¹¹⁷ Silverman, “This Analysis Shows How Viral Fake Election News Stories Outperformed Real News On Facebook”; Terrance McCoy, “Inside a Long Beach Web Operation That Makes up Stories about Trump and Clinton: What They Do for Clicks and Cash”, Los Angeles Times, November 22, 2016, <http://www.latimes.com/business/technology/la-fi-tn-fake-news-20161122-story.html>.

¹¹⁸ Robyn Caplan and danah boyd, “Mediation, Automation, Power” (Data & Society Research Institute, May 15, 2016), https://datasociety.net/pubs/ap/MediationAutomationPower_2016.pdf.

O QUE MOTIVA OS MANIPULADORES DA MÍDIA?

A “manipulação da mídia” abrange uma variedade de práticas. Por um lado, as pessoas divulgam conteúdos para mostrar a sua visão de mundo, muitas vezes usando a mídia *mainstream* para aumentar a sua audiência. (Podemos chamar isso, na verdade, de “propaganda”.) Por outro lado, há pessoas que estrategicamente espalham as chamadas “fake news” para ganhar dinheiro; como os *trolls* que criam caos por diversão; políticos com interesses pessoais em propagar certas armadilhas; e grupos que usam a mídia como uma tentativa de afetar a opinião pública. (Veja a seção “Desinformação” para mais discussão.)

Independentemente disso, as pessoas que criam e espalham desinformação, propaganda e/ou *fake news* são geralmente motivadas por uma combinação de uma ou mais dessas categorias — ideologia, dinheiro e/ou status e atenção.¹¹⁹ Por exemplo, os dois homens por trás do site LibertyNewsWriters.com incluem boatos, hipérboles e excessos em suas histórias para apelar a uma audiência pró-Trump antiliberal, pois isso lhes rende mais de \$40.000 dólares por mês em lucro publicitário.¹²⁰ No entanto, um site como *Breitbart News* tem objetivos tanto econômicos quanto ideológicos que buscam promover com o seu alcance. (O falecido Andrew Breitbart criou o site como uma contrapartida conservadora ao *Huffington Post*, para “travar uma guerra de informações contra a mídia *mainstream*”. O site é parcialmente financiado por Robert Mercer, um magnata do fundo especulativo e apoiador de Trump.)¹²¹ Nas redes sociais, com frequência os usuários compartilham conteúdos que acreditam que, além de terem apelo à sua audiência, serão consistentes com a sua almejada autoapresentação. Outros participantes são motivados pelo “*lulz*” — o prazer alcançado às custas dos outros.

IDEOLOGIA

Há diferenças ideológicas significativas entre a *alt-right*, a cultura chan, os ativistas dos Direitos dos Homens e a vasta gama de outras pessoas que participam do tipo de manipulação da mídia descrita neste relatório. Muitas das crenças populares sobre essas subculturas podem ser associadas a argumentos de longa data em círculos sociais de extrema-direita. Por exemplo, a aversão ao “politicamente correto” data do início dos anos 1990, quando comentaristas conservadores acusaram faculdades e universidades de reprimir o pensamento conservador, favorecendo a ideologia radical de esquerda.¹²² Grupos nacionalistas brancos, ativistas anti-

¹¹⁹ Robyn Caplan and danah boyd, “Who’s Playing Who? Media Manipulation in an Era of Trump”, in *Trump and the Media*, ed. Zizi Papacharissi and Pablo J. Boczkowski (Cambridge, MA: MIT Press, in press).

¹²⁰ McCoy, “Inside a Long Beach Web Operation That Makes up Stories about Trump and Clinton”.

¹²¹ Jane Mayer, “The Reclusive Hedge-Fund Tycoon Behind the Trump Presidency”. *The New Yorker*, March 27, 2017, <http://www.newyorker.com/magazine/2017/03/27/the-reclusive-hedge-fund-tycoon-behind-the-trump-presidency>; Rebecca Mead, “Rage Machine,” *The New Yorker*, May 24, 2010, <http://www.newyorker.com/magazine/2010/05/24/rage-machine>.

¹²² John K. Wilson, *The Myth of Political Correctness: The Conservative Attack on Higher Education* (Durham, NC: Duke University Press, 1995); Norman Fairclough, “Political Correctness: The Politics of Culture and Language”, *Discourse & Society* 14, no. 1 (2003): 17-28.

imigração e paleoconservadores têm criado argumentos contra o multiculturalismo há muito tempo.¹²³

Apesar de suas diferenças, muitos desses grupos compartilham as seguintes características:

- Desprezo pelos republicanos tradicionalistas (“cuckservatives”) e ativistas liberais (“guerreiros de justiça social”)
- Desdém pelo multiculturalismo e pela imigração
- Forte antipatia pelo movimento feminista e por identidades de gênero não binárias
- Crença na existência de diferenças intrínsecas entre pessoas de raças e gêneros diferentes
- A ideia do “politicamente correto” como uma censura e um ataque à liberdade de expressão
- Crença na existência da “cultura de guerra”, e impressão de que a esquerda liberal está ganhando essa disputa
- Enraizamento social na cultura da internet (*imageboards*, fóruns, podcasts, blogs, *memes*)
- Promoção de nacionalismo e antiglobalização
- Tendência a construir e espalhar teorias da conspiração¹²⁴

Muitos participantes são motivados pelo desejo de compartilhar e espalhar esses compromissos ideológicos. Como mencionado anteriormente, há uma crença bastante difundida na extrema-direita que a esquerda está ganhando a guerra cultural através da disseminação de um “Marxismo cultural”. O Marxismo cultural é um termo de extrema-direita para se referir à Escola de Frankfurt, uma escola de teoria crítica que surgiu nos anos 1930 na Alemanha e foi associada ao Institute for Social Research (ISR - Instituto de Pesquisa Social). Membros da Escola de Frankfurt, incluindo os teóricos sociais Theodor Adorno, Max Horkheimer e Jürgen Habermas, estavam preocupados com o fracasso da revolução marxista na Europa Ocidental e com a ascensão do nazismo. Seus trabalhos examinaram e criticaram a cultura do capitalismo industrial avançado, e ainda são amplamente lidos.¹²⁵

De acordo com a teoria do Marxismo cultural, a Escola de Frankfurt era uma conspiração judia com o objetivo de enfraquecer as civilizações ocidentais.¹²⁶ Essa crença se originou com os religiosos paleoconservadores nos anos 1990, como Paul Wyrich, que também fundou a organização político-americana Model Majority e a fundação político-conservadora Heritage Foundation. Foi amplificada por Pat Buchanan, Lyndon LaRouche e Fidel Castro, e ganhou uma

¹²³ Lyons, “Ctrl-Alt-Delete”.

¹²⁴ Ibid.

¹²⁵ Martin Jay, *The Dialectical Imagination: A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923-1950*, vol. 10 (London: Heinemann Educational Books, Ltd., 1973); Andrew Arato and Eike Gebhardt, eds., *The Essential Frankfurt School Reader* (New York: Continuum, 1982); Rolf Wiggershaus, *The Frankfurt School: Its History, Theories, and Political Significance* (Cambridge MA: MIT Press, 1995).

¹²⁶ Jérôme Jamin, “Cultural Marxism and the Radical Right”, in *The Post-War Anglo-American Far Right: A Special Relationship of Hate*, ed. Paul Jackson and Anton Shekhovtsov (Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave MacMillan, 2014), 84-103; Martin Jay, “Dialectic of Counter-Enlightenment: The Frankfurt School as Scapegoat of the Lunatic Fringe”, *Salmagundi*, no. 168/169 (Fall - Winter 2011 2010): 30-40.

maior aceitação entre o Tea Party, supremacistas brancos e teóricos da conspiração.¹²⁷ De acordo com os partidários, a Escola de Frankfurt é responsável por, entre outras coisas, difundir a aceitação da homossexualidade; músicas de rock; arte moderna; ativismo estudantil dos anos 1960; movimento de direitos civis; feminismo; ambientalismo; e assim por diante.

A partir dessa perspectiva, usar a internet para disseminar a ideologia de extrema-direita é uma tentativa de lutar contra a dominância do criticismo cultural de esquerda (e contra a ascendência judia). Tanto o grupo de *alt-right* quanto o dos nacionalistas brancos acreditam que precisam trabalhar do zero para estabelecer contra-narrativas, o que, atualmente, pode ser feito com mais sucesso pela internet. Isso atribui à participação online um senso de importância e urgência e, simultaneamente, posiciona a extrema-direita como uma minoria oprimida lutando contra um *status quo* dominador.

RADICALIZAÇÃO

Movimentos de extrema-direita se aproveitam da rebeldia de jovens garotos, assim como da sua repulsa ao “politicamente correto”, para disseminar pensamentos de supremacia branca, islamofobia e misoginia por meio de ironia e conhecimento da cultura da internet. Essa é uma forma de radicalização que vem acontecendo principalmente através de fóruns, sites de mensagens e mídias sociais voltadas para jovens imersos na cultura da internet.

A machosfera popularizou o termo “redpill” (pílula vermelha) para se referir à sua radicalização. No popular filme de ficção científica *Matrix*, Morpheus pede ao protagonista, Neo, para escolher entre uma pílula vermelha e uma pílula azul. Se Neo escolher a pílula vermelha, os segredos da

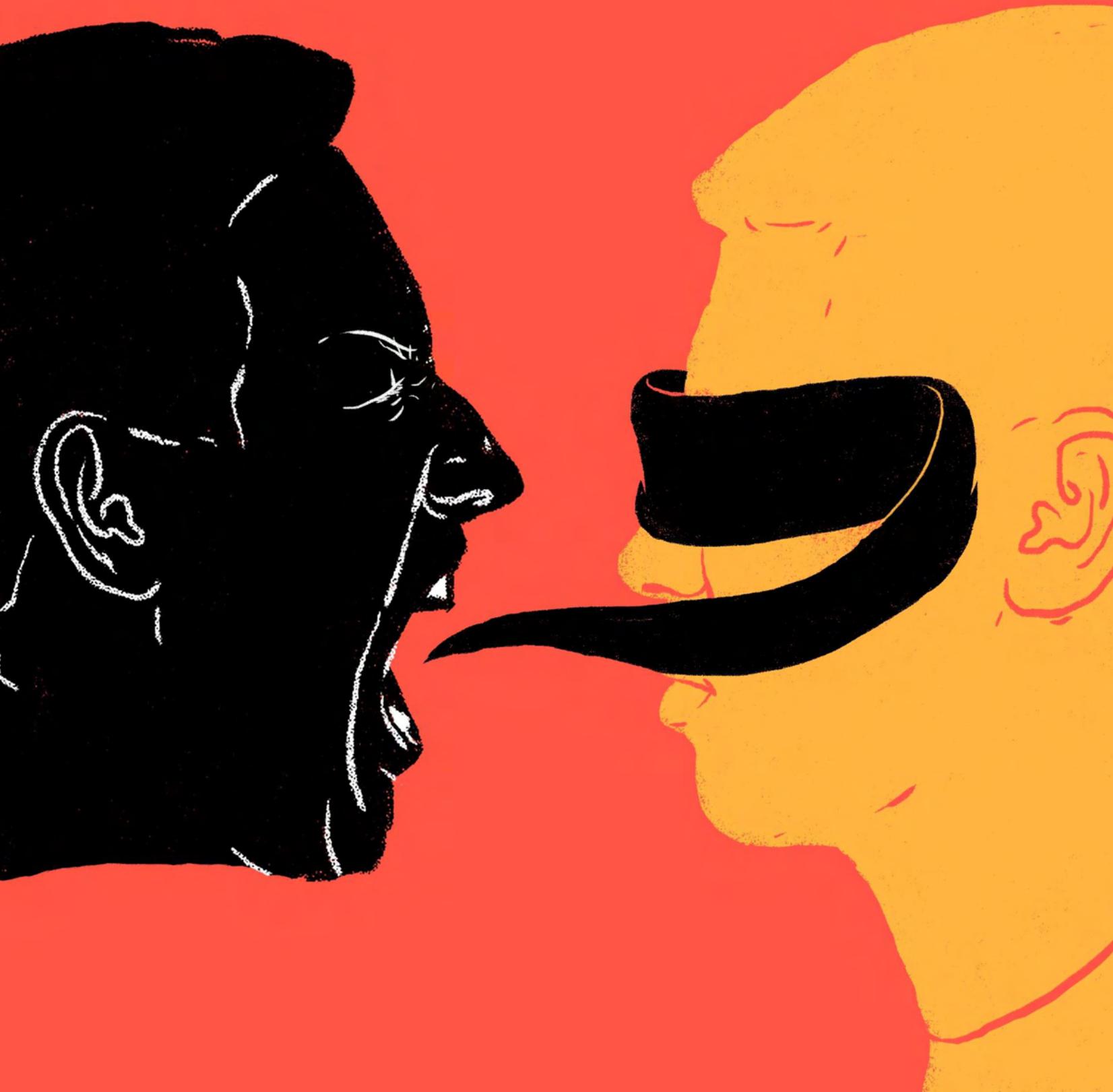
De forma semelhante aos grupos de conscientização da segunda onda feminista, “redpillar os normies” descreve o processo de disseminar partes da ideologia alt-right para promover seus elementos mais extremos.

Matrix serão revelados; se ele ficar com a pílula azul, ele voltará à sua vida cotidiana normal. Para os MRAs, tomar a pílula vermelha significa rejeitar a ideologia liberal e reconhecer que são os homens, não as mulheres, a classe oprimida. Para a *alt-right*, isso significa revelar as mentiras por trás do multiculturalismo e do globalismo e aceitar a verdade

do etnonacionalismo. Para os teóricos da conspiração, isso pode significar a descoberta da influência do Bohemian Grove, ou dos Illuminati, ou do Skull and Bones na sociedade. Para os supremacistas brancos, significa começar a entender o controle generalizado das elites judaicas e a destruição da raça branca. Tomar a pílula vermelha é o equivalente a uma forma de “tomada de consciência” para a extrema-direita, ou, na linguagem de hoje, “acordar”.

Essa escolha tornou-se um sinônimo de radicalização: condicionar jovens garotos aos pontos de vista da *alt-right*. “Normies” é o termo usado para ridicularizar os conservadores e centristas tradicionais. De forma semelhante aos grupos de conscientização da segunda onda feminista, “redpillar os normies” descreve o processo de disseminar partes da ideologia *alt-right* para promover suas características mais extremas. Por exemplo, ao mesmo tempo que John Doe pode não aceitar a ideia de uma conspiração judaica em larga escala, seus amigos e familiares podem sentir-se confortáveis com o anti-islamismo. Um *troll* do 4chan pode ser mais receptivo ao real

¹²⁷ Jay, “Dialectic of Counter-Enlightenment: The Frankfurt School as Scapegoat of the Lunatic Fringe”.



discurso de supremacia branca após usar injúrias raciais “ironicamente” durante dois ou três meses.

Mas por que a radicalização é possível? Muitos usuários de chan fazem posts sobre se sentirem incapazes de se identificar com a cultura *mainstream*, refletindo um senso de *anomia*. Anomia, como teorizado por Emile Durkheim, decorre de uma rápida mudança social. Isso pode levar a uma divergência entre o que a sociedade afirma que os indivíduos podem alcançar e o que é realmente alcançável, resultando em enfraquecimento de laços entre os grupos, falta de adesão às normas sociais, fragmentação de identidade e falta de propósito.¹²⁸ No entanto, por serem principalmente homens brancos, eles são incapazes de adotar uma posição de minoria empoderada da mesma forma que uma mulher branca que esteja se sentindo alienada pela cultura machista pode se tornar feminista, ou um homem negro pode aderir ao ativismo antirracista.¹²⁹ Isso é parte do motivo pelo qual a Gamergate conseguiu convocar tantos *geeks* a se tornarem misóginos. Pondo os *geeks* na posição de uma minoria em apuros sob ataque de feministas politicamente corretas, os *gamers* viam a luta contra a representação da diversidade como necessária para proteger a sua cultura.

DINHEIRO

Durante a temporada de eleições dos EUA em 2016, uma variedade de atores potencializou o uso das mídias sociais e de sites de publicidade para propositalmente espalhar conteúdo impreciso, se não completamente enganoso. Essas “fake news” muitas vezes alavancavam narrativas que pareciam orientadas ideologicamente, mas foram construídas por pessoas sem agenda ideológica. Tal conteúdo foi produzido e espalhado por pessoas que buscavam dinheiro sem a fama que vem com ele. Por exemplo, durante as eleições, adolescentes de uma cidade da Macedônia criaram uma série de sites com nomes do tipo USConservativeToday.com e postaram stories afirmando que Hillary Clinton seria indiciada por crimes relacionados aos seus e-mails.¹³⁰ Esses atores alegaram ser apolíticos e declararam que simplesmente descobriram que publicar conteúdo pró-Trump gerava mais receita do que publicar conteúdo pró-Clinton.

Em outros casos, os indivíduos têm usado abertamente a provocação da mídia para ganhar dinheiro e um nível de fama ou influência. Milo Yiannopoulos, apelidado de “supervilão da internet” pela revista *Out*, construiu uma marca pessoal ao insultar a mídia de maneira estratégica, por meio do assédio no Twitter e de outras táticas de escândalo.¹³¹ Depois de ser banido do Twitter por comportamento abusivo, ele negociou o contrato de US\$ 250.000 para um livro com um selo da editora Simon & Schuster, e fez uma turnê de palestras em um campus universitário especificamente projetada para despertar a atenção a partir da indignação (o contrato do livro foi

¹²⁸ Emile Durkheim, *Suicide: A Study in Sociology* [1897], trans. J.A. Spaulding and G. Simpson (Glencoe, Illinois: The Free Press, 1951), <https://isis.ku.dk/kurser/blob.aspx?feltid=203014>; Stephen R. Marks, “Durkheim’s Theory of Anomie”, *American Journal of Sociology* 80, no. 2 (1974): 329-63.

¹²⁹ Goerzen, “The Memes of Production: Memetic Warfare, Tactical Trolling, and Cognitive Hacking in a Post-Truth Polis”.

¹³⁰ Craig Silverman and Lawrence Alexander, “How Teens In the Balkans Are Duping Trump Supporters With Fake news”, *Buzzfeed News*, November 3, 2016, https://www.buzzfeed.com/craigsilverman/how-macedonia-became-a-global-hub-for-pro-trump-misinfo?utm_term=.eaD8L1pQO#.se1x-j35mJ.

¹³¹ Chadwick Moore, “Send In the Clown: Internet Supervillain Milo Doesn’t Care That You Hate Him”, *OUT*, September 21, 2016, <http://www.out.com/out-exclusives/2016/9/21/send-clown-internet-supervillain-milo-doesnt-care-you-hate-him>.

cancelado depois que veio à tona um vídeo no qual ele defendia a pedofilia).¹³² Figuras mais orientadas ideologicamente, como o neonazista Andrew Anglin, odeiam Yiannopoulos tanto porque ele é judeu quanto porque acreditam que ele não trata suas ideias com seriedade e “não tem crenças reais”.¹³³

STATUS E ATENÇÃO

Os usuários também podem participar da manipulação da mídia como uma forma de ganhar status e aceitação dentro das comunidades online. No Facebook e no Twitter, o status é gerado por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários, logo, os usuários são incentivados a criar

Tomadas como um todo, essas comunidades podem sentir que, manipulando os meios de comunicação, ganham algum status e uma forma de controle sobre uma instituição entricheirada e poderosa, da qual muitos deles desconfiam e não gostam.

conteúdo que ressoará com seus amigos, seguidores e grupos. Mesmo dentro das comunidades anônimas, os usuários ainda podem se comunicar muito bem por meio de gírias, piadas e dicas de conversação sutis, para que os indivíduos possam participar de variações das mesmas práticas.¹³⁴ Tomadas como um todo, essas comunidades podem sentir que, manipulando os meios de comunicação, ganham um certo status e

uma forma de controle sobre uma instituição entricheirada e poderosa, da qual muitos deles desconfiam e não gostam.

A já mencionada “*lulz*” (“lol” ou rindo alto) é uma força motivadora para alguns manipuladores. O termo refere-se à diversão às custas de uma vítima, um tipo direcionado de *schadenfreude*¹³⁵. Ele tem sido utilizado durante anos por *trolls* que explicam suas ações muitas vezes disruptivas alegando simplesmente “eu fiz pelo *lulz*”. Aqueles motivados a manipular a mídia pelo *lulz* podem simplesmente gostar de disseminar o caos. Por terem há muito tempo uma relação complicada com a mídia, os *trolls* também podem gostar de fazer especificamente os novos meios de comunicação como suas vítimas. Em alguns casos, a intenção do *lulz* relacionada com a ideologia pode ser deliberadamente incerta: usuários da internet em geral postam conteúdo racista ou sexista, mas afirmam que fazem isso meramente como um meio de gerar *lulz* por meio da ofensa aos outros.

¹³² Bryan Logan, “Publisher Cancels Milo Yiannopoulos Book Deal”, Business Insider, February 20, 2017, <http://www.businessinsider.com/milo-yiannopoulos-book-deal-canceled-2017-2>; Laurie Penny, “On the Milo Bus With the Lost Boys of America’s New Right”, Pacific Standard, February 22, 2017, <https://psmag.com/on-the-milo-bus-with-the-lost-boys-of-americas-new-right-629a77e87986>.

¹³³ Andrew Anglin, “Stormer Book Club Crusade: The Final Solution to the Milo Problem”, The Daily Stormer, September 27, 2016, <http://www.dailystormer.com/stormer-book-club-crusade-the-final-solu-tion-to-the-milo-problem/>.

¹³⁴ Bernstein et al., “4chan and /b/”.

¹³⁵ Whitney Phillips, *This Is Why We Can’t Have Nice Things: Mapping the Relationship between Online Trolling and Mainstream Culture* (MIT Press, 2015).



QUAIS TÉCNICAS OS MANIPULADORES DE MÍDIA USAM?

Grupos de nacionalistas brancos, ativistas dos Direitos dos Homens, neonazistas, neorreacionários, ciberlibertários, islamofóbicos, paleoconservadores e vários outros grupos marginais poderiam ter continuado na subcultura se não fosse por várias características do ambiente da mídia contemporânea que tornam a manipulação possível. Esses e outros grupos de extrema-direita desenvolveram uma série de técnicas para tirar proveito das vulnerabilidades da mídia e amplificar sua mensagem.

CULTURA PARTICIPATIVA

Em muitos aspectos, espaços como o 8chan/pol/ exemplificam o conceito de cultura participativa, de Henry Jenkins.¹³⁶ Esses ambientes apresentam “barreiras relativamente baixas para a expressão artística e o engajamento cívico, forte apoio à criação e ao compartilhamento do que foi criado e algum tipo de mentoria informal através da qual os conhecimentos dos mais experientes são passados aos iniciantes”.¹³⁷ Nos chans, obras inacabadas criadas no MS Paint são normais; é necessário compartilhar imagens para postar no mural; aqueles que postam revisam os conteúdos uns dos outros, ajudando-os a melhorar; e “newfags” (novatos, que não têm experiência com a comunidade) são encorajados a ficarem à espreita para que entendam a cultura. Assim, há poucas barreiras para a entrada nessas comunidades e várias formas de “participação periférica legítima” pelas quais espectadores curiosos podem aos poucos aprender as normas do grupo e ser aceitos como contribuintes pelos membros.¹³⁸

Por exemplo: no 8chan/pol/, um *anon* posta um fluxograma prolixo e complicado que busca demonstrar inconsistências no pensamento liberal, pedindo *feedback*. Outro *anon* responde:

Pode ser um bom argumento para pessoas que já concordam com isso, mas não vai superar nenhuma defesa memética dos alienados. Você precisa tornar a mensagem curta e simples, de modo que o leitor já tenha ingerido [sic] toda a informação antes que ela seja cancelada pelo cérebro. E você precisa torná-la engraçada, para que ela se fixe nos cérebros deles e contorne os circuitos que interromperiam a mensagem.

Em outro fio, usuários debatem a melhor maneira de transmitir ideias antisemitas. Um deles responde:

Não se esqueçam da forma mais fácil de identificar um judeu [sic] por meio de uma conversa e de trazer os esquerdistas para o seu lado: Israel e Palestina É o ponto de fratura mais fácil para a esquerda, já que a maioria apoia a Palestina e, ao mesmo tempo, apoia subconscientemente os israelenses por serem uma minoria. Esse conflito mental vai permitir que eles recebam verdades mais difíceis as quais vão poder, então, consolidar.

¹³⁶ H. Jenkins, *Convergence Culture* (New York: New York University Press, 2006).

¹³⁷ *Ibid.*

¹³⁸ J. Lave and E. Wenger, *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation* (Cambridge: Cambridge University Press, 1991).

Além disso, se eles virem um dos seus amigos/conhecidos judeus falarem mal de palestinos, vão subconscientemente associar judeus aos seus estereótipos.

Assim, anons educam uns aos outros e, de maneira colaborativa, desenvolvem técnicas para espalhar ideias e “redpillar os normies”.

Membros dessas comunidades compartilham uma vasta gama de literatura para se educarem sobre a opinião da mídia e do público e para consolidarem suas identidades como “guerreiros meméticos” conhecedores e estudados. Isso inclui textos clássicos de mídia e de sociologia, como Os meios de comunicação: como extensões do homem, de Marshall McLuhan, e Psicologia das Massas, de Gustave Le Bon, além de materiais sobre técnicas de propaganda e persuasão. Também circulam best-sellers de autoajuda, como Como fazer amigos e influenciar pessoas, de Dale Carnegie; livros do “pai das relações públicas” Edward Bernays; Regras para radicais, de Saul Alinsky, pioneiro na organização comunitária de esquerda nos Estados Unidos;¹³⁹ bem como publicações menos conhecidas sobre propaganda subliminar e táticas de lavagem cerebral do governo. Um tópico particularmente popular é a engenharia social, a prática de manipulação psicológica para fazer com que as pessoas realizem certas ações. As referências que os usuários compartilham variam de publicações acadêmicas revisadas por pares a manifestos radicais e textos marginais de conspiração, de textos de marketing a materiais de treinamento da CIA, e de obras de referência a manuais com passo a passo. Juntas, elas indicam o interesse da comunidade em desenvolver conhecimentos cada vez mais sofisticados sobre o ambiente midiático, a fim de tirar melhor proveito dele.

REDES

Muitas das subculturas aqui descritas são altamente interligadas; por isso seus membros são ágeis, capazes de montar e desmontar equipes menores para campanhas conforme a necessidade. Por exemplo, depois que um discurso de Milo Yiannopolous em Berkeley foi interrompido por ativistas antifascistas (Antifa), um grupo de usuários do /pol criou um canal no Discord, um aplicativo de bate-papo muito popular entre gamers, para discutir estratégias e ativismo anticomunista (Anticom). Lá, os participantes trabalharam juntos para coletar informações sobre ativistas Antifas que haviam sido presos, além de organizar encontros presenciais, trocar estratégias de infiltração em grupos Antifas, compartilhar memes Anticom e táticas para levar essas mensagens para públicos maiores. Alguns desses usuários vieram do /pol, e outros foram recrutados através do Reddit e do Twitter.

Outro exemplo é o uso de *hashtags* no Twitter. Muitas vezes, os anons trabalham juntos para viralizar uma *hashtag* e, para isso, criam inúmeras contas falsas.¹⁴⁰ Em outros casos, eles pegam uma *hashtag* já existente, como #BlackLivesMatter, e manipulam ou “se apropriam” dela — nesse caso, postando mensagens críticas ao movimento para diminuir a capacidade dos apoiadores de usar a *hashtag* para se encontrarem.

¹³⁹ Hillary Clinton wrote her senior thesis at Wellesley on Alinsky; therefore, using his techniques to support Trump was a source of much merriment for /pol/ acks.

¹⁴⁰ Ryan Broderick, “Trump Supporters Online Are Pretending To Be French To Manipulate France’s Election”, BuzzFeed, January 4, 2017, <https://www.buzzfeed.com/ryanhatesthis/inside-the-private-chat-rooms-trump-supporters-are-using-to>.

O blogueiro da *alt-right* Mike Cernovich frequentemente usa o aplicativo de *streaming* Periscope para se conectar com seu público.¹⁴¹ Depois que quatro adolescentes de Chicago fizeram um vídeo torturando um homem com deficiência intelectual, Cernovich alegou que eles eram apoiadores do Black Lives Matter (BLM).¹⁴² Usando o Periscope, ele e seus seguidores “pensaram” na *hashtag* #BLMKidnapping (“sequestro do Black Lives Matter”) e se organizaram para torná-la popular no Twitter; ela foi usada 480.000 vezes em 24 horas e viralizou em todo os Estados Unidos.¹⁴³ Enquanto a polícia e os defensores do BLM denunciavam a conexão, o boato se espalhou e foi citado na maioria das notícias sobre o sequestro.¹⁴⁴ Em seu blog, Mike escreveu: “A mídia se recusou a cobrir essa história até que a revelamos no meu Periscope”.¹⁴⁵ Cernovich e seu público mudaram efetivamente a forma como a história foi retratada na mídia *mainstream*.

MEMES

Um *meme* na internet é “um fragmento de cultura, tipicamente uma piada, que ganha influência através da transmissão online”.¹⁴⁶ Limor Shifman define *meme* como “informação cultural que passa de pessoa para pessoa, mas gradualmente se transforma em um fenômeno social compartilhado”.¹⁴⁷ Embora praticamente qualquer coisa possa ser um *meme*, já que é uma unidade de informação na linguagem moderna da internet, ele é uma metáfora visual que se prolifera através do ciberespaço ao ser replicado e alterado por usuários anônimos. O *meme* da *alt-right* mais conhecido é Pepe, o desenho de um sapo verde com uma história complicada que representa mais ou menos os “perdedores conformados”.¹⁴⁸ É uma piada da *alt-right* e foi fonte de alegria e satisfação quando a Liga Anti-Difamação o rotulou de símbolo de ódio.¹⁴⁹ Quando a equipe de Hillary Clinton emitiu uma nota para explicar Pepe, o *meme* foi validado pelo /pol/ como um oponente sério em vez de uma subcultura insignificante da internet. Os estudiosos dos *memes* Ryan Milner e Whitney Phillips escreveram no *New York Times*: “essa apropriação foi feita como uma piada [pelo /pol/], primeiro, visando incitar jornalistas e políticos tradicionais a

¹⁴¹ Andrew Marantz, “Trolls for Trump”, *The New Yorker*, October 31, 2016, <http://www.newyorker.com/magazine/2016/10/31/trolls-for-trump>.

¹⁴² Mike Cernovich, “#BlackLivesMatter Supporters Kidnap, Torture Trump Supporter on Facebook Live Video”, *Mike Cernovich Presents Danger & Play*, January 4, 2017, <https://www.dangerandplay.com/2017/01/04/chicago-blacklivesmatter-supporters-kidnap-torture-trump-supporter-on-face-book-live-video/>; Tasneem Nashrulla, “People Are Blaming The Chicago Kidnapping On Black Lives Matter With Zero Evidence”, *BuzzFeed News*, January 5, 2017, <https://www.buzzfeed.com/tasneem-nashrulla/people-are-blaming-the-chicago-kidnapping-on-black-lives-mat>.

¹⁴³ Holly Yan, Sheena Jones, and Steve Almasy, “Chicago Torture Video: 4 Charged with Hate Crimes, Kidnapping”, *CNN*, January 5, 2017, <http://www.cnn.com/2017/01/05/us/chicago-facebook-live-beat-ing/index.html>.

¹⁴⁴ Nico Lang, “Don’t Let Racists Fool You: The Chicago Kidnapping Isn’t About Black Lives Matter. It’s about the Violence Faced by People with Disabilities”, *Salon*, January 7, 2017, <http://www.salon.com/2017/01/07/do-not-let-racists-fool-you-the-chicago-kidnapping-is-not-about-black-lives-matter- it-is-about-the-violence-faced-by-people-with-disabilities/>; Yan, Jones, and Almasy, “Chicago Torture Video”.

¹⁴⁵ Cernovich, “#BlackLivesMatter Supporters Kidnap, Torture Trump Supporter on Facebook Live Video”.

¹⁴⁶ Patrick Davison, “The Language of Internet Memes”, in *The Social Media Reader* (New York: New York University Press, 2012), 120-34.

¹⁴⁷ Limor Shifman, “Memes in a Digital World: Reconciling with a Conceptual Troublemaker”, *Journal of Computer-Mediated Communication* 18, no. 3 (2013): 362-77.

¹⁴⁸ Dale Beran, “4chan: The Skeleton Key to the Rise of Trump”, *Medium.com*, February 14, 2017, <https://medium.com/@DaleBeran/4chan-the-skeleton-key-to-the-rise-of-trump-624e7cb798cb>.

¹⁴⁹ Anti-Defamation League, “Pepe the Frog”, *Anti-Defamation League*, 2017, <https://www.adl.org/education/references/hate-symbols/pepe-the-frog>; Jessica Roy, “How ‘Pepe the Frog’ Went from Harmless to Hate Symbol”, *Los Angeles Times*, October 11, 2016, <http://www.latimes.com/politics/la-na-pol-pepe-the-frog-hate-symbol-20161011-snap.htmlstory.html>.

entrarem em pânico com o desenho de um sapo e, segundo, fornecer à *alt-right* uma plataforma mais ampla.”¹⁵⁰

Mas os *memes* também se referem a imagens macro, as quais transmitem rapidamente piadas ou pensamentos políticos para serem compartilhados nas redes sociais. Essas imagens são estrategicamente criadas como *propaganda* por usuários da *alt-right* para espalhar elementos de sua ideologia para pessoas comuns (Figura 1, Figura 2). A criação constante de imagens macro permite que os *anons* sejam ágeis e interativos, experimentando diversas mensagens e estratégias,

As imagens mais brandas funcionam de "porta de entrada" para elementos mais extremos da ideologia da alt-right.

buscando aquelas que viralizam e abandonando tentativas mal sucedidas. O blog neonazista *The Daily Stormer* tem um “Memetic Monday” (Segunda-feira dos *memes*), em que eles postam dezenas dessas imagens macro, planejadas para serem

compartilhadas no Facebook ou Twitter. Algumas desaparecem sem deixar rastros, enquanto outras se espalham rapidamente pela internet. Alguns são racistas ao extremo, ou evocam explicitamente imagens nazistas, enquanto outros são relativamente brandos (como a imagem macro anti-Hillary na Figura 1). As imagens mais brandas funcionam de “porta de entrada” para os elementos mais extremos da ideologia da *alt-right*.



Figura 1: Meme anti-Hillary publicado no *Daily Stormer*, 06/03/2017

As imagens macro são destinadas a serem compartilhadas de indivíduo para indivíduo nas redes sociais, tendo como vantagem o fato de a propaganda ser disseminada através de laços interpessoais de forma mais efetiva do que aquela gerada automaticamente por um dispositivo.¹⁵¹ Além disso, como são geradas dezenas de imagens macro para transmitir mensagens semelhantes, as pessoas nessas redes são expostas de forma constante a mensagens repetitivas, o que aumenta a eficácia da tal propaganda.¹⁵²

A *alt-right* também tem sido bem sucedida na criação de *memes* que não envolvem imagens. Por exemplo, o *meme* do (((eco))) cerca os nomes de pessoas judias por meio dos parênteses. O *meme*

teve origem em uma extensão de browser que prendeu os nomes judeus com os tais parênteses; os usuários muitas vezes adicionam manualmente os parênteses do eco para postar em espaços online de extrema-direita. O objetivo é demonstrar quanto os judeus estão presentes em grupos de elite e altos escalões da mídia, chamando a atenção para a frequência com que são mencionados pela imprensa.

Outro exemplo é a palavra “cuck”, um insulto que se refere a alguém que sofreu uma lavagem cerebral ou é tão ignorante que ajuda seus inimigos de forma inadvertida. “Cuck” se refere a um participante que deliberadamente tenta provocar sua própria desvalorização por meio da adoção

¹⁵⁰ Ryan Milner and Whitney Phillips, “Can a Meme Be a Hate Symbol?”, *The New York Times*, October 3, 2016, sec. Room for Debate, <http://www.nytimes.com/roomfordebate/2016/10/03/can-a-meme-be-a-hate-symbol-6/a-meme-can-become-a-hate-symbol-by-social-consensus>.

¹⁵¹ Christopher Paul and Miriam Matthews, “The Russian ‘Firehose of Falsehood’ Propaganda Model: Why It Might Work and Options to Counter It.”, *International Security and Defense Policy Center* (Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2016), <http://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html>.

¹⁵² *Ibid.*



Figura 2: Meme anti-islâmico publicado no Daily Stormer, 06/03/2017

de um sistema de valores supostamente corrompido; é uma variante mais específica de “sheeple” (mistura de ovelha e pessoa) ou “lemming”. “Cuck” tem origem na pornografia racial (“corno inter-racial”), em que os homens brancos são voluntariamente humilhados ao convidarem homens negros a fazer sexo com suas esposas brancas enquanto ficam olhando. Assim, a palavra “cuck” está ligada de maneira intrínseca à ideologia supremacista branca, e serve como uma linguagem política codificada para pessoas da extrema-direita.^{153*}

Uma variante popular disso é “cuckservative”, que se refere aos republicanos convencionais que têm opiniões consideradas insuficientemente conservadoras em questões como imigração, direitos dos transgêneros e Israel.¹⁵⁴ O implícito racial do termo é importante. Richard Spencer protestou fortemente contra o uso de “cuck” para se referir a liberais ou machos beta. “Cuckservative é, em uma palavra, importante: ele tirou nossos inimigos do

sério e se tornou um indicador de algo além do conservadorismo. Assim, é importante compreendermos - para não permitirmos que o *meme* seja transformado em apenas mais um sinônimo de “liberal”... O *meme* #cuckservative não faz sentido sem raça. É tudo uma questão de raça.”¹⁵⁵

BOTS

Bots sociais são programas de *software* que criam conteúdos nas redes sociais e interagem com as pessoas.¹⁵⁶ Cada vez mais, eles são usados para fins políticos, como: inflar os números de seguidores de um político; divulgar propaganda; influenciar sutilmente um discurso político; agregar e divulgar conteúdo.¹⁵⁷ Em países que vão do Azerbaijão até Itália e Venezuela, os *bots* têm sido usados por governos e elites políticas,¹⁵⁸ frequentemente para atacar pessoas contrárias ao governo ou manipular os noticiários em torno de um problema.¹⁵⁹ Isso é bem mais comum

¹⁵³ David Weigel, “‘Cuckservative’ — the Conservative Insult of the Month, Explained”, The Washington Post, July 29, 2015, <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2015/07/29/cuckservative-the-conservative-insult-of-the-month-explained/>; Joseph Bernstein, “Behind The Racist Hashtag That Is Blowing Up Twitter”, BuzzFeed, July 27, 2015, <https://www.buzzfeed.com/josephbernstein/behind-the-racist-hashtag-some-donald-trump-fans-love>.

* N.T. Resumidamente, sheeple e lemming referem-se a pessoas que não pensam por si mesmas e que seguem o que está na moda, repetindo o que outras pessoas estão fazendo ou falando.

¹⁵⁴ Bernstein, “Behind The Racist Hashtag That Is Blowing Up Twitter”.

¹⁵⁵ Richard Spencer, “Getting #Cuckservative Wrong”, RADIX JOURNAL, August 1, 2015, <http://www.radixjournal.com/blog/2015/8/1/getting-cuckservative-wrong>.

¹⁵⁶ Michelle C. Forelle et al., “Political Bots and the Manipulation of Public Opinion in Venezuela”, SSRN Electronic Journal, 2015, doi:10.2139/ssrn.2635800.

¹⁵⁷ Samuel C. Woolley, “Automating Power: Social Bot Interference in Global Politics”, First Monday 21, no. 4 (March 10, 2016), doi:10.5210/fm.v21i4.6161; Forelle et al., “Political Bots and the Manipulation of Public Opinion in Venezuela”; Philip N. Howard and Bence Kollanyi, “Bots, #StrongerIn, and #Brexit: Computational Propaganda during the UK-EU Referendum”, arXiv:1606.06356 [Physics], June 20, 2016, <http://arxiv.org/abs/1606.06356>.

¹⁵⁸ Woolley, “Automating Power”.

¹⁵⁹ Lawrence Alexander, “Social Network Analysis Reveals Full Scale of Kremlin’s Twitter Bot Campaign • Global Voices”, Global Voices, April 2, 2015, <https://globalvoices.org/2015/04/02/analyzing-kremlin-twitter-bots/>; J.M. Porup, “How Mexican Twitter Bots Shut Down Dissent”, Motherboard, August 24, 2015, https://motherboard.vice.com/en_us/article/how-mexican-twitter-bots-shut-down-dissent.

durante eventos políticos significativos e disputados, por exemplo as eleições nacionais ou o referendo do Reino Unido para deixar a União Europeia.¹⁶⁰

Os *bots* foram muito usados durante as eleições presidenciais de 2016.¹⁶¹ Por exemplo, durante o primeiro debate presidencial, eles geraram 20% das postagens no Twitter, apesar de representarem apenas 0,5% dos usuários.¹⁶²

Os bots são baratos, fáceis de serem implantados e modificados. Assim, podem ser rapidamente aprimorados para espalhar informações sobre os problemas atuais.

Significativamente, o tráfego maior veio de *bots* pró-Trump do que *bots* pró-Clinton.¹⁶³ Isso permaneceu constante durante toda a eleição; pesquisadores estimam que cerca de um terço de todos os tuítes pró-Trump no Twitter foram gerados pelos *bots*, quatro vezes mais do que os tuítes pró-Clinton.¹⁶⁴ Muitos deles compartilham o que é conhecido como “propaganda computacional”: desinformação e informações negativas sobre candidatos da oposição.¹⁶⁵

O impacto dos *bots* no discurso político é desconhecido, mas pesquisas apontam que esses programas podem ter significativos efeitos de difusão. Os *bots* são baratos, fáceis de serem implantados e modificados. Assim, eles podem ser rapidamente aprimorados para espalhar informações sobre os problemas atuais.¹⁶⁶ Por causa disso, qualquer pessoa, com atuação na política ou não, pode implantá-los com facilidade, apesar de haver uma prova da ligação entre o tráfego de *bots* pró-Trump e a propaganda estatal russa.¹⁶⁷ Além disso, muitas vezes é complicado para usuários comuns distinguir os usuários “reais” dos *bots*.¹⁶⁸ Para dificultar ainda mais, muitas contas que aparentam ser *bots* são, muitas vezes, equipes de usuários produzindo conteúdo manualmente. Por exemplo, durante a teoria da conspiração do Pizzagate (descrita em Estudos de Caso, adiante), uma combinação de *bots* e contas que pareciam *bots* foram usadas para popularizar a teoria, sugerir protestos e fornecer legitimidade suficiente para que pessoas reais fossem incentivadas a participar.¹⁶⁹ Deste modo, o tráfico de *bots* contribuiu para a divulgação — e generalização — da teoria.

¹⁶⁰ Howard and Kollanyi, “*Bots, #StrongerIn, and #Brexit*”.

¹⁶¹ Adrienne Arsenault, “Partisan Twitter *Bots* Distorting U.S. Presidential Candidates’ Popularity”, CBC News, October 20, 2016, <http://www.cbc.ca/news/world/twitter-bots-trump-clinton-1.3814386>; *ibid.*; Amanda Hess, “On Twitter, a Battle Among Political *Bots*”, The New York Times, December 14, 2016, <https://www.nytimes.com/2016/12/14/arts/on-twitter-a-battle-among-political-bots.html>; Dan Misener, “Political *Bots* Spread Misinformation during U.S. Campaign — and They’re Expected in Canada”, CBC News, November 7, 2016, <http://www.cbc.ca/news/technology/political-bots-misinformation-1.3840300>.

¹⁶² Bence Kollanyi, Philip N. Howard, and Samuel C. Woolley, “*Bots* and Automation over Twitter during the First US Presidential Debate” (COMPROP Data Memo, 2016), <https://assets.document-cloud.org/documents/3144967/Trump-Clinton-Bots-Data.pdf>.

¹⁶³ *Ibid.*

¹⁶⁴ Arsenault, “Partisan Twitter *Bots* Distorting U.S. Presidential Candidates’ Popularity”.

¹⁶⁵ Misener, “Political *Bots* Spread Misinformation during U.S. Campaign — and They’re Expected in Canada”.

¹⁶⁶ Forelle et al., “Political *Bots* and the Manipulation of Public Opinion in Venezuela”.

¹⁶⁷ Gabe O’Connor and Ave Schneider, “How Russian Twitter *Bots* Pumped Out Fake news During The 2016 Election”, NPR: All Things Considered, April 3, 2017, <http://www.npr.org/sections/alltechconsidered/2017/04/03/522503844/how-russian-twitter-bots-pumped-out-fake-news-during-the-2016-election>; Peter Stone and Greg Gordon, “FBI’s Russian-Influence Probe Includes a Look at Breitbart, InfoWars News Sites”, McClatchy DC Bureau, March 20, 2017, <http://www.mcclatchydc.com/news/politics-government/white-house/article139695453.html>.

¹⁶⁸ Howard and Kollanyi, “*Bots, #StrongerIn, and #Brexit*”.

¹⁶⁹ Hess, “On Twitter, a Battle Among Political *Bots*”; Marc Fisher, John Woodrow Cox and Peter Hermann, “Pizzagate: From Rumor, to Hashtag, to Gunfire in D.C.”, The Washington Post, December 6, 2016,

AMPLIFICAÇÃO ESTRATÉGICA E ENQUADRAMENTO

Com a utilização do poder de redes colaborativas e o alcance de influenciadores digitais, manipuladores da mídia conseguem “subir na hierarquia” dos portais de notícia.¹⁷⁰ Essa estratégia está descrita com detalhes em um livro de Ryan Holiday, publicado em 2012, que se aproveitou de blogs de notícias para receber cobertura gratuita de relações públicas para seus clientes. Desde então, ideólogos e *trolls* políticos passaram a adotar estratégias similares para suas próprias causas.¹⁷¹ Subir na hierarquia inclui implantar uma história que chama a atenção nos noticiários locais que, possivelmente, não possuem recursos humanos ou financeiros para conferir a veracidade dos dados. Se a história tiver um bom desempenho, os meios de comunicação e os noticiários nacionais também podem cobri-la, seja para promovê-la ou desmascará-la. Em ambos os casos, a história é amplificada além de seu escopo original.

Para os manipuladores, não importa se a mídia está reportando uma história a fim de desmascará-la ou descartá-la; o importante é cobri-la.

O processo de manipulação da mídia atual envolve muitas variações. Em alguns casos, manipuladores criam histórias falsas que servem de isca (para ilustrar, veja nosso Estudo de Caso a respeito de páginas falsas do Facebook sobre união de estudantes brancos). Em outros, influenciadores como Alex Jones podem acabar promovendo uma teoria da conspiração que tenha ajuda das redes colaborativas. Nesse processo, a cobertura da história cai em grupos “*alt-light*” ou mesmo meios de comunicação *mainstream*. Durante a eleição presidencial americana de 2016, Trump muitas vezes fez o papel de amplificador. Sempre que ele fazia um tuíte sobre uma teoria da conspiração, ou alguma alegação falsa em um comício, era considerado digno de ser noticiado devido à sua candidatura.

Para os manipuladores, não importa se a mídia está divulgando uma história a fim de desmascará-la ou descartá-la; o importante é cobri-la. A quantidade de cobertura da mídia dedicada a casos específicos influencia a suposta importância dessas histórias para o público.¹⁷² Esse fenômeno, chamado de agendamento, explica que a mídia é extremamente influente para determinar os assuntos a respeito dos quais as pessoas pensam. A agenda da mídia influencia a agenda pública. Dessa forma, conseguir com que a mídia cubra certas histórias, mesmo que seja para desmentilas, significa que os manipuladores conseguiram influenciar a agenda pública.

Os manipuladores também reconhecem o valor de definir e enquadrar uma notícia desde o começo. Estudos mostram que apresentar informações que contradizem crenças pré-existentes faz com que as pessoas insistam fervorosamente em suas opiniões iniciais, em vez de revê-las.¹⁷³ Isso significa que, uma vez que uma história ganhou popularidade, é quase impossível para a mídia *mainstream* corrigir completamente uma história falsa. Além disso, a versão correta em

<https://www.washingtonpost.com/local/pizzagate-from-rumor-to-hashtag-to-gunfire-in-dc/2016/12/06/4c7def50-bbd4-11e6-94ac-3d324840106cstory.html>.

¹⁷⁰ Ryan Holiday, *Trust Me, I'm Lying: Confessions of a Media Manipulator* (New York: Penguin, 2012).

¹⁷¹ Ryan Holiday, “Exclusive Interview: How This Right-Wing ‘Troll’ Reaches 100M People a Month”, *The Observer*, October 27, 2016, <http://observer.com/2016/10/exclusive-interview-how-this-right-wing-troll-reaches-100m-people-a-month/>.

¹⁷² Maxwell E. McCombs and Donald Shaw, “The Agenda-Setting Function of Mass Media”, *The Public Opinion Quarterly* 36, no. 2 (Summer 1972): 176-87.

¹⁷³ Jared Wadley, “New Study Analyzes Why People Are Resistant to Correcting Misinformation, Offers Solutions”, *University of Michigan - Michigan News*, September 20, 2012, <http://ns.umich.edu/new/releases/20768-new-study-analyzes-why-people-are-resistant-to-correcting-misinformation-of-fers-solutions>.

geral é mais complicada, e mais chata, do que uma narrativa fabricada para chamar a atenção.¹⁷⁴ O efeito de tudo isso é que o enquadramento original de uma história — a criada pelos manipuladores da mídia — é a que normalmente permanece na mente popular.

¹⁷⁴ Tim Harford, “The Problem With Facts”, Financial Times, March 9, 2017, <https://www.ft.com/content/eef2e2f8-0383-11e7-ace0-1ce02ef0def9>.

POR QUE A MÍDIA É VULNERÁVEL?

Embora tenha havido um aumento notável na atividade online de extrema-direita, isso seria menos significativo se a mídia *mainstream* não tivesse amplificado suas mensagens. A mídia *mainstream* estava suscetível à manipulação da imprensa de extrema-direita devido a uma série de dinâmicas: baixa confiança do público na mídia; uma tendência para o sensacionalismo; falta de recursos para verificação de fatos e para relatórios investigativos; e consolidação corporativa resultando na substituição de publicações locais por marcas hegemônicas de mídia. As preocupações com a mídia noticiosa aumentaram nos últimos anos em todo o espectro político. Enquanto os críticos de direita argumentam que as elites liberais dominam a mídia *mainstream*, os teóricos de esquerda argumentam que a mídia é excessivamente dependente de fontes corporativas e governamentais, favorece os anunciantes, ignora vozes dissidentes e apoia o *status quo*.¹⁷⁵ Essa desconfiança generalizada da mídia *mainstream*, tanto de esquerda quanto de direita, ajudou a criar condições tanto para o surgimento da imprensa de extrema-direita hiperpartidária quanto para a manipulação da mídia subcultural.

FALTA DE CONFIANÇA NA MÍDIA

A confiança na mídia *mainstream* nunca esteve tão baixa. Uma pesquisa Gallup divulgada em setembro de 2016 descobriu que a confiança dos americanos na mídia de massa “para relatar as notícias de forma completa, precisa e justa” foi, com 32%, a mais baixa na história de pesquisas da organização.¹⁷⁶ Embora a confiança tenha caído de forma mais ou menos constante ao longo do século 21, o número caiu oito pontos percentuais em relação a 2015, marcando a tendência como particularmente predominante no último ano. Um relatório da Data & Society descobriu que a maioria dos adolescentes desconfia das notícias e acredita que grande parte delas é tendenciosa.¹⁷⁷

Também é importante notar que, de acordo com a pesquisa Gallup, a confiança na mídia *mainstream* é particularmente baixa entre os participantes de direita e republicanos, com apenas 14%.¹⁷⁸ Essa estatística é notável quando se considera o novo surgimento de meios de comunicação hiperpartidários de direita que formam “um sistema de mídia distinto e isolado”.¹⁷⁹ Grande parte da cobertura desses meios de comunicação é dedicada a ataques à mídia *mainstream*, de modo que aqueles que gravitam para essas fontes podem se tornar cada vez mais desconfiados, e isolados, de qualquer cobertura fora delas.

No entanto, essa falta de confiança tem outros precedentes recentes. Por exemplo, antes da Guerra do Iraque, o *New York Times* publicou uma série de artigos que indicavam que o Iraque poderia

¹⁷⁵ Edward S. Herman and Noam Chomsky, *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media* (Vintage, 1994); Todd Gitlin, *The Whole World Is Watching: Mass Media in the Making & Unmaking of the New Left* (Berkeley, CA: Univ of California Press, 1980); Robert W. McChesney, *The Political Economy of Media: Enduring Issues, Emerging Dilemmas* (New York: NYU Press, 2008).

¹⁷⁶ Art Swift, “Americans’ Trust in Mass Media Sinks to New Low”, Gallup, September 14, 2016, <http://www.gallup.com/poll/195542/americans-trust-mass-media-sinks-new-low.aspx>.

¹⁷⁷ Mary Madden, Amanda Lenhart, and Claire Fontaine, “How Youth Navigate the News Landscape” (Data & Society Research Institute, February 2017), https://kf-site-production.s3.amazonaws.com/publications/pdfs/000/000/230/original/Youth_News.pdf.

¹⁷⁸ Swift, “Americans’ Trust in Mass Media Sinks to New Low”.

¹⁷⁹ Benkler, Roberts, and Zuckerman, “Study”.

estar em processo de desenvolvimento de armas de destruição em massa. A cobertura foi citada por funcionários do governo Bush para reforçar o apoio à invasão, entretanto, mais tarde foi revelado que as reportagens do *Times* foram amplamente baseadas em informações errôneas. Em 2004, em um *mea culpa*, o jornal admitiu que deveria “ter sido mais céptico” em suas reportagens e que estava “talvez muito empenhado em lançar furos de reportagem”.¹⁸⁰ O jornal também admitiu que foi encorajado a relatar essas alegações por funcionários dos Estados Unidos que já estavam convencidos da necessidade de uma invasão.¹⁸¹ O *New York Times*, considerado uma das principais publicações dos Estados Unidos, foi severamente criticado por confiar em fontes simpatizantes do governo Bush e por não cumprir suas funções como um “quarto poder” verificador do poder governamental.¹⁸² Essas revelações tiveram um impacto significativo na confiança do público.¹⁸³

DECLÍNIO DAS NOTÍCIAS LOCAIS

Devido a uma confluência de fatores econômicos e tecnológicos, as notícias locais diminuíram consideravelmente nos últimos anos. Uma alteração importante foi a mudança para o consumo de notícias online. Muitos jornais locais não têm recursos para investir em publicação digital, o que significa que perdem um valioso número de leitores online e enfrentam a queda da circulação impressa.¹⁸⁴

Aqueles que publicam conteúdo digital se deparam com o colapso dos modelos de negócios tradicionais. Os usuários da internet que obtêm notícias de forma fragmentada por meio de redes sociais ou por mecanismos de busca raramente estão dispostos a pagar taxas de assinatura de publicações, o que acaba com uma fonte tradicional de receita e força os editores online a depender quase exclusivamente da publicidade.¹⁸⁵ No entanto, grande parte dos gastos com publicidade está sendo redirecionada para plataformas digitais intermediárias, como Google e Facebook, que agregam notícias de outros sites, mas não as produzem eles próprios.¹⁸⁶ Além disso, a receita de anúncios classificados foi perdida para sites como o Craigslist.

¹⁸⁰ Jack Shafer, “The Real Problem with Judith Miller”, *POLITICO Magazine*, accessed April 21, 2017, <http://politi.co/1CBoqzI>.

¹⁸¹ Claire Cozens, “New York Times: We Were Wrong on Iraq”, *The Guardian*, May 26, 2004, sec. Media, <https://www.theguardian.com/media/2004/may/26/pressandpublishing.usnews>.

¹⁸² Michael Massing, “Now They Tell Us”, *The New York Review of Books*, February 26, 2004, <http://www.nybooks.com/articles/2004/02/26/now-they-tell-us/>; Oliver Boyd-Barrett, “Judith Miller, the New York Times, and the Propaganda Model”, *Journalism Studies* 5, no. 4 (2004): 435-449.

¹⁸³ Margaret Sullivan, “Repairing the Credibility Cracks After Jayson Blair”, *The New York Times*, May 4, 2013, <http://www.nytimes.com/2013/05/05/public-editor/repairing-the-credibility-cracks-af-ter-jayson-blair.html>. Para um exemplo de como a imprensa da extrema-direita usa o NYT WMD, veja Timothy Alexander Guzman, “The Lie of the 21st Century: How Mainstream Media ‘Fake news’ Led to the U.S. Invasion of Iraq”, *Global Research - Centre for Research on Globalization*, November 24, 2016, <http://www.globalresearch.ca/the-lie-of-the-21st-century-how-mainstream-media-fake-news-led-to-the-u-s-invasion-of-iraq/5558813>.

¹⁸⁴ Penelope Muse Abernathy, “The Rise of a New Media Baron and the Emerging Threat of News Deserts” (Chapel Hill, NC: Center for Innovation and Sustainability in Local Media, University of North Carolina at Chapel Hill, 2016), http://newspaperownership.com/wp-content/uploads/2016/09/07.UNC_RiseOfNewMediaBaron_SinglePage_01Sep2016-REDUCED.pdf.

¹⁸⁵ Andrew Currah, “Navigating the Crisis in Local and Regional News: A Critical Review of Solutions” (Reuters Institute for the Study of Journalism, September 2009), https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Navigating%20the%20Crisis%20in%20Local%20and%20Regional%20News_0.pdf.

¹⁸⁶ Andrew Currah, “What’s Happening to Our News,” *RITJ Challenges* (Reuters Institute for the Study of Journalism, January 2009), <https://www.jrri.org.uk/wp-content/uploads/2019/06/whathappeningtoournews-report.pdf>.

Diante dessa receita cada vez menor, tanto off-line quanto online, muitos jornais locais pararam de ser publicados nos anos 2000. Outros foram vendidos a empresas de capital aberto e fundos de capital privado, que viram uma oportunidade de comprá-los a preços de pechincha.¹⁸⁷ No processo, os jornais locais foram consolidados em algumas poucas empresas ultrapoderosas, descritas por Penelope Muse Abernathy como “os barões da nova mídia”.¹⁸⁸ Para economizar custos, essas empresas consolidadas muitas vezes desencorajaram reportagens locais extensas em favor de um conteúdo de aplicação mais ampla. Em outras palavras, quanto maiores as empresas de mídia se tornavam, menos conectadas estavam às comunidades individuais.¹⁸⁹

A propriedade consolidada também prejudicou as notícias locais porque os “barões da nova mídia” priorizam bastante os lucros de curto prazo em vez do jornalismo cívico de qualidade.¹⁹⁰ Em particular, as empresas de capital privado — que podem operar com menos supervisão regulatória e transparência do que as empresas de capital aberto — muitas vezes reestruturam radicalmente as empresas jornalísticas com o objetivo de revendê-las com lucro em alguns anos. Como parte dessas aquisições alavancadas, eles frequentemente dispensam grande parte da equipe da redação e encerram projetos investigativos que não garantem retorno de curto prazo; em alguns casos, fecham jornais locais inteiros como estratégia de corte de custos.¹⁹¹

Conforme descrito no relatório da Abernathy sobre a propriedade de novas mídias, essa confluência de desafios ameaça criar “desertos de notícias” ou regiões onde as comunidades não podem mais acessar notícias locais.¹⁹² Essas notícias são uma ferramenta vital para o engajamento cívico; a FCC informou que até 85% das notícias que alimentam a democracia local vêm de jornais locais. Sem a mídia de notícias proporcionando essa função cívica, o público fica menos informado sobre as questões que o afetam e há um vácuo de configuração de agenda deixado para trás. As comunidades também podem perder uma poderosa força de representação, uma vez que os meios de comunicação locais têm servido por muito tempo como uma forma de direcionar a atenção dos grandes meios de comunicação ou de setores do governo para questões locais.¹⁹³

A ECONOMIA DA ATENÇÃO

A mídia social — e em grande parte, a internet como um todo — é uma economia da atenção em que o conteúdo mais valorizado é aquele que tem mais probabilidade de atrair a atenção. O excesso de informações possibilitado pela internet torna a atenção um recurso extremamente valioso.¹⁹⁴ Conteúdo viral, de vídeos engraçados a manchetes sensacionalistas, atrai cliques, retuítes e curtidas e, portanto, faturamento de publicidade.¹⁹⁵ Mídias online como *Huffington Post*, *Vice* e *Vox* — até mesmo veículos de notícias tão tradicionais como o *New York Times* —

¹⁸⁷ Matthew Crain, “The Rise of Private Equity Media Ownership in the United States: A Public Interest Perspective”, *International Journal of Communication* 3 (January 2009), <http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/381>.

¹⁸⁸ Abernathy, “The Rise of a New Media Baron and the Emerging Threat of News Deserts”.

¹⁸⁹ Ibid.

¹⁹⁰ Ibid.

¹⁹¹ Crain, “The Rise of Private Equity Media Ownership in the United States: A Public Interest Perspective”.

¹⁹² Abernathy, “The Rise of a New Media Baron and the Emerging Threat of News Deserts”.

¹⁹³ Steven Barnett, “Journalism, Democracy and the Public Interest: Rethinking Media Pluralism for the Digital Age” (Reuters Institute for the Study of Journalism, September 2009), https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Journalism%20Democracy%20%26%20Public%20Interest_0.pdf.

¹⁹⁴ M. H Goldhaber, “The Attention Economy and the Net”, *First Monday* 2, no. 4-7 (April 1997), <http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/519/440>.

¹⁹⁵ Tim Wu, *The Attention Merchants: The Epic Scramble to Get Inside Our Heads* (New York: Knopf, 2016).

valorizam as visualizações de página, os artigos “mais enviados” e os tópicos em alta.¹⁹⁶ Sites como o *Buzzfeed* e o *Upworthy* rastreiam cuidadosamente o que publicam para entender como o conteúdo flui em plataformas sociais como Facebook e Twitter. Eles usam esse conhecimento de viralidade para produzir conteúdo patrocinado por marcas ou refinar mensagens sociais.¹⁹⁷ Assim, em um mundo saturado de mídia, tanto a tradicional quanto a nova mídia procuram cobrir tudo o que pode atrair “olhares”.¹⁹⁸

Desde a década de 1990, os jornais tradicionais adotaram uma ampla variedade de medidas de corte de custos, conforme discutido na última seção. Em geral, funcionários foram demitidos e repórteres passaram a ter mais responsabilidades.¹⁹⁹ Menos jornais podem pagar correspondentes estrangeiros ou repórteres em Washington, DC. Há menos verificação de fatos e menos relatórios investigativos.²⁰⁰ Ao mesmo tempo, há uma necessidade constante de novidades para preencher um ciclo de notícias 24 horas por dia, sete dias por semana, 365 dias por ano, impulsionado por redes a cabo e mídias sociais. Como resultado, notícias são frequentemente publicadas antes de serem concluídas, muito menos passadas por uma checagem.²⁰¹

Para responder a tal pressão, as organizações de notícias *mainstream* com frequência obtêm histórias diretamente do Twitter ou de blogs como o *Gawker* (agora extinto) ou *Gothamist*. Tais blogs são profundamente incentivados a produzir um fluxo constante de novos conteúdos, uma vez que dependem de visualizações de páginas, e os blogs mais cativantes são aqueles que se atualizam constantemente.²⁰² Tanto a nova quanto a antiga mídia empregam *software* que fornece dados detalhados que mostram exatamente quais artigos recebem mais cliques, compartilhamentos, curtidas e comentários. Isso permite que jornais e blogs ajustem conteúdos futuros para aumentar suas métricas, incentivando postagens de baixa qualidade, mas de alto desempenho, em vez de jornalismo de alta qualidade.²⁰³

Portanto, o conteúdo que é novo, sensacionalista ou emocional é erva daninha para os repórteres. Donald Trump produziu um fluxo constante de novos escândalos e declarações ultrajantes durante a eleição de 2016 e, como resultado, obteve muito mais cobertura do que outros

¹⁹⁶ Hyon S. Chu, “Clickbait, the Attention Economy, and the End of Journalism”, Medium, November 19, 2016, <https://medium.com/@hyonschu/clickbait-the-attention-economy-and-the-end-of-journalism-c4f16d2c447d>; Caitlin Petre, “The Traffic Factories: Metrics at Chartbeat, Gawker Media, and the New York Times”, Tow Center for Digital Journalism, 2015, http://www.cjr.org/tow_center_reports/the_traffic_factories_metrics_at_chartbeat_gawker_media_and_the_new_york_times.php.

¹⁹⁷ Noah Robischon, “How BuzzFeed’s Jonah Peretti Is Building A 100-Year Media Company”, Fast Company, February 16, 2016, <https://www.fastcompany.com/3056057/how-buzzfeeds-jonah-peretti-is-building-a-100-year-media-company>; Ricardo Bilton, “A Year into Its New Original Content Strategy, Upworthy Is Focusing on Do-Good Videos instead of Clickbait”, Nieman Lab, April 13, 2016, <http://www.niemanlab.org/2016/04/a-year-into-its-new-original-content-strategy-upworthy-is-focusing-on-do-good-videos-instead-of-clickbait/>.

¹⁹⁸ Bree Nordenson, “Overload!”, *Columbia Journalism Review* 47, no. 4 (2008): 30.

¹⁹⁹ Paul Starr, “An Unexpected Crisis: The News Media in Postindustrial Democracies,” *The International Journal of Press/Politics* 17, no. 2 (2012): 234-242.

²⁰⁰ Paul Starr, “Goodbye to the Age of Newspapers (Hello to a New Era of Corruption)”, *New Republic*, March 4, 2009, <https://newrepublic.com/article/64252/goodbye-the-age-newspapers-hello-new-era-corruption>.

²⁰¹ Michael Karlsson, “The Immediacy of Online News, the Visibility of Journalistic Processes and a Restructuring of Journalistic Authority”, *Journalism* 12, no. 3 (2011): 279-295.

²⁰² Ryan Holiday, *Trust Me, I’m Lying: Confessions of a Media Manipulator* (Penguin, 2012).

²⁰³ *Ibid.*; Chu, “Clickbait, the Attention Economy, and the End of Journalism”; Petre, “The Traffic Factories.”

candidatos.²⁰⁴ Devido à necessidade constante de produção de conteúdo de notícias que gerem uma maior quantidade de cliques, com recursos limitados, repórteres e blogueiros contam com as mídias sociais, de modo que uma *hashtag* de tendência ou um vídeo viral podem, de modo frequente, levar à cobertura *mainstream*.²⁰⁵ Esses fatores — e o conhecimento especializado dos *trolls* sobre eles — tornam a manipulação da mídia mais provável.

²⁰⁴ Thomas E. Patterson, “News Coverage of the 2016 Presidential Primaries: Horse Race Reporting Has Consequences” (Cambridge MA: Shorenstein Center on Media, Politics and Public Policy, July 11, 2016), <https://shorensteincenter.org/news-coverage-2016-presidential-primaries/>.

²⁰⁵ Ibid.



QUAIS SÃO AS CONSEQUÊNCIAS?

Ainda não conhecemos todo o impacto da manipulação das mídias da extrema-direita e da disseminação de desinformação. Porém, podemos esperar a continuidade de algumas tendências atuais: aumento de informações falsas e da desconfiança na mídia *mainstream* e a persistente radicalização.

DESINFORMAÇÃO

“Fake news” é um termo contestável, mas, no geral, se refere a uma ampla variedade de desinformações que circulam online e na mídia.²⁰⁶ O próprio termo se tornou controverso e motivado politicamente: foi usado pela primeira vez para descrever sites que intencionalmente postavam conteúdos ficcionais partidários como *clickbaits*, mas a administração de Donald Trump logo o adotou para desacreditar notícias precisas, porém pouco lisonjeiras, e, ironicamente, tornando o próprio termo uma fonte de desinformação. Independentemente de

Independentemente de como o problema é rotulado, a disseminação de informações falsas está tendo efeitos reais e negativos no consumo de notícias.

como o problema é rotulado, a disseminação de informações falsas está tendo efeitos reais e negativos no consumo de notícias.²⁰⁷ Mesmo quando a notícia falsa é desmascarada, ela pode continuar influenciando as atitudes das pessoas.²⁰⁸ Por isso, é

importante analisar os tipos de notícias falsas que existem e explorar as motivações para sua origem e disseminação.

Em um extremo do espectro, existem sites criados e projetados para, de maneira explícita, enganar as pessoas, publicando alegações comprovadamente falsas. Esses sites são, em geral, projetados para se parecerem fontes de notícias confiáveis, em alguns casos até mesmo se fazendo passar por canais específicos. Como já mencionado, sites com nomes como USConervativeToday.com e LibertyNewsWrite.com postaram histórias sensacionalistas e partidárias para aumentar o número de leitores e ganhar dinheiro.²⁰⁹

Outros meios de comunicação podem divulgar informações que se encontram em um continuum entre verdadeiro e falso. Publicações com agendas altamente ideológicas, como *Breitbart News* ou *Occupy Democrats*, muitas vezes manipulam as informações para ajustá-las a uma visão de mundo específica. Por exemplo, em 2014, o *Washington Free Beacon* publicou um artigo alegando que o governo dos EUA estava financiando tentativas de investigações para rastrear e vigiar declarações conservadoras nas mídias sociais, as quais foram divulgadas no *Breitbart News*,

²⁰⁶ Melissa Zimdars, “False, Misleading, Clickbait-Y, and Satirical ‘News’ Sources”, *Google Docs*, 2016, https://docs.google.com/document/d/10eA5-mCZLSS4MQY5QGb5ewC3VAL6pLkT53V_81ZyitM/preview?usp=embed_facebook.

²⁰⁷ Michael Barthel, Amy Mitchell, and Jesse Holcomb, “Many Americans Believe Fake news Is Sowing Confusion”, *Pew Research Center Journalism & Media*, December 15, 2016, <http://www.journalism.org/2016/12/15/many-americans-believe-fake-news-is-sowing-confusion/>; Monmouth University Polling Institute, “POTUS Less Trusted Than Media, ‘Fake news’ Comes From All Sources”, *Monmouth University Polling Institute*, March 29, 2017, https://www.monmouth.edu/polling-institute/reports/MonmouthPoll_US_032917/.

²⁰⁸ Emily Thorson, “Belief Echoes: The Persistent Effects of Corrected Misinformation”, *Political Communication* 33, no. 3 (2016): 460-480.

²⁰⁹ Silverman and Alexander, “How Teens In the Balkans Are Duping Trump Supporters With Fake news”; McCoy, “Inside a Long Beach Web Operation That Makes up Stories about Trump and Clinton”.

e, por fim, no *Fox News*.²¹⁰ Embora o projeto de fato existisse, suas descobertas foram descaracterizadas. Da mesma forma, ativistas liberais publicaram uma história do *Conservative Daily Post* alegando que a administração de Trump acusaria manifestantes políticos de terroristas.²¹¹ Isso foi baseado em uma proposta informal do senador Doug Erickson de acusar os manifestantes que bloquearam empresas com terrorismo econômico.²¹² Em ambos os casos, as notícias eram uma combinação de fatos e desinformação.

As publicações *mainstream* regularmente postam *clickbaits*, que consistem em manchetes sensacionalistas e, às vezes, enganosas com o objetivo de aumentar as visualizações dos artigos.²¹³ As fontes de notícias também podem relatar outros casos de informações falsas que considerem dignas de notícias, o que lhes dá, de forma involuntária, mais exposição.

Há um debate considerável sobre a maneira mais eficaz de lidar com “fake news”. Alguns estudiosos argumentam que serviços como Facebook e Google hoje são, sem dúvida, plataformas que devem ter a responsabilidade de sinalizar histórias falsas e até mesmo alterar os incentivos econômicos para os editores (e o Facebook de fato começou a tomar algumas medidas).²¹⁴ Outros argumentam que a solução está em promover educação midiática e incentivar o “ceticismo emocional” do público.²¹⁵ Infelizmente, nenhuma das soluções propostas são fáceis, e sua eficácia ainda não foi amplamente testada, podendo até resultar no contrário do que se espera.²¹⁶

CRESCENTE DESCONFIANÇA NA MÍDIA

Não está claro até que ponto os níveis de confiança na mídia, historicamente baixos, podem nos levar à manipulação da mídia. Mas é importante notar que a desconfiança em relação a ela pode se tornar um fenômeno que se autoperpetua. Os grupos que já são cínicos em relação à mídia — *trolls*, ideólogos e teóricos da conspiração — costumam ser os que acabam por manipulá-la. Se eles conseguem usar a mídia, com sucesso, para cobrir uma história ou promover uma agenda, isso prejudica sua própria credibilidade em outras questões. Enquanto isso, mais pessoas estão expostas às fragilidades da mídia e podem recorrer a fontes alternativas de notícias.

No geral, a desconfiança nas mídias tem impactos significativos. Isso porque pessoas que não confiam nas mídias são menos propensas a acessar informações precisas, o que pode gerar

²¹⁰ Fox News, “‘1984’ in 2014? Fed Gov’t Funds ‘Truthy’ Database to Monitor Hate Speech, Suspicious Memes”, *FOX News Insider*, August 28, 2014, <http://insider.foxnews.com/2014/08/28/federal-govt-funds-truthy-database-monitor-hate-speech-suspicious-memes>; David Uberti, “How Misinformation Goes Viral: A Truthy Story”, *Columbia Journalism Review*, September 3, 2014, http://www.cjr.org/behind_the_news/how_misinformation_goes_viral.php.

²¹¹ Ruby Cramer and Steven Perlberg, “Democrats Confront Lefty Fake news”, *BuzzFeed*, February 6, 2017, <https://www.buzzfeed.com/rubycramer/democrats-confront-lefty-fake-news>.

²¹² Dan Evon, “Law Charges Protesters With Terrorism?”, *Snopes.com*, November 18, 2016, <http://www.snopes.com/law-charges-protesters-with-terrorism/>.

²¹³ James Hamblin, “It’s Everywhere, the Clickbait”, *The Atlantic*, November 11, 2014, <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2014/11/clickbait-what-is/382545/>.

²¹⁴ Robyn Caplan, “How Do You Deal with a Problem Like ‘fake news?’”, *Data & Society: Points*, January 5, 2017, <https://points.datasociety.net/how-do-you-deal-with-a-problem-like-fake-news-80f9987988a9#n7d401b3m>.

²¹⁵ Claire Wardle, “Fake news. It’s Complicated.”, *First Draft News*, February 16, 2017, <https://firstdraftnews.com/fake-news-complicated/>.

²¹⁶ danah boyd, “Did Media Literacy Backfire?”, *Data & Society: Points*, January 5, 2017, <https://points.datasociety.net/did-media-literacy-backfire-7418c084d88d>.

consequências cívicas e políticas.²¹⁷ São, assim, mais propensas a votar de acordo com as linhas partidárias do que a considerar as condições nacionais do momento.²¹⁸ Percebe-se, assim, que os baixos níveis de confiança nas mídias enfraquecem o conhecimento político dos cidadãos, inibem sua função de fiscalizar os políticos e podem impedir o pleno exercício da democracia.²¹⁹

AINDA MAIS RADICALIZAÇÃO

Ideologias de extrema-direita, como o etnonacionalismo e o antiglobalismo, parecem estar se espalhando em espaços subculturais dos quais estavam anteriormente ausentes. A comunidade da sedução, por exemplo, tem atraído homens de diversas etnias ao longo da história. Recentemente, porém, o artista da sedução Roosh descreveu seu primeiro livro como “um olhar interno para como o *establishment* globalista está tentando marginalizar homens masculinos com uma agenda esquerdista que promove censura, feminismo e esterilidade”. Além disso, há pouco tempo seu blog *Return of Kings* postou discursos sobre pornografia inter-racial e outras contrariedades favoritas da extrema-direita.

Há também sinais de radicalização nas práticas de *gaming* e nos *fandoms*. O retrocesso contra o multiculturalismo e o feminismo está aumentando à medida que franquias como *Rogue One*, *Punho de Ferro* e *Caça-Fantasmas* estão envolvidas em controvérsias sobre representatividade. O retrocesso da base de *gamers* contra questões de representatividade e multiculturalismo pode ser visto nas atividades recentes e declarações do YouTuber Jon Tron, que apresenta um popular programa de *videogame*. Após recentes mudanças políticas públicas, Jon Tron tem visivelmente defendido e passado adiante ideias racistas e jingoísticas. O fato levou a um debate transmitido ao vivo no qual ele repetia muitos dos argumentos padrão da supremacia branca tradicional, incluindo a ideia de que negros de classe média e alta cometem mais crimes do que brancos de classe baixa.

Soma-se a isso a liberação do contrato do produtor de conteúdo de *games* do YouTube, PewDiePie, depois dele ter organizado uma “brincadeirinha” em que incentivava crianças mais novas a segurar uma placa dizendo: “Mate todos os judeus [sic]”. Há especulações dentro da comunidade nacionalista branca de que isso poderia dar início à radicalização de celebridades do YouTube que, ao terem que lidar com a reação pública, são mais propensas a buscar ideias e aliados que justifiquem e apoiem suas declarações anteriores. Mais uma vez, é exemplificado como os compromissos com a “liberdade de expressão” em certas comunidades podem servir de desculpa para a radicalização da extrema-direita. Além disso, tal realidade consolida ainda mais a relação entre movimentos como o Gamergate — e a cultura em torno de certos videogames — a questões de racismo e supremacia branca.

Por esses motivos, acreditamos que a radicalização da extrema-direita merece maior atenção. É preocupante a rapidez com que as mensagens de extrema-direita estão se espalhando através de

²¹⁷ Jonathan M. Ladd, *Why Americans Hate the Media and How It Matters* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2011).

²¹⁸ Jonathan M. Ladd, “The Role of Media Distrust in Partisan Voting”, *Political Behavior* 32, no. 4 (2010): 567-585.

²¹⁹ David A. Jones, “Why Americans Don’t Trust the Media: A Preliminary Analysis”, *Harvard International Journal of Press/Politics* 9, no. 2 (2004): 60-75; Kenneth Dautrich and Thomas H. Hartley, *How the News Media Fail American Voters: Causes, Consequences, and Remedies* (New York: Columbia University Press, 1999).

espaços subculturais, que variam de fãs de ficção científica a *furries*.^{220*} Os homens jovens que correm mais riscos são aqueles que se sentem destituídos de direitos em outras áreas de suas vidas, especialmente aqueles que já se sentem alienados da cultura *mainstream*. É essa alienação e sentimento de estranhamento que a radicalização explora de maneira estratégica. Embora seja impossível determinar quem exatamente ocupa muitos dos espaços que documentamos neste texto, parece provável que a desigualdade de renda tenha um papel nesse cenário. Enquanto Richard Spencer e outros líderes de extrema-direita se escondem atrás de seu status social de elite, a maioria dos membros da extrema-direita não tem esse privilégio. Resta saber como as circunstâncias econômicas contribuem para a adoção de tais ideologias.

²²⁰ Kelly Weill, “Neo-Nazis Are Tearing the Furry World Apart”, The Daily Beast, April 14, 2017, <https://www.thedailybeast.com/neo-nazis-are-tearing-apart-the-furry-world>

* N.T. Pessoas que se fantasiam como animais de pelúcia, usando roupas e símbolos que remetem ao nazismo.

CONCLUSÃO

Uma importante questão não respondida neste relatório é em que medida a manipulação da mídia de extrema-direita afetou os resultados das eleições presidenciais dos EUA em 2016. Por um lado, é impossível quantificar isso de qualquer forma substantiva. No entanto, sabendo que uma confluência de fatores contribuiu para a vitória de Trump, é importante destrinchar essa peça específica do quebra-cabeça. Argumentamos que a propagação de mensagens de extrema-direita, não apenas através de notícias de canais a cabo partidários e de fontes online (ou “fake news”), mas através da mídia *mainstream*, pode ter tido um efeito significativo na definição de agendas, principalmente no que diz respeito ao tipo de cobertura que cada candidato recebeu. Há evidências crescentes de que os eleitores de Trump consumiram principalmente notícias hiperpartidárias, muitas das quais, como *Infowars* e *Breitbart*, desempenharam um papel fundamental na amplificação de mensagens subculturais, e que majoritariamente apoiaram a candidatura de Trump.²²¹ Um grande estudo da escola Harvard Kennedy descobriu que a cobertura da mídia *mainstream* sobre Hillary Clinton foi mais negativa do que a de Donald Trump.²²² Dado o aumento da desconfiança da mídia e o aumento da cobertura jornalística partidária, este relatório ajuda a explicar por que a extrema-direita foi tão bem sucedida em amplificar suas mensagens.

Como explicamos a ascensão da extrema-direita online? A machosfera existe online há décadas e tem um conjunto bem desenvolvido de estratégias retóricas que retratam os homens — especialmente os *nerds* ou socialmente mal sucedidos — como vítimas de feministas radicais.

A predileção pelo sensacionalismo, a necessidade de novidades constantes e a ênfase nos lucros sobre a responsabilidade cívica tornou a mídia mainstream vulnerável à manipulação estratégica.

Durante a Gamergate, a extrema-direita se baseou na cultura *troll* e nas técnicas de participação para formar coalizões em torno de campanhas de mídia social e intimidação de oponentes. Ao mesmo tempo, os chans tinham um longo histórico de uso de linguagem inflamatória — o que podemos caracterizar como “discurso extremo”²²³ — para incomodar seus alvos e manterem-se separados das pessoas externas e dos *normies*. A retórica e a iconografia usadas pela *alt-right* e muitos dos outros grupos marginais neste documento enquadraram o racismo e o sexismo como uma rebelião nervosa. Essas condições criaram um ambiente perfeito no qual as mensagens de extrema-direita podiam se intensificar: jovens insatisfeitos, entediados e online; uma forte antipatia por feministas e “guerreiras da justiça social”; fluência na linguagem das redes sociais e *memes*; e organizações raciais de supremacia branca que atraíam os jovens brancos.²²⁴

No entanto, como reiteramos ao longo deste documento, muitas dessas crenças permaneceriam subculturais se não fosse por sua amplificação pela mídia *mainstream*. A predileção pelo

²²¹ James Hamblin, “It’s Everywhere, the Clickbait”, *The Atlantic*, November, 11, 2014, <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2014/11/clickbait-what-is/382545/>.

²²² Robyn Caplan, “How Do You Deal with a Problem Like ‘fake news?’”, *Data & Society: Points*, January 5, 2017, <https://points.datasociety.net/how-do-you-deal-with-a-problem-like-fake-news-80f9987988a9#.n7d401b3m>.

²²³ Matti Pohjonen and Sahana Udupa, “Extreme Speech Online: An Anthropological Critique of Hate Speech Debates”, *International Journal of Communication* 11, no. 0 (March 14, 2017): 19.

²²⁴ Jessie Daniels, *Cyber Racism: White Supremacy Online and the New Attack on Civil Rights* (Plymouth, UK: Rowman & Littlefield, 2009).

sensacionalismo, a necessidade de novidades constantes e a ênfase nos lucros sobre a responsabilidade cívica tornou a mídia *mainstream* vulnerável à manipulação estratégica. Muitos participantes de extrema-direita são bem informados sobre essas dinâmicas. A habilidade de indivíduos de extrema-direita de se conectarem, colaborarem e se reunirem rapidamente em torno de notícias de última hora, e seu talento para criar espetáculos que atraíam a mídia de notícias, possibilitaram que eles divulgassem propaganda e disseminassem efetivamente a desinformação. Como mostramos, além do impacto óbvio que o aumento do discurso racista, sexista e homofóbico pode ter sobre as pessoas, o aumento das mensagens de extrema-direita tem impactos potencialmente graves sobre a democracia e a participação cívica. Esperamos que nosso trabalho ajude a complicar narrativas simplistas em torno de “fake news” ou “memes do Trump” e forneça uma base para ativismo e pesquisas futuras.

QUESTÕES

Ainda há importantes peças descobertas desse complexo quebra-cabeça. Esperamos que outros pesquisadores, jornalistas e ativistas possam ajudar a responder a algumas das seguintes perguntas.

- Qual papel a mídia *mainstream* exerce em influenciar opiniões e atitudes do público em uma eleição política?
- Até que ponto os atores de quem estamos falando moldaram a narrativa da mídia *mainstream* e/ou os quadros nesta eleição? E quão influente foi isso?
- Qual é a relação entre plataformas de notícias hiperpartidárias e grupos subculturais de extrema-direita?
- Quanto esses processos são afetados por plataformas como Facebook, Twitter e Google? Existem soluções técnicas que podem ser implementadas?
- Como a mídia *mainstream* pode cobrir os grupos subculturais e de extrema-direita sem promover agendas problemáticas?
- Quem influenciou as táticas, os quadros e as prioridades da campanha de Trump?
- Atores de campanha, como Steve Bannon, estavam aprendendo com as redes de extrema-direita e seus *memes* ou experimentando diferentes estratégias de mensagens nessas redes?
- Qual é a extensão da radicalização da extrema-direita?
- Houve um aumento no número de adeptos de ideologias de extrema-direita durante as eleições de 2016?
- Quantas pessoas foram politicamente mobilizadas devido à sua participação em atividades online de extrema-direita?
- Existem semelhanças entre a radicalização de extrema-direita e outros tipos de radicalização (como o fundamentalismo islâmico)? O que podemos aprender com outros processos de radicalização?
- Como os interesses econômicos das organizações de mídia de notícias e das empresas de mídia social afetam sua participação nesse ecossistema?
- O que podemos aprender sobre a desinformação a partir de formas anteriores de “conhecimento alternativo”, como estudos criados para combater a ciência da mudança climática e os riscos do tabaco para a saúde pública?
- Quais são as semelhanças entre as formas mais antigas de nacionalismo branco e as mensagens da *alt-right*?

ESTUDOS DE CASO

A UNIÃO ESTUDANTIL BRANCA

Andrew Anglin é mais conhecido como o fundador e editor do *The Daily Stormer*, um veículo de notícias abertamente neonazista que afirma ser “o site *alt-right* mais visitado do mundo”.²²⁵ Modelado com base no 4chan e no 8chan, o site usa inúmeros *memes* e imagens racistas, além de incentivar *threads* de comentários em cada postagem. 4chan influenciou muito as próprias crenças fascistas de Anglin, que afirma ser “um *troll* de coração”.

Anglin está perfeitamente ciente da influência que exerce entre os leitores de seu site, conhecidos como o “Exército Stormer de *Troll*” ou apenas os “Stormers”. De acordo com o Southern Poverty Law Center, ele afirmou explicitamente que “usar o noticiário diário é um meio de propagandear as pessoas”. Ele também mobiliza com frequência seus seguidores, orientando-os a perseguir alvos específicos ou a manipular a mídia em seu nome.

Foi o que aconteceu em novembro de 2015, quando ele orientou seus seguidores a criarem páginas falsas da União Estudantil Branca no Facebook para universidades em todo os Estados Unidos — e, em seguida, entrar em contato com os meios de comunicação locais sobre os grupos.²²⁶ Declarou abertamente que esperava que grupos reais surgissem de fato nos campi universitários, então talvez ele tenha acreditado que esse golpe publicitário seria o primeiro passo em direção a esse objetivo.²²⁷ Uma outra alternativa é que ele pode simplesmente ter tido a esperança de provar que poderia enganar a mídia, levando-a à indignação moral e, ao mesmo tempo, espalhar alguma tensão racial nos campi universitários.

Nesse último sentido, ele foi muito bem-sucedido. Os meios de comunicação locais prontamente relataram a história e amplificaram sua mensagem (embora alguns tenham notado que não estava claro se os grupos existiam fora do Facebook).²²⁸ O *USA Today* pegou a história e a cobriu sem o menor ceticismo.²²⁹ Logo, um usuário anônimo do Medium revelou as páginas como uma farsa projetada por Anglin.²³⁰ A essa altura, no entanto, todo o incidente foi considerado uma polêmica interessante, e foi então coberto pelo *Gawker*, *The Daily Beast*, e até mesmo pelo *Washington Post*.²³¹

²²⁵ Southern Poverty Law Center, “Andrew Anglin”, Southern Poverty Law Center, 2016, <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/individual/andrew-anglin>.

²²⁶ Kelly Weill, “Racist Trolls Are Behind NYU’s ‘White Student Union’ Hoax”, *The Daily Beast*, November 23, 2015, <http://www.thedailybeast.com/articles/2015/11/23/racist-trolls-are-behind-nyu-s-white-student-union-hoax.html>.

²²⁷ Andrew Anglin, “White Student Unions Rise Across America”, *The Daily Stormer*, November 24, 2015, <http://www.dailystormer.com/white-student-unions-rise-across-america/>.

²²⁸ “White Student Union’ Pages Appearing On Facebook”, CBS St. Louis, November 23, 2015, <http://stlouis.cbslocal.com/2015/11/23/white-student-union-facebook>.

²²⁹ Walbert Castillo, “Illini White Student Union’ Challenges ‘Black Lives Matter’”, *USA Today*, November 21, 2015, <http://www.usatoday.com/story/news/nation-now/2015/11/21/illini-white-student-union-challenges-black-lives-matter/76165878/>.

²³⁰ Bears for Equality, “Racists Probably Started a White Student Union at Your School. They’re All Fake.”, Medium.com, November 23, 2015, <https://medium.com/@b4e2015/racists-probably-started-a-white-student-union-at-your-school-they-re-all-fake-5d1983a0b229#hv09kobey>.

²³¹ Brendan O’Connor, “Who’s Behind the Fake ‘Union of White NYU Students?’”, *Gawker*, November 23, 2015, <http://gawker.com/who-s-behind-the-fake-union-of-white-nyu-students-1744300282>; Weill, “Racist Trolls Are

Anglin respondeu à polêmica negando seu envolvimento direto nas páginas do Facebook. Alegou, contudo, que os grupos eram reais e afirmou que estava em contato com alguns de seus líderes nos campi universitários.²³² Quando os repórteres contataram os proprietários das páginas, eles mantiveram o anonimato, mas alegaram ser estudantes de verdade.²³³ Sites *alt-light*, como o *Breitbart*, defenderam essa versão da história em sua cobertura, alegando que realmente havia estudantes da União de Estudantes Brancos se formando nos campi.²³⁴

Esse incidente ilustra a maneira como o racismo, a cultura de *trolagem* e as táticas colaborativas de grupo podem criar uma força potente capaz de manipular um ambiente de mídia vulnerável. Anglin usou seu site para direcionar um grupo de leitores colaborativos em rede para realizar uma farsa que ele suspeitava que a mídia cobriria. A mídia, ávida por histórias sobre tensão racial nos campi universitários, mordeu a isca e ampliou o que era essencialmente uma não-história. A cobertura deles ironicamente tornou o incidente interessante, justificando a cobertura adicional de uma série de sites de notícias nacionais.

Mesmo que o incidente não tenha levado à legitimação de Uniões de Estudantes Brancos nesses campi, ainda assim foi um sucesso para Anglin. O caso gerou uma grande publicidade gratuita para o *The Daily Stormer* e provou que ele poderia induzir indignação moral da mídia sob demanda. Ele também criou com sucesso uma narrativa alternativa que circulou pela mídia de direita. Assim, ao revelar falhas na cobertura da mídia *mainstream*, ele pôde reforçar a lealdade de seus seguidores ao seu próprio site — e talvez até atrair alguns novos leitores.

TRUMP E A IMAGEM DA ESTRELA DE DAVID

Em 2 de julho de 2016, Donald Trump tuitou uma imagem de Hillary Clinton ao lado de uma figura da Estrela de Davi, rotulando-a como “a candidata mais corrupta de todas!” (Figura 3).²³⁵ O fundo da imagem consistia em pilhas de dólares. A combinação da Estrela de Davi e do dinheiro, além da sugestão de corrupção, evocavam ideias estereotipadas sobre os judeus e aludiam a teorias conspiratórias sobre o controle judaico dos sistemas monetários.²³⁶ Os meios de comunicação nacionais imediatamente notaram as referências antisemitas da imagem e publicaram respostas críticas ou histórias destacando a reação das redes sociais.²³⁷

Behind NYU’s ‘White Student Union’ Hoax”; Yanan Wang, “More than 30 Purported ‘White Student Unions’ Pop up across the Country”, *The Washington Post*, November 24, 2015, <https://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2015/11/24/more-than-30-questionably-real-white-students-unions-pop-up-across-the-country/>.

²³² Anglin, “White Student Unions Rise Across America”.

²³³ O’Connor, “Who’s Behind the Fake ‘Union of White NYU Students?’”.

²³⁴ Allum Bokhari, “EXCLUSIVE: The Media Is Wrong, White Student Unions Are Not ‘Hoaxes’ Created by Racists”, *Breitbart News*, November 24, 2015. <http://www.breitbart.com/tech/2015/11/24/exclusive-the-media-is-wrong-white-student-unions-are-not-hoaxes-created-by-racists/>.

²³⁵ Alan Rappeport, “Donald Trump Deletes Tweet Showing Hillary Clinton and Star of David Shape”, *The New York Times*, July 2, 2016, <https://www.nytimes.com/2016/07/03/us/politics/trump-clinton-star-of-david.html>.

²³⁶ Jeremy Diamond, “Donald Trump’s ‘Star of David’ Tweet Controversy, Explained”, *CNN Politics*, July 5, 2016, <https://edition.cnn.com/2016/07/04/politics/donald-trump-star-of-david-tweet-explained/>.

²³⁷ Morgan Winsor, “Donald Trump Tweets Image of Hillary Clinton With Star of David”, *ABC News*, July 2, 2016, <http://abcnews.go.com/Politics/donald-trump-tweets-image-hillary-clinton-star-david/story?id=40302654>; Reena Flores, “Donald Trump Tweet with Star of David Draws Social Media Backlash”, *CBS News*, July 2, 2016, <http://www.cbsnews.com/news/donald-trump-tweet-with-star-of-david-draws-social-media-backlash/>; Kristen East, “Trump Tweets Image Depicting Clinton, Cash and the Star of David”, *Politico*, July 2, 2016, <https://secure.politico.com/story/2016/07/donald-trump-hillary-clinton-star-david-225058>.



Figura 3: Meme de Hillary Clinton tuitado por Donald Trump

Menos de duas horas após a postagem da imagem original, a conta de Trump a excluiu e repostou uma nova versão dela, na qual a estrela é substituída por um círculo, removendo assim o simbolismo antissemita mais evidente.²³⁸ Ao mesmo tempo, sua equipe e apoiadores começaram a alegar que não se tratava realmente de uma Estrela de Davi. O próprio Trump tuitou: “A mídia desonesta está fazendo seu melhor para retratar uma estrela em um tuíte como a Estrela de Davi, em vez de uma Estrela do Xerife ou uma simples estrela!”²³⁹ Sua campanha divulgou uma nota oficial alegando que as críticas eram “falsos ataques de Hillary Clinton”.²⁴⁰ No entanto, nos dias seguintes, a imagem foi vinculada a um tuíte de 15 de junho, de uma conta abertamente racista e antissemita chamada @FishBoneHead1.²⁴¹

O incidente ilustra a forma como a cobertura da campanha de Trump pela mídia *mainstream* ampliou a mensagem da *alt-right* — e, em seguida, permitiu que sua equipe retratasse o candidato como vítima da resposta da mídia. Em poucas semanas, a

imagem se espalhou pelos usuários da *alt-right* no Twitter e 4chan, chegando aos 9,5 milhões de seguidores de Trump no Twitter e à audiência generalizada dos meios de comunicação nacionais.²⁴² A mídia foi posta em uma posição de ou ignorar a imagem e, assim, deixar de criticá-la, ou cobri-la, o que, por consequência, amplificaria sua mensagem. Ao postar uma imagem aberta a múltiplas interpretações, a campanha manteve uma negação plausível e passou a retratar Trump como vítima de ataques infundados da mídia. Isso também permitiu que a campanha mantivesse a base mais *mainstream* do candidato, que pode ter sido ofendida pelo antissemitismo direto. Sob essa ótica, o incidente não foi um vergonhoso fracasso da campanha de Trump, mas sim um exemplo bem-sucedido de manipulação da mídia.

O incidente ilustra a forma como a cobertura da campanha de Trump pela mídia *mainstream* ampliou a mensagem da *alt-right* — e, em seguida, permitiu que sua equipe retratasse o candidato como vítima da resposta da mídia. Em poucas semanas, a imagem se espalhou pelos usuários da *alt-right* no Twitter e 4chan, chegando aos 9,5 milhões de seguidores de Trump no Twitter e à audiência generalizada dos meios de comunicação nacionais.²⁴³ A mídia foi posta em uma posição de ou ignorar a imagem e, assim, deixar de criticá-la, ou cobri-la, o que, por consequência, amplificaria sua mensagem. Ao postar uma imagem aberta a múltiplas interpretações, a campanha manteve uma negação plausível e passou a retratar Trump como vítima de ataques infundados da mídia. Isso também permitiu que a campanha mantivesse a base mais *mainstream* do candidato, que pode ter sido ofendida pelo antissemitismo direto. Sob essa ótica, o incidente não foi um

²³⁸ Rappeport, “Donald Trump Deletes Tweet Showing Hillary Clinton and Star of David Shape”.

²³⁹ Emily Flitter, “Trump Defends ‘Star’ Tweet; Clinton Says It’s Anti-Semitic”, Reuters, July 5, 2016, <http://www.reuters.com/article/us-usa-election-trump-tweet-idUSKCN0ZK1MC>

²⁴⁰ Louis Jacobson, “Donald Trump’s ‘Star of David’ Tweet: A Recap”, Politifact, July 5, 2016, <http://www.politifact.com/truth-o-meter/article/2016/jul/05/donald-trumps-star-david-tweet-recap/>

²⁴¹ Anthony Smith, “Donald Trump’s Star of David Hillary Clinton Meme Was Created by White Supremacists”, Mic News, July 3, 2016, <https://mic.com/articles/147711/donald-trump-s-star-of-david-hillary-clinton-meme-was-created-by-white-supremacists#.roJx8J2cy>

²⁴² Jacobson, “Donald Trump’s ‘Star of David’ Tweet: A Recap”.

²⁴³ Ibid.

vergonhoso fracasso da campanha de Trump, mas sim um exemplo bem-sucedido de manipulação da mídia.

A SAÚDE DE HILLARY

Em meados de agosto em 2016, depois de assistir a um vídeo fora de contexto, blogueiros de extrema-direita começaram a circular teorias conspiratórias sugerindo que Hillary Clinton estava escondendo problemas sérios de saúde.²⁴⁴ Eles sugeriram que ela estava fisicamente fraca e cognitivamente debilitada, sofrendo de uma série de problemas, incluindo doença de Parkinson, demência e ataques convulsivos. Paul Joseph Watson, um influente teórico da conspiração e editor da *Infowars*, promoveu as teorias em um vídeo intitulado “The Truth About Hillary's Bizarre Behavior”²⁴⁵ (A verdade sobre o comportamento bizarro de Hillary). Por volta dessa época, Trump começou a aludir aos problemas de saúde dela durante seus comícios eleitorais.²⁴⁶

Pouco tempo depois, os meios de comunicação mais conservadores, como o *Drudge Report*,



Figura 4: Montagem de fotos da saúde de Hillary

começaram a questionar o estado de saúde de Clinton, discutindo um antigo coágulo e casos antigos em que ela havia caído.²⁴⁷ Sean Hannity dedicou várias noites de cobertura a essas questões em seu programa no canal Fox News, nas quais chamou vários especialistas médicos para especular sobre o estado de saúde de Clinton.²⁴⁸ A maioria dessas fontes não endossou totalmente as teorias da conspiração, mas lucrou com elas da mesma forma, reformulando os fatos e colocando questões abertas, semeando dúvidas entre leitores e espectadores.

No início de setembro, as preocupações com a saúde dela passaram de teorias da conspiração para paranoia e ceticismo generalizados. A hashtag #HackingHillary se espalhou pelo Twitter, amplificada por contas de personalidades influentes como Mike Cernovich; os usuários zombaram de seus ataques de tosse fazendo

colagens de fotos e videoclipes (Figura 4).²⁴⁹ Os rumores sobre sua saúde eram tão difundidos

²⁴⁴ Harry Cheadle, “How Conspiracy Theories About Hillary Clinton’s Health Went Mainstream”, VICE, August 25, 2016, https://www.vice.com/en_us/article/hillarys-health-conspiracy-theory.

²⁴⁵ Paul Joseph Watson, The Truth About Hillary’s Bizarre Behavior, 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=OqbDBRWb63s>.

²⁴⁶ Cheadle, “How Conspiracy Theories About Hillary Clinton’s Health Went Mainstream”.

²⁴⁷ J.D. Durkin, “Drudge Report Lead Story Shows Hillary Clinton Falling...in Photo From Six Months Ago”, Mediaite, August 8, 2016, <http://www.mediaite.com/online/drudge-report-lead-story-shows-hillary-clinton-falling-in-photo-from-six-months-ago/>.

²⁴⁸ David Weigel, “In Prime Time, Sean Hannity Carries out a Clinton Medical ‘Investigation’”, The Washington Post, August 11, 2016, <https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2016/08/11/in-prime-time-sean-hannity-carries-out-a-clinton-medical-investigation/>.

²⁴⁹ Josh Feldman, “#HackingHillary Tops Twitter Trends as Clinton Dismisses Health ‘Conspiracy Theories’”, Mediaite, September 5, 2016, <http://www.mediaite.com/online/hackinghillary-tops-twit-ter-trends-as-clinton-dismisses-health-conspiracy-theories/>.

que Clinton os abordou pessoalmente em um segmento humorístico no Jimmy Kimmel Live, no qual ela abriu um pote de pickles para provar sua força.²⁵⁰

Em setembro, Hillary Clinton deixou abruptamente um evento em memória do 11 de setembro e sua campanha forneceu a vaga explicação de que ela não se sentiu bem.²⁵¹ Muitos usuários nas mídias sociais não confiaram nesta declaração oficial e, em vez disso, especularam sobre outras explicações.²⁵² Quando o médico de Clinton revelou que ela estava se recuperando de uma pneumonia, muitos acharam que isso justificava certa desconfiança, e os teóricos da conspiração sentiram que era a prova de que ela estava escondendo algo sobre sua saúde.²⁵³ Apesar do relatório de um médico que mostrou sua boa condição de saúde e a recuperação da pneumonia, a dúvida já tinha se infiltrado extensivamente na cobertura *mainstream*. Nos dias seguintes, veículos como a NBC News publicaram histórias listando “perguntas sem respostas” sobre a saúde de Clinton e indagando por que ela esconderia seu diagnóstico se não sofria de outras doenças.²⁵⁴

Esse caso demonstra como, por meio de redes online, amplificações e enquadramentos estratégicos, vários agentes moveram teorias da conspiração para o discurso das notícias *mainstream* durante a eleição. Nesse exemplo, os indivíduos em rede espalharam as teorias de conspiração sobre a saúde de Clinton dentro de suas comunidades, ilustrando assim a ressonância da narrativa. Teóricos da conspiração influentes e veículos de mídia de extrema-direita endossaram as teorias, que espalharam a mensagem para um público mais amplo e para veículos conservadores mais convencionais. Ao enquadrar as teorias como questões que valem a pena explorar, esses veículos foram capazes de seguir sua própria agenda ideológica sem endossar totalmente as afirmações. Isso levou a uma paranoia generalizada e a rumores que se espalharam pelas mídias sociais. A combinação de todos esses fatores teve como efeito a narrativa dominante sobre a saúde de Clinton que foi facilmente reforçada quando um evento isolado ocorreu e se encaixou de forma perfeita em todo o resto.

PIZZAGATE

Ao longo da eleição, teorias da conspiração se espalharam por meio do 4chan e círculos extremistas do Twitter e Facebook, alegando que Hillary Clinton estava bastante envolvida em uma rede de pedofilia e em rituais satânicos. A seguir, essas alegações foram retomadas por uma série de sites projetados para se parecerem com os principais meios de comunicação, que publicaram conteúdos falsos e sensacionalistas para obter lucro publicitário.²⁵⁵ Durante o final de outubro e início de novembro, essas páginas publicaram, cada vez mais, diferentes versões da

²⁵⁰ Hillary Clinton Proves She's in Good Health, n.d., <https://www.youtube.com/watch?v=Kt22Y9-dfNk>.

²⁵¹ Abby Phillip and Anne Gearan, “Clinton Falls Ill during 9/11 Memorial Service in New York”, The Washington Post, September 11, 2016, <https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2016/09/11/clinton-falls-ill-during-9-11-memorial-service-in-new-york/>.

²⁵² Anastasia Denisova, “Memes, Not Her Health, Could Cost Hillary Clinton the US Presidential Race”, The Independent, September 12, 2016, <https://www.independent.co.uk/voices/hillary-clinton-health-pneumonia-political-memes-a7238581.html>.

²⁵³ Jonathan Martin and Amy Chozick, “Hillary Clinton's Doctor Says Pneumonia Led to Abrupt Exit From 9/11 Event”, The New York Times, September 11, 2016, <https://www.nytimes.com/2016/09/11/us/politics/hillary-clinton-campaign-pneumonia.html>.

²⁵⁴ Alex Seitz-Wald et al., “Hillary Clinton's Health Scare: 9 Unanswered Questions”, NBC News, September 12, 2016, <http://www.nbcnews.com/politics/2016-election/hillary-clinton-s-health-scare-9-unanswered-questions-n646551>.

²⁵⁵ Craig Silverman, “How the Bizarre Conspiracy Theory Behind ‘Pizzagate’ Was Spread”, BuzzFeed News, November 4, 2016, <https://www.buzzfeed.com/craigsilverman/fever-swamp-election>.

mesma história no Facebook, e seus links receberam milhares de compartilhamentos, reações e comentários. (A teoria da conspiração também foi difundida pela ampliação feita pela equipe de Trump, quando o conselheiro de Segurança Nacional, escolhido pelo político, tuitou sobre isso.)²⁵⁶

Logo depois, o WikiLeaks publicou e-mails *hackeados* da campanha de Hillary Clinton, e os usuários do 4chan vasculharam os e-mails de seu chefe de campanha, John Podesta. Eles tiveram acesso a uma troca de e-mails entre Podesta e o dono de uma pizzaria chamada Comet Ping Pong, de Washington, DC, na qual discutiam os detalhes de uma arrecadação de fundos para a campanha de Clinton que aconteceria no local. Assim, “convencidos” da teoria da conspiração sobre Clinton, os usuários do 4chan identificaram uma série de “pistas” que acreditavam apontar para o fato de que o Comet Ping Pong era a sede da suposta rede de pedofilia.²⁵⁷ A teoria ficou conhecida como Pizzagate.

O dono do restaurante e seus funcionários logo se tornaram vítimas constantes de assédio, recebendo ameaças de morte e violência.²⁵⁸ Em 4 de dezembro, um homem entrou no Comet Ping Pong carregando um fuzil, dizendo estar lá para investigar as alegações por conta própria (ele disparou alguns tiros, mas ninguém ficou ferido).²⁵⁹ O homem declarou não ser um membro ativo da *alt-right*, disse ainda que não era político, e garantiu que não votou em Donald Trump.²⁶⁰ No entanto, afirmou que leu uma série de artigos sobre o assunto e ouviu Alex Jones, que ativamente fomentou a teoria.

Como em casos anteriores, os noticiários *mainstream* consideraram importante investigar o incidente do atirador e, ao cobrir seus desdobramentos, aumentaram a exposição das teorias da conspiração. Além disso, mesmo que o atirador não tenha encontrado nenhuma evidência para apoiar suas crenças, o incidente não acalmou muito os teóricos da conspiração. Recentemente, em 25 de março de 2017, manifestantes se reuniram do lado de fora da Casa Branca para exigir uma maior investigação.²⁶¹ Muitos expressaram frustração pelos noticiários não estarem levando suas preocupações a sério e por cobrirem a história somente de forma desdenhosa; eles sentiram que, mesmo que as alegações não fossem verdadeiras, elas mereciam uma investigação mais detalhada.

Pizzagate ilustra, sobretudo, uma ampla variedade de fenômenos relacionados: uma teoria da conspiração desenvolvida e alimentada dentro de comunidades online; desinformação e “fake news” divulgadas amplamente pelas mídias sociais; adeptos à teoria empreendendo esforços

²⁵⁶ Aaron Blake, “Michael Flynn’s Tweet Wasn’t Actually about #PizzaGate, but His Son Is Now Defending the Baseless Conspiracy Theory”, The Washington Post, December 5, 2016, sec. The Fix, <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/12/05/did-michael-flynn-really-tweet-some-thing-about-pizzagate-not-exactly/>.

²⁵⁷ Cecilia Kang, “Fake news Onslaught Targets Pizzeria as Nest of Child-Trafficking”, The New York Times, November 21, 2016, <https://www.nytimes.com/2016/11/21/technology/fact-check-this-pizzeria-is-not-a-child-trafficking-site.html>.

²⁵⁸ Ibid.

²⁵⁹ Eric Lipton, “Man Motivated by ‘Pizzagate’ Conspiracy Theory Arrested in Washington Gunfire”, The New York Times, December 5, 2016, <https://www.nytimes.com/2016/12/05/us/pizzagate-com-et-ping-pong-edgar-maddison-welch.html>.

²⁶⁰ Adam Goldman, “The Comet Ping Pong Gunman Answers Our Reporter’s Questions”, The New York Times, December 7, 2016, <https://www.nytimes.com/2016/12/07/us/edgar-welch-comet-pizza-fake-news.html>.

²⁶¹ Michael E. Miller, The New York Times, “Protestors Outside White House Demand ‘Pizzagate’ Investigation”, The Washington Post, March 25, 2017, <https://www.washingtonpost.com/news/local/wp/2017/03/25/protesters-outside-white-house-demand-pizzagate-investigation/>.

coletivos que, em suma, fortalecem suas opiniões; um indivíduo que é rapidamente incentivado a tomar uma decisão diante da exposição de informações falsas; em paralelo, a cobertura dos noticiários, que amplia a teoria e deixa seus adeptos se sentindo desamparados. Talvez o mais importante é que o incidente também demonstra o assédio e a violência no mundo real, que podem emergir como resultado direto da manipulação da mídia e da desinformação online.

APÊNDICE: ELENCO (DE PERSONAGENS)

<i>Alt-light</i>	Meios de comunicação que defendem alguns pensamentos de extrema-direita, enquanto omitem, estrategicamente, crenças mais extremas, como o racismo científico ou o antissemitismo. Exemplo: <i>Breitbart News</i> .
<i>Alt-right</i>	Termo cunhado por Richard Spencer para descrever uma versão do nacionalismo estadunidense branco que se posiciona como formado por indivíduos mais jovens, mais ricos e mais instruídos do que os grupos supremacistas brancos tradicionais como a Ku Klux Klan. Extremamente ligados às redes sociais e aos elementos da cultura da internet, como os <i>memes</i> . Acredita que o “politicamente correto” ameaça à liberdade individual. Exemplos: Jared Taylor do <i>American Renaissance</i> , Mike Cernovich do <i>Danger and Play</i> .
<i>Anons</i>	Usuários de 4chan ou 8chan, uma vez que todos os usuários são anônimos.
<i>Anônimos</i>	Movimento <i>hacktivista</i> que teve origem no 4chan, conhecido por campanhas contra a Cientologia e a Ku Klux Klan, em apoio à Primavera Árabe e à Ocupe Wall Street, entre outros.
<i>Ativistas Anti-Imigração</i>	Acreditam que a atual política de imigração dos EUA é insustentável e ameaça a existência dos EUA como nação. Muitas vezes anti-islâmicos e/ou etnonacionalistas. Exemplo: <i>VDARE</i> .
<i>Breitbart</i>	Publicação de direita <i>anti-establishment</i> , financiada principalmente pelo magnata dos fundos de investimento e apoiador de Trump, Robert Mercer.
<i>Teóricos da Conspiração</i>	Grupos de pessoas que acreditam em esquemas de grande escala ou organizações que controlam a política, o acesso à informação e os privilégios. Exemplo: Alex Jones, apresentador do <i>Infowars</i> .
<i>Mídias hiperpartidárias de direita</i>	Sites como <i>The Daily Caller</i> , <i>The Gateway Pundit</i> , <i>The Washington Examiner</i> , <i>Infowars</i> , <i>Conservative Treehouse</i> e <i>Truthfeed</i> , financiados principalmente a partir de 2008.
<i>Libertários</i>	Uma filosofia política e social que apresenta o capitalismo irrestrito e de livre mercado como uma solução para a maioria dos problemas sociais. Acredita que o governo é uma ameaça à liberdade individual. Exemplos: Ron Paul, Freedom Caucus, Tea Party.

<i>Ativistas dos Direitos dos Homens</i>	Grupos e indivíduos que acreditam que certas instituições e comportamentos sociais discriminam os homens. Muitas vezes são hostis ao feminismo e à ideia de privilégio masculino. Existiam antes das mídias sociais, mas tornaram-se mais proeminentes e ativos graças a elas. Exemplo: o blog <i>A Voice for Men</i> e o subreddit <i>TheRedPill</i> .
<i>Nacional-Socialistas (Neonazis)</i>	Um subconjunto de supremacistas brancos que defendem o fascismo como solução política, aderem a fortes crenças antissemitas e promovem o racismo científico (ou “realismo racial”) – a ideia de que as raças são biologicamente diferentes. Exemplos: Andrew Anglin, do blog <i>The Daily Stormer</i> , <i>The Right Stuff</i> e o podcast <i>Fash the Nation</i> .
<i>Neorreacionários (Iluminismo das Trevas)</i>	Um nicho de blogueiros que acredita que a democracia liberal é incompatível com a liberdade e defende o retorno ao feudalismo monárquico. Exemplo: Mencius Moldbug.
<i>Artistas da Sedução / Comunidade de Sedutores</i>	Comunidade online masculina heterossexual que compartilha experiências e técnicas pseudocientíficas que acreditam ter o poder de aumentar o sucesso romântico e sexual com as mulheres. Argumentam que as mulheres preferem “machos alfa” e que táticas como “negging” (elogios ofensivos) são eficazes. Exemplos: Roosh V e seu site <i>Return of Kings</i> .
<i>/pol / acks</i>	Pessoas que postam no subgrupo /pol no imageboard 4chan ou 8chan, usado para discutir ideias “politicamente incorretas”.
<i>Cibertlibertários</i>	Filosofia popular do Vale do Silício que aplica o ethos hacker de informação livre e aberta para a política. Exemplos: Peter Thiel e comunidades de usuários do Bitcoin.
<i>The_donald</i>	Comunidade grande e ativada Reddit dedicada a Donald Trump. Os membros se autodenominam “Centipedes”.
<i>Trols</i>	Termo contestado, mas geralmente usado para fazer referência a pessoas que, para seu próprio divertimento, maliciosamente tentam provocar reações em outros usuários online.
<i>Nacionalistas brancos</i>	Acreditam em uma raça branca, e que os povos brancos devem agir para preservar a cultura branca e estabelecer Estados brancos. Consideram que a imigração e a multiculturalismo ameaçam a cultura branca e os Estados tradicionalmente brancos. Também conhecido como <i>etnonacionalismo</i> .
<i>Supremacistas Brancos</i>	Um subconjunto de nacionalistas brancos que acredita que os brancos são superiores a outras raças

BIBLIOGRAFIA

- Abernathy, Penelope Muse. "The Rise of a New Media Baron and the Emerging Threat of News Deserts." Chapel Hill, NC: Center for Innovation and Sustainability in Local Media, University of North Carolina at Chapel Hill, 2016. http://newspaperownership.com/wp-content/uploads/2016/09/07.U NC_RiseOfNewMediaBaron_SinglePage_01Sep2016-REDUCED.pdf.
- "About." Richard B. Spencer, 2015. <http://richardbspencer.com/about/>.
- Aikin, Scott F. "Poe's Law, Group Polarization, and the Epistemology of Online Religious Discourse." SSRN Scholarly Paper. Rochester, NY: Social Science Research Network, January 23, 2009. <https://papers.ssrn.com/abstract=1332169>.
- Alexander, Lawrence. "Social Network Analysis Reveals Full Scale of Kremlin's Twitter *Bot* Campaign • Global Voices." Global Voices, April 2, 2015. <https://globalvoices.org/2015/04/02/analyzing-kremlin-twitter-bots/>.
- Almog, Ran, and Danny Kaplan. "The Nerd and His Discontent: The Seduction Community and the Logic of the Game as a Geeky Solution to the Challenges of Young Masculinity." *Men and Masculinities*, 2015, 1097184X15613831.
- Ambedkar, M. "The Aesthetics of the *Alt-right*." *Post-Office Arts Journal*, February 11, 2017. <http://baltimore-art.com/2017/02/11/the-aesthetics-of-the-alt-right/>.
- Andrew Anglin. "A Normie's Guide to the *Alt-right*." *The Daily Stormer*, August 31, 2016. <http://www.dailystormer.com/a-normies-guide-to-the-alt-right/>.
- Anglin, Andrew. "Stormer Book Club Crusade: The Final Solution to the Milo Problem." *The Daily Stormer*, September 27, 2016. <http://www.dailystormer.com/stormer-book-club-crusade-the-final-solution-to-the-milo-problem/>.
- . "White Student Unions Rise Across America." *The Daily Stormer*, November 24, 2015. <http://www.dailystormer.com/white-student-unions-rise-across-america/>.
- Anti-Defamation League. "Pepe the Frog." Anti-Defamation League, 2017. <https://www.adl.org/education/references/hate-symbols/pepe-the-frog>.
- Arato, Andrew, and Eike Gebhardt, eds. *The Essential Frankfurt School Reader*. New York: Continuum, 1982.
- Arsenault, Adrienne. "Partisan Twitter *Bots* Distorting U.S. Presidential Candidates' Popularity." *CBC News*, October 20, 2016. <http://www.cbc.ca/news/world/twitter-bots-trump-clinton-1.3814386>.
- Auerbach, David, and Jacob Weisberg. "How to End Gamergate." *Slate*, October 28, 2014. http://www.slate.com/articles/technology/bitwise/2014/10/how_to_end_gamergate_a_divide_and_conquer_plan.html.
- Banet-Weiser, Sarah, and Kate M. Miltner. "# MasculinitySoFragile: Culture, Structure, and Networked Misogyny." *Feminist Media Studies* 16, no. 1 (2016): 171-174.
- Barbaro, Michael. "Donald Trump Clung to 'Birther' Lie for Years, and Still Isn't Apologetic." *The New York Times*, September 16, 2016. <https://www.nytimes.com/2016/09/17/us/politics/donald-trump-obama-birther.html>.

- Barbrook, R., and A. Cameron. "The Californian Ideology." *Science as Culture* 6, no. 1 (1996): 44-72.
- Barnett, Steven. "Journalism, Democracy and the Public Interest: Rethinking Media Pluralism for the Digital Age." Reuters Institute for the Study of Journalism, September 2009. https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Journalism%20Democracy%20%26%20Public%20Interest_0.pdf.
- Barthel, Michael, Amy Mitchell, and Jesse Holcomb. "Many Americans Believe Fake News Is Sowing Confusion." Pew Research Center Journalism & Media, December 15, 2016. <http://www.journalism.org/2016/12/15/many-americans-believe-fake-news-is-sowing-confusion/>.
- Bass, Frank. "Census Bureau Says Minority Youth to Be Majority by 2019." Bloomberg, December 12, 2012. <https://www.bloomberg.com/news/2012-12-12/census-bureau-says-minority-youth-to-be-majority-by-2019.html/>.
- Bears for Equality. "Racists Probably Started a White Student Union at Your School. They're All Fake." Medium.com, November 23, 2015. <https://medium.com/@b4e2015/racists-probably-started-a-white-student-union-at-your-school-they-re-all-fake-5d1983a0b229#.hv09kobey>.
- Beckett, Lois. "A Morning with 'Adorable Deplorables': Why Trump Supporters Are Optimistic." *The Guardian*, January 20, 2017, sec. World news. <https://www.theguardian.com/world/2017/jan/20/donald-trump-supporters-inauguration-interview>.
- Benkler, Yochai, Hal Roberts, and Ethan Zuckerman. "Study: Breitbart-Led Right-Wing Media Ecosystem Altered Broader Media Agenda." *Columbia Journalism Review*, March 3, 2017. <http://www.cjr.org/analysis/breitbart-media-trump-harvard-study.php>.
- Bennett, Cory. "Well-Known Hacker Takes Credit for Racist Fliers at US Colleges." *The Hill*, March 29, 2016. <http://thehill.com/policy/cybersecurity/274551-well-known-hacker-takes-credit-for-racist-fliers-at-us-colleges>.
- Beran, Dale. "4chan: The Skeleton Key to the Rise of Trump." Medium.com, February 14, 2017. <https://medium.com/@DaleBeran/4chan-the-skeleton-key-to-the-rise-of-trump-624e7cb798cb>.
- Bernstein, Joseph. "Behind The Racist Hashtag That Is Blowing Up Twitter." BuzzFeed, July 27, 2015. <https://www.buzzfeed.com/josephbernstein/behind-the-racist-hashtag-some-donald-trump-fans-love>.
- Bernstein, Michael S., Andrés Monroy-Hernández, Drew Harry, Paul André, Katrina Panovich, and Gregory G. Vargas. "4chan and /b/: An Analysis of Anonymity and Ephemerality in a Large Online Community." In *Proceedings of the Fifth International AAAI Conference on Weblogs and Social Media*, 50-57. AAAI Press, 2011. <http://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/ICWSM11/paper/download/2873/4398/>.
- Bilton, Ricardo. "A Year into Its New Original Content Strategy, Upworthy Is Focusing on Do-Good Videos instead of *Clickbait*." Nieman Lab, April 13, 2016. <http://www.niemanlab.org/2016/04/a-year-into-its-new-original-content-strategy-upworthy-is-focusing-on-do-good-videos-instead-of-clickbait/>.
- Blake, Aaron. "Michael Flynn's Tweet Wasn't Actually about #PizzaGate, but His Son Is Now Defending the Baseless Conspiracy Theory." *The Washington Post*, December 5, 2016, sec. The Fix. <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/12/05/did-michael-flynn-really-tweet-something-about-pizzagate-not-exactly/>.

- Bokhari, Allum. "EXCLUSIVE: The Media Is Wrong, White Student Unions Are Not 'Hoaxes' Created by Racists," November 24, 2015. <http://www.breitbart.com/tech/2015/11/24/exclusive-the-media-is-wrong-white-student-unions-are-not-hoaxes-created-by-racists/>.
- Bokhari, Allum, and Milo Yiannopoulos. "An Establishment Conservative's Guide to the *Alt-right*." Brietbart, March 29, 2016. <http://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/>.
- boyd, danah. "Did Media Literacy Backfire?" Data & Society: Points, January 5, 2017. <https://points.datasociety.net/did-media-literacy-backfire-7418c084d88d>.
- . "Hacking the Attention Economy." Data & Society: Points, January 5, 2017. <https://points.datasociety.net/hacking-the-attention-economy-9fa1daca7a37>.
- Boyd-Barrett, Oliver. "Judith Miller, the New York Times, and the Propaganda Model." Journalism Studies 5, no. 4 (2004): 435-449.
- Braithwaite, Andrea. "It's About Ethics in Games Journalism? Gamergaters and Geek Masculinity." Social Media + Society 2, no. 4 (November 1, 2016): 2056305116672484. doi:10.1177/2056305116672484.
- Broderick, Ryan. "Meet The 'Good Trolls' Secretly Spying on Trump Supporters and Neo- Nazis." BuzzFeed, February 1, 2017. <https://www.buzzfeed.com/ryanhatesthis/meet-the-good-trolls-secretly-spying-on-trump-supporters>.
- . "Trump Supporters Online Are Pretending to Be French To Manipulate France's Election." BuzzFeed, January 4, 2017. <https://www.buzzfeed.com/ryanhatesthis/inside-the-private-chat-rooms-trump-supporters-are-using-to>.
- Burgess, Jean, and Ariadna Matamoros-Fernández. "Mapping Sociocultural Controversies across Digital Media Platforms: One Week of #gamergate on Twitter, YouTube, and Tumblr." Communication Research and Practice 2, no. 1 (2016): 79-96.
- Byford, Jovan. Conspiracy Theories: A Critical Introduction. Houndmills, Basingstoke, Hampshire; New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- Caplan, Robyn. "How Do You Deal with a Problem Like 'fake News?'" Data & Society: Points, January 5, 2017. <https://points.datasociety.net/how-do-you-deal-with-a-problem-like-fake-news-80f9987988a9#.n7d401b3m>.
- Caplan, Robyn, and danah boyd. "Mediation, Automation, Power." Data & Society Research Institute, May 15, 2016. https://datasociety.net/pubs/ap/MediationAutomationPower_2016.pdf.
- . "Who's Playing Who? Media Manipulation in an Era of Trump." In Trump and the Media, edited by Zizi Papacharissi and Pablo J. Boczkowski. Cambridge, MA: MIT Press, in press.
- Castillo, Walbert. "'Illini White Student Union' Challenges 'Black Lives Matter.'" USA Today, November 21, 2015. <http://www.usatoday.com/story/news/nation-now/2015/11/21/illini-white-student-union-challenges-black-lives-matter/76165878/>.
- Cernovich, Mike. "#BlackLivesMatter Supporters Kidnap, Torture Trump Supporter on Facebook Live Video." Mike Cernovich Presents Danger & Play, January 4, 2017. <https://www.dangerandplay.com/2017/01/04/chicago-blacklivesmatter-supporters-kidnap-torture-trump-supporter-on-facebook-live-video/>.

- Cha, Ariana Eunjung. "The Origins of Donald Trump's Autism/Vaccine Theory and How It Was Completely Debunked Eons Ago." *The Washington Post*, September 17, 2015. <https://www.washingtonpost.com/news/to-your-health/wp/2015/09/17/the-origins-of-donald-trumps-autismvaccine-theory-and-how-it-was-completely-debunked-eons-ago/>.
- Chan, Elizabeth. "Donald Trump, Pepe the Frog, and White Supremacists: An Explainer." *Hillaryclinton.com*, September 12, 2016. <https://www.hillaryclinton.com/feed/donald-trump-pepe-the-frog-and-white-supremacists-an-explainer/>.
- Cheadle, Harry. "How Conspiracy Theories About Hillary Clinton's Health Went *Mainstream*." *VICE*, August 25, 2016. https://www.vice.com/en_us/article/hillarys-health-conspiracy-theory.
- Chess, Shira, and Adrienne Shaw. "A Conspiracy of Fishes, Or, How We Learned to Stop Worrying About# Gamergate and Embrace Hegemonic Masculinity." *Journal of Broadcasting & Electronic Media* 59, no. 1 (2015): 208-220.
- Chu, Hyon S. "*Clickbait*, the Attention Economy, and the End of Journalism." *Medium*, November 19, 2016. <https://medium.com/@hyonschu/clickbait-the-attention-economy-and-the-end-of-journalism-c4f16d2c447d>.
- Clarke, Steve. "Conspiracy Theories and the Internet: *Controlled* Demolition and Arrested Development." *Episteme: A Journal of Social Epistemology* 4, no. 2 (2007): 167-80.
- Clift, Elana. "Picking up and Acting out: Politics of Masculinity in the Seduction Community." *Bachelor of Arts (Honors), University of Texas at Austin*, 2007. <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.528.9390&rep=rep1&type=pdf>.
- Coleman, Gabriella. *Hacker, Hoaxer, Whistleblower, Spy: The Many Faces of Anonymous*. New York: Verso Books, 2014.
- Cozens, Claire. "New York Times: We Were Wrong on Iraq." *The Guardian*, May 26, 2004, sec. Media. <https://www.theguardian.com/media/2004/may/26/pressandpublishing>. usnews.
- Crain, Matthew. "The Rise of Private Equity Media Ownership in the United States: A Public Interest Perspective." *International Journal of Communication* 3 (January 2009). <http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/381>.
- Cramer, Ruby, and Steven Perlberg. "Democrats Confront Lefty Fake News." *BuzzFeed*, February 6, 2017. <https://www.buzzfeed.com/rubycramer/democrats-confront-lefty-fake-news>.
- Currah, Andrew. "Navigating the Crisis in Local and Regional News: A Critical Review of Solutions." *Reuters Institute for the Study of Journalism*, September 2009. https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Navigating%20the%20Crisis%20in%20Local%20%26%20Regional%20News_0.pdf.
- . "What's Happening to Our News." *RITJ Challenges*. *Reuters Institute for the Study of Journalism*, January 2009. http://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/What%27s%20Happening%20to%20Our%20News%20An%20investigation%20into%20the%20likely%20impact%20of%20the%20digital%20revolution%20on%20the%20economics%20of%20news%20publishing%20in%20the%20UK_0.pdf.
- Dagnall, Neil, Kenneth Drinkwater, Andrew Parker, Andrew Denovan, and Megan Parton. "Conspiracy Theory and Cognitive Style: A Worldview." *Frontiers in Psychology* 6 (February 25, 2015). doi:10.3389/fpsyg.2015.00206.

- Daniels, Jessie. *Cyber Racism: White Supremacy Online and the New Attack on Civil Rights*. Plymouth, UK: Rowman & Littlefield, 2009.
- . *White Lies: Race, Class, Gender and Sexuality in White Supremacist Discourse*. New York: Routledge, 1997.
- Dautrich, Kenneth, and Thomas H. Hartley. *How the News Media Fail American Voters: Causes, Consequences, and Remedies*. New York: Columbia University Press, 1999.
- Dayter, Daria, and Sofia Rüdiger. "Reporting from the Field: The Narrative Reconstruction of Experience in Pick-up Artist Online Communities." *Open Linguistics* 2, no. 1 (2016). doi:10.1515/opli-2016-0016.
- Denes, Amanda. "Biology as Consent: Problematizing the Scientific Approach to Seducing Women's Bodies." In *Womens Studies International Forum*, 34:411-419. Elsevier, 2011. <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277539511000793>.
- Denisova, Anastasia. "Memes, Not Her Health, Could Cost Hillary Clinton the US Presidential Race." *The Independent*, September 12, 2016. <https://www.independent.co.uk/voices/hillary-clinton-health-pneumonia-political-memes-a7238581.html>.
- Diamond, Jeremy. "Donald Trump's 'Star of David' Tweet Controversy, Explained." *CNN Politics*, July 5, 2016. <http://www.cnn.com/2016/07/04/politics/donald-trump-star-of-david-tweet-explained/>.
- Donath, Judith. "Identity and Deception in the Virtual Community." In *Communities in Cyberspace*, edited by Peter Kollock and Marc Smith, 29-59. London: Routledge, 1999.
- Durkheim, Emile. *Suicide: A Study in Sociology* [1897]. Translated by J.A. Spaulding and G. Simpson. Glencoe, Illinois: The Free Press, 1951. <https://isis.ku.dk/kurser/blob.aspx?feltid=203014>.
- Durkin, J.D. "Drudge Report Lead Story Shows Hillary Clinton Falling...in Photo From Six Months Ago." *Mediaite*, August 8, 2016. <http://www.mediaite.com/online/drudge-report-lead-story-shows-hillary-clinton-falling-in-photo-from-six-months-ago/>.
- East, Kristen. "Trump Tweets Image Depicting Clinton, Cash and the Star of David." *Politico*, July 2, 2016. <https://secure.politico.com/story/2016/07/donald-trump-hillary-clinton-star-david-225058>.
- Evon, Dan. "Law Charges Protesters With Terrorism?" *Snopes.com*, November 18, 2016. <http://www.snopes.com/law-charges-protesters-with-terrorism/>.
- Fairclough, Norman. "Political Correctness': The Politics of Culture and Language." *Discourse & Society* 14, no. 1 (2003): 17-28.
- Farrell, Warren. *The Myth of Male Power*. New York: Berkley Books, 1993.
- Feldman, Josh. "#HackingHillary Tops Twitter Trends as Clinton Dismisses Health 'Conspiracy Theories.'" *Mediaite*, September 5, 2016. <http://www.mediaite.com/online/hackinghillary-tops-twitter-trends-as-clinton-dismisses-health-conspiracy-theories/>.
- Finley, Clint. "Geeks for Monarchy: The Rise of the Neoreactionaries." *TechCrunch*, November 22, 2013. <http://social.techcrunch.com/2013/11/22/geeks-for-monarchy/>.
- Finnegan, William. "Donald Trump and the 'Amazing' Alex Jones." *The New Yorker*, June 23, 2016. <http://www.newyorker.com/news/daily-comment/donald-trump-and-the-amazing-alex-jones>.

- Fisher, Marc, John Woodrow Cox, and Peter Hermann. "Pizzagate: From Rumor, to Hashtag, to Gunfire in D.C." Washington Post, December 6, 2016. https://www.washingtonpost.com/local/pizzagate-from-rumor-to-hashtag-to-gunfire-in-dc/2016/12/06/4c7def50-bbd4-11e6-94ac-3d324840106c_story.html.
- Flitter, Emily. "Trump Defends 'Star' Tweet; Clinton Says It's Anti-Semitic." Reuters, July 5, 2016. <http://www.reuters.com/article/us-usa-election-trump-tweet-idUSKCN0ZK1MC>.
- Flores, Reena. "Donald Trump Tweet with Star of David Draws Social Media Backlash." CBS News, July 2, 2016. <http://www.cbsnews.com/news/donald-trump-tweet-with-star-of-david-draws-social-media-backlash/>.
- Forelle, Michelle C, Philip N. Howard, Andres Monroy-Hernandez, and Saiph Savage. "Political *Bots* and the Manipulation of Public Opinion in Venezuela." SSRN Electronic Journal, 2015. doi:10.2139/ssrn.2635800.
- Fox News. "'1984' in 2014? Fed Gov't Funds 'Truthy' Database to Monitor Hate Speech, Suspicious Memes." FOX News Insider, August 28, 2014. <http://insider.foxnews.com/2014/08/28/federal-govt-funds-truthy-database-monitor-hate-speech-suspicious-memes>.
- Freleng, Maggie. "A Man's Right to Combat the 'Manosphere' and Hatred." VitaminW, November 3, 2013. <http://vitaminw.co/culture-society/mens-rights-and-man-boobz-in-manosphere>.
- Friedman, Jaclyn. "A Look Inside the 'Men's Rights' Movement That Helped Fuel California Alleged Killer Elliot Rodger." The American Prospect, October 24, 2013. <http://prospect.org/article/look-inside-mens-rights-movement-helped-fuel-california-alleged-killer-elliott-rodger>.
- Futrelle, David. "Zoe Quinn's Screenshots of 4chan's Dirty Tricks Were Just the Appetizer. Here's the First Course of the Dinner, Directly from the IRC Log." We Hunted The Mammoth, September 8, 2014. <http://www.wehuntedthemammoth.com/2014/09/08/zoe-quinns-screenshots-of-4chans-dirty-tricks-were-just-the-appetizer-heres-the-first-course-of-the-dinner-directly-from-the-irc-log/>.
- Gaughan, Anthony J. "Explaining Donald Trump's Shock Election Win." Scientific American, November 9, 2016. <https://www.scientificamerican.com/article/explaining-donald-trump-s-shock-election-win/>.
- Gelman, Andrew. "Poe's Law in Action." Washington Post. February 4, 2014. <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2014/02/04/poes-law-in-action/>.
- Gitlin, Todd. *The Whole World Is Watching: Mass Media in the Making & Unmaking of the New Left*. Berkeley, CA: Univ of California Press, 1980.
- Goerzen, Matthew. "The *Memes* of Production: *Memetic Warfare*, *Tactical Trolling*, and *Cognitive Hacking* in a Post-Truth Polis." Unpublished Manuscript, 2017.
- Goldhaber, M. H. "The Attention Economy and the Net." *First Monday* 2, no. 4-7 (April 1997). <http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/519/440>.
- Goldman, Adam. "The Comet Ping Pong Gunman Answers Our Reporter's Questions," The New York Times, December 7, 2016. <https://www.nytimes.com/2016/12/07/us/edgar-welch-comet-pizza-fake-news.html>.
- Gotell, Lise, and Emily Dutton. "Sexual Violence in the 'Manosphere': Antifeminist Men's Rights Discourses on Rape." *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy* 5, no. 2 (2016): 65-80.

- Gourarie, Chava. "How the 'alt-right' Checkmated the Media." *Columbia Journalism Review*, August 30, 2016. http://www.cjr.org/analysis/alt_right_media_clinton_trump.php.
- Guzman, Timothy Alexander. "The Lie of the 21st Century: How *Mainstream Media* 'Fake News' Led to the U.S. Invasion of Iraq." *Global Research - Centre for Research on Globalization*, November 24, 2016. <http://www.globalresearch.ca/the-lie-of-the-21st-century-how-mainstream-media-fake-news-led-to-the-u-s-invasion-of-iraq/5558813>.
- Haberman, Maggie. "Donald Trump Accuses Ted Cruz's Father of Associating With Kennedy Assassin." *The New York Times*, May 3, 2016, sec. First Draft. <https://www.nytimes.com/politics/first-draft/2016/05/03/donald-trump-ted-cruz-father-jfk/>.
- Hamblin, James. "It's Everywhere, the *Clickbait*." *The Atlantic*, November 11, 2014. <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2014/11/clickbait-what-is/382545/>.
- Hammond, Samuel. "Peter Thiel's Plan to Become CEO of America." *Soapbox*, August 3, 2016. <https://medium.com/soapbox-dc/peter-thiels-plan-to-become-ceo-of-america-715857ceaaa7>.
- Harford, Tim. "The Problem With Facts." *Financial Times*, March 9, 2017. <https://www.ft.com/content/eef2e2f8-0383-11e7-ace0-1ce02ef0def9>.
- Harkinson, Josh. "Meet Silicon Valley's Secretive *Alt-right* Followers." *Mother Jones*, March 10, 2017. <http://www.motherjones.com/politics/2017/03/silicon-valley-tech-alt-right-racism-misogyny>.
- Hendershot, Heather. *What's Fair on the Air?* Chicago, IL: University Of Chicago Press, 2011. <http://www.press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/W/bo11462413.html>.
- Herman, Edward S., and Noam Chomsky. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. Vintage, 1994.
- Hess, Amanda. "On Twitter, a Battle Among Political *Bots*." *The New York Times*, December 14, 2016. <https://www.nytimes.com/2016/12/14/arts/on-twitter-a-battle-among-political-bots.html>.
- Higgin, Tanner. "B/Lack up: What *Trolls* Can Teach Us About Race." *The Fibreculture Journal*, no. 22 (2013): 133-51.
- Hillary Clinton Proves She's in Good Health, n.d. <https://www.youtube.com/watch?v=Kt22Y9-dfNk>.
- Hine, Gabriel Emile, JeremiahOnaolapo, Emiliano De Cristofaro, Nicolas Kourtellis, IliasLeontiadis, RiginosSamaras, GianlucaStringhini, and Jeremy Blackburn. "Kek, Cucks, and God Emperor Trump: A Measurement Study of 4chan's Politically Incorrect Forum and Its Effects on the Web." *arXiv Preprint arXiv:1610.03452*, 2016. <https://arxiv.org/abs/1610.03452>.
- Hobbes, Thomas. "The Deregulation Of The Sexual Marketplace." *Return of Kings*, November 29, 2014. <http://www.returnofkings.com/48312/the-deregulation-of-the-sexual-marketplace>.
- Hofstadter, Richard. "The Paranoid Style in American Politics." *Harper's Magazine*, November 1964. <http://harpers.org/archive/1964/11/the-paranoid-style-in-american-politics/>.
- Holiday, Ryan. "Exclusive Interview: How This Right-Wing '*Troll*' Reaches 100M People a Month." *The Observer*, October 27, 2016. <http://observer.com/2016/10/exclusive-interview-how-this-right-wing-troll-reaches-100m-people-a-month/>.
- . *Trust Me, I'm Lying: Confessions of a Media Manipulator*. New York: Penguin, 2012.

- Howard, Philip N., and Bence Kollanyi. "Bots, #StrongerIn, and #Brexit: Computational Propaganda during the UK-EU Referendum." arXiv:1606.06356 [Physics], June 20, 2016. <http://arxiv.org/abs/1606.06356>.
- Isenberg, Daniel J. "Group Polarization: A Critical Review and Meta-Analysis." *Journal of Personality and Social Psychology* 50, no. 6 (1986): 1141-51. doi:10.1037/0022-3514.50.6.1141.
- Jack, Caroline. "How Facts Survive: Sponsored Economic Education Media and American Social Imaginaries, 1974-1986." Doctoral Dissertation, Cornell University, 2016.
- . "What's Propaganda Got To Do With It?," n.d. <https://points.datasociety.net/whats-propaganda-got-to-do-with-it-5b88d78c3282#.mge12e7k8>.
- Jacobson, Louis. "Donald Trump's 'Star of David' Tweet: A Recap." Politifact, July 5, 2016. <http://www.politifact.com/truth-o-meter/article/2016/jul/05/donald-trumps-star-david-tweet-recap/>.
- Jamin, Jérôme. "Cultural Marxism and the Radical Right." In *The Post-War Anglo-American Far Right: A Special Relationship of Hate*, edited by Paul Jackson and Anton Shekhovtsov, 84-103. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave MacMillan, 2014.
- Jay, Martin. "Dialectic of Counter-Enlightenment: The Frankfurt School as Scapegoat of the Lunatic Fringe." *Salmagundi*, no. 168/169 (Fall - Winter 2011 2010): 30-40.
- . *The Dialectical Imagination: A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923-1950*. Vol. 10. London: Heinemann Educational Books, Ltd., 1973.
- Jenkins, H. *Convergence Culture*. New York: New York University Press, 2006.
- Jenkins, Henry, Ravi Purushotma, Margaret Weigel, Katie Clinton, and Alice J. Robison. *Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*. Cambridge MA: MIT Press, 2009.
- Johnston, Casey. "Chat Logs Show How 4chan Users Created #GamerGate Controversy." *Ars Technica*, September 9, 2014. <https://arstechnica.com/gaming/2014/09/new-chat-logs-show-how-4chan-users-pushed-gamergate-into-the-national-spotlight/>.
- Jolley, Daniel, and Karen M. Douglas. "The Effects of Anti-Vaccine Conspiracy Theories on Vaccination Intentions." *PLoS ONE* 9, no. 2 (February 20, 2014). doi:10.1371/journal.pone.0089177.
- . "The Social Consequences of Conspiracism: Exposure to Conspiracy Theories Decreases the Intention to Engage in Politics and to Reduce One's Carbon Footprint." *British Journal of Psychology* 105, no. 1 (2014): 35-56. doi:<http://doi.org/10.1111/bjop.12018>.
- Jones, David A. "Why Americans Don't Trust the Media: A Preliminary Analysis." *Harvard International Journal of Press/Politics* 9, no. 2 (2004): 60-75.
- Kang, Cecilia. "Fake News Onslaught Targets Pizzeria as Nest of Child-Trafficking." *The New York Times*, November 21, 2016. <https://www.nytimes.com/2016/11/21/technology/fact-check-this-pizzeria-is-not-a-child-trafficking-site.html>.
- Karlsson, Michael. "The Immediacy of Online News, the Visibility of Journalistic Processes and a Restructuring of Journalistic Authority." *Journalism* 12, no. 3 (2011): 279-295.
- Kennedy, Liam. "Alien Nation: White Male Paranoia and Imperial Culture in the United States." *Journal of American Studies* 30, no. 1 (April 1996): 87-100. doi:<https://doi.org/10.1017/S0021875800024336>.

- Kimmel, Michael. *Manhood in America: A Cultural History*. New York: The Free Press, 1996.
- . *Manhood in America: A Cultural History*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2011.
- Kirman, Ben, Conor Lineham, and Shaun Lawson. “Exploring Mischief and Mayhem in Social Computing or: How We Learned to Stop Worrying and Love the *Trolls*.” In *CHI '12 Extended Abstracts on Human Factors in Computing Systems*, 121-130. CHI EA '12. New York, NY, USA: ACM, 2012. doi:10.1145/2212776.2212790.
- Kollanyi, Bence, Philip N. Howard, and Samuel C. Woolley. “Bots and Automation over Twitter during the First US Presidential Debate.” *COMPROM Data Memo*, 2016. <https://assets.documentcloud.org/documents/3144967/Trump-Clinton-Bots-Data.pdf>.
- Kushner, David. “4chan’s Overlord Reveals Why He Walked Away.” *Rolling Stone*, March 13, 2015. <http://www.rollingstone.com/culture/features/4chans-overlord-christopher-poole-reveals-why-he-walked-away-20150313>.
- Ladd, Jonathan M. “The Role of Media Distrust in Partisan Voting.” *Political Behavior* 32, no. 4 (2010): 567-585.
- . *Why Americans Hate the Media and How It Matters*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2011.
- Lang, Nico. “Don’t Let Racists Fool You: The Chicago Kidnapping Isn’t about Black Lives Matter. It’s about the Violence Faced by People with Disabilities.” *Salon*, January 7, 2017. <http://www.salon.com/2017/01/07/do-not-let-racists-fool-you-the-chicago-kidnapping-is-not-about-black-lives-matter-it-is-about-the-violence-faced-by-people-with-disabilities/>.
- Lave, J., and E. Wenger. *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- Lennard, Natasha. “The Danger of Letting Monsters Pass As Internet *Trolls*.” *VICE News*, October 7, 2014. <https://news.vice.com/article/the-danger-of-letting-monsters-pass-as-internet-trolls>.
- Lewis, Matt K. “Why Are U.S. Conservatives so Obsessed with Monarchies?” *The Week*, January 6, 2014. <http://theweek.com/articles/453564/why-are-conservatives-obsessed-monarchies>.
- Lilly, Mary. “The World Is Not a Safe Place for Men’: The Representational Politics of the Manosphere.” *Political Science*, Université d’Ottawa/University of Ottawa, 2016. <https://www.ruor.uottawa.ca/handle/10393/35055>.
- Lipton, Eric. “Man Motivated by ‘Pizzagate’ Conspiracy Theory Arrested in Washington Gunfire.” *The New York Times*, December 5, 2016. <https://www.nytimes.com/2016/12/05/us/pizzagate-comet-ping-pong-edgar-maddison-welch.html>.
- Logan, Bryan. “Publisher Cancels Milo Yiannopoulos Book Deal.” *Business Insider*, February 20, 2017. <http://www.businessinsider.com/milo-yiannopoulos-book-deal-canceled-2017-2>.
- Lyons, Matthew N. “Ctrl-Alt-Delete: The Origins and Ideology of the Alternative Right.” Somerville, MA: Political Research Associates, January 20, 2017. <http://www.politicalresearch.org/2017/01/20/ctrl-alt-delete-report-on-the-alternative-right/>.
- Madden, Mary, Amanda Lenhart, and Claire Fontaine. “How Youth Navigate the News Landscape.” *Data & Society Research Institute*, February 2017, https://kf-site-production.s3.amazonaws.com/publications/pdfs/000/000/230/original/Youth_News.pdf.

- Mansour, Rebecca. "Glenn Beck: Americans Are Worshipping Pagan Gods Baal and Moloch." *Breitbart*, April 8, 2016. <http://www.breitbart.com/2016-presidential-race/2016/04/08/glenn-beck-americans-worshipping-pagan-gods-baal-moloch/>.
- Marantz, Andrew. "Trolls for Trump." *The New Yorker*, October 31, 2016. <http://www.newyorker.com/magazine/2016/10/31/trolls-for-trump>.
- Marks, Stephen R. "Durkheim's Theory of Anomie." *American Journal of Sociology* 80, no. 2 (1974): 329-63.
- Martin, Jonathan, and Amy Chozick. "Hillary Clinton's Doctor Says Pneumonia Led to Abrupt Exit From 9/11 Event." *New York Times*, September 11, 2016. <https://www.nytimes.com/2016/09/12/us/politics/hillary-clinton-campaign-pneumonia.html>.
- Marwick, A., and Nicole B. Ellison. "'There Isn't Wifi in Heaven!' Negotiating Visibility on Facebook Memorial Pages." *Journal of Broadcasting & Electronic Media* 56, no. 3 (2012): 378-400. doi:10.1080/08838151.2012.705197.
- Marwick, Alice E. "Are There Limits to Online Free Speech?" *Data & Society: Points*, January 5, 2017. <https://points.datasociety.net/are-there-limits-to-online-free-speech-14dbb7069aec#rg5fhgf34>.
- Massanari, Adrienne. "#Gamergate and The Fapping: How Reddit's Algorithm, Governance, and Culture Support Toxic Technocultures." *New Media & Society*, October 9, 2015. <http://nms.sagepub.com/content/early/2015/10/07/1461444815608807>.
- Massing, Michael. "Now They Tell Us." *The New York Review of Books*, February 26, 2004. <http://www.nybooks.com/articles/2004/02/26/now-they-tell-us/>.
- Mayer, Jane. "The Reclusive Hedge-Fund Tycoon Behind the Trump Presidency." *The New Yorker*, March 27, 2017. <http://www.newyorker.com/magazine/2017/03/27/the-reclusive-hedge-fund-tycoon-behind-the-trump-presidency>.
- McChesney, Robert W. *The Political Economy of Media: Enduring Issues, Emerging Dilemmas*. New York: NYU Press, 2008.
- McCombs, Maxwell E., and Donald Shaw. "The Agenda-Setting Function of Mass Media." *The Public Opinion Quarterly* 36, no. 2 (Summer 1972): 176-87.
- McCoy, Terrance. "Inside a Long Beach Web Operation That Makes up Stories about Trump and Clinton: What They Do for Clicks and Cash." *Los Angeles Times*, November 22, 2016. <http://www.latimes.com/business/technology/la-fi-tn-fake-news-20161122-story.html>.
- Mead, Rebecca. "Rage Machine." *The New Yorker*, May 24, 2010. <http://www.newyorker.com/magazine/2010/05/24/rage-machine>.
- Mehta, Seema. "Campaign 2016 Updates: Republicans Pounce upon Clinton 'Deplorables' Remark. She Apologizes. Sort Of." *Los Angeles Times*, September 10, 2016, sec. Politics. <http://www.latimes.com/nation/politics/trailguide/la-na-trailguide-updates-transcript-clinton-s-full-remarks-as-1473549076-htmlstory.html>.
- Messner, Michael A. "The Limits of 'The Male Sex Role' An Analysis of the Men's Liberation and Men's Rights Movements' Discourse." *Gender & Society* 12, no. 3 (1998): 255-276.
- Miller, Michael E. "Protestors Outside White House Demand 'Pizzagate' Investigation." *Washington Post*, March 25, 2017. <https://www.washingtonpost.com/news/local/wp/2017/03/25/protesters-outside-white-house-demand-pizzagate-investigation/>.

- Milner, Ryan. "Hacking the Social: Internet Memes, Identity Antagonism, and the Logic of Lulz." *The Fibreculture Journal*, no. 22 (2013). <http://twentytwo.fibreculturejournal.org/fcj-156-hacking-the-social-internet-memes-identity-antagonism-and-the-logic-of-lulz/>.
- Milner, Ryan, and Whitney Phillips. "Can a Meme Be a Hate Symbol?" *The New York Times*, October 3, 2016, sec. Room for Debate. <http://www.nytimes.com/roomfordebate/2016/10/03/can-a-meme-be-a-hate-symbol-6/a-meme-can-become-a-hate-symbol-by-social-consensus>.
- Misener, Dan. "Political Bots Spread Misinformation during U.S. Campaign — and They're Expected in Canada." *CBC News*, November 7, 2016. <http://www.cbc.ca/news/technology/political-bots-misinformation-1.3840300>.
- Monmouth University Polling Institute. "POTUS Less Trusted Than Media, 'Fake News' Comes From All Sources." Monmouth University Polling Institute, March 29, 2017. https://www.monmouth.edu/polling-institute/reports/MonmouthPoll_US_032917/.
- Moore, Chadwick. "Send In the Clown: Internet Supervillain Milo Doesn't Care That You Hate Him." *OUT*, September 21, 2016. <http://www.out.com/out-exclusives/2016/9/21/send-clown-internet-supervillain-milo-doesnt-care-you-hate-him>.
- Nakamura, L. "Don't Hate the Player, Hate the Game: The Racialization of Labor in World of Warcraft." *Critical Studies in Media Communication* 26, no. 2 (2009): 128-144.
- Nordenson, Bree. "Overload!" *Columbia Journalism Review* 47, no. 4 (2008): 30.
- O'Connor, Brendan. "Who's Behind the Fake 'Union of White NYU Students'?" *Gawker*, November 23, 2015. http://gawker.com/who-s-behind-the-fake-union-of-white-nyu-students-1744300282?utm_expid=66866090-e7.e9PWweE2DSnKObFD7vNEoqg.0&utm_referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2F.
- O'Connor, Gabe, and Ave Schneider. "How Russian Twitter Bots Pumped Out Fake News During The 2016 Election." *NPR: All Things Considered*, April 3, 2017. <http://www.npr.org/sections/alltechconsidered/2017/04/03/522503844/how-russian-twitter-bots-pumped-out-fake-news-during-the-2016-election>.
- Ohlheiser, Abby, and Caitlin Dewey. "Hillary Clinton's *Alt-right* Speech, Annotated." *Washington Post*, August 25, 2016. <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/08/25/hillary-clintons-alt-right-speech-annotated/>.
- Olson, Parmy. *We Are Anonymous: Inside the Hacker World of LulzSec, Anonymous, and the Global Cyber Insurgency*. New York: Little, Brown and Company, 2012.
- O'Neill, Patrick Howell. "8chan Is Home to a Hive of Pedophiles." *The Daily Dot*, November 17, 2014. <https://www.dailydot.com/layer8/8chan-pedophiles-child-porn-gamergate/>.
- . "Weev Turns from Hacker Hero to Messenger of Hate." *The Daily Dot*, October 2, 2014. <https://www.dailydot.com/layer8/weev-hates-jewish-people/>.
- Patterson, Thomas. "News Coverage of the 2016 General Election: How the Press Failed the Voters." Cambridge MA: Shorenstein Center on Media, Politics and Public Policy at the Harvard Kennedy School, December 7, 2016. <https://shorensteincenter.org/news-coverage-2016-general-election/>.
- . "News Coverage of the 2016 Presidential Primaries: Horse Race Reporting Has Consequences." Cambridge MA: Shorenstein Center on Media, Politics and Public Policy, July 11, 2016. <https://shorensteincenter.org/news-coverage-2016-presidential-primaries/>.

- Paul, Christopher, and Miriam Matthews. "The Russian 'Firehose of Falsehood' Propaganda Model: Why It Might Work and Options to Counter It." International Security and Defense Policy Center. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2016. <http://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html>.
- Penny, Laurie. "On the Milo Bus With the Lost Boys of America's New Right." Pacific Standard, February 22, 2017. <https://psmag.com/on-the-milo-bus-with-the-lost-boys-of-americas-new-right-629a77e87986>.
- Petre, Caitlin. "The Traffic Factories: Metrics at Chartbeat, Gawker Media, and the New York Times." Tow Center for Digital Journalism, 2015. http://www.cjr.org/tow_center_reports/the_traffic_factories_metrics_at_chartbeat_gawker_media_and_the_new_york_times.php.
- Phillip, Abby, and Anne Gearan. "Clinton Falls Ill during 9/11 Memorial Service in New York." Washington Post, September 11, 2016. <https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2016/09/11/clinton-falls-ill-during-911-memorial-service-in-new-york/>.
- Phillips, Whitney. "The House That Fox Built: *Anonymous*, Spectacle, and Cycles of Amplification." Television & New Media 14, no. 6 (2013): 494-509.
- . *This Is Why We Can't Have Nice Things: Mapping the Relationship Between Online Trolling and Mainstream Culture*. Cambridge, MA: MIT Press, 2015.
- Phillips, Whitney, Jessica Beyer, and Gabriella Coleman. "Trolling Scholars Debunk the Idea That the *Alt-rights* Shitposters Have Magic Powers." Motherboard, March 22, 2017. https://motherboard.vice.com/en_us/article/trolling-scholars-debunk-the-idea-that-the-alt-rights-trolls-have-magic-powers.
- Pohjonen, Matti, and Sahana Udupa. "Extreme Speech Online: An Anthropological Critique of Hate Speech Debates." International Journal of Communication 11, no. 0 (March 14, 2017): 19.
- Porup, J.M. "How Mexican Twitter *Bots* Shut Down Dissent." Motherboard, August 24, 2015. https://motherboard.vice.com/en_us/article/how-mexican-twitter-bots-shut-down-dissent.
- Pry, Alissa, and Alexa Valiente. "Women Battle Online Hate From the 'Manosphere.'" ABC News, October 16, 2013. <http://abcnews.go.com/Technology/women-battle-online-anti-women-hate-manosphere/story?id=20579038>.
- Rappeport, Alan. "Donald Trump Deletes Tweet Showing Hillary Clinton and Star of David Shape." The New York Times, July 2, 2016. <https://www.nytimes.com/2016/07/03/us/politics/trump-clinton-star-of-david.html>.
- RationalWiki Contributors. "Manosphere." RationalWiki, April 10, 2017. <http://rationalwiki.org/wiki/Manosphere>.
- . "Neoreactionary Movement." RationalWiki, March 5, 2017. http://rationalwiki.org/w/index.php?title=Neoreactionary_movement&oldid=1800822.
- Rehkopf, Bill. "The 'Overton Window' and How Trump Won the Nomination with It." TheHill, October 1, 2016. <http://thehill.com/blogs/pundits-blog/presidential-campaign/298417-the-overton-window-and-how-trump-won-the-nomination>.
- Robischon, Noah. "How BuzzFeed's Jonah Peretti Is Building A 100-Year Media Company." Fast Company, February 16, 2016. <https://www.fastcompany.com/3056057/how-buzzfeeds-jonah-peretti-is-building-a-100-year-media-company>.

- Roy, Jessica. "How 'Pepe the Frog' Went from Harmless to Hate Symbol." Los Angeles Times, October 11, 2016. <http://www.latimes.com/politics/la-na-pol-pepe-the-frog-hate-symbol-20161011-snap-htmlstory.html>.
- Schwartz, Mattathias. "Malwebolence - The World of Web Trolling." The New York Times, August 3, 2008. <http://www.nytimes.com/2008/08/03/magazine/03trolls-t.html>.
- Seitz-Wald, Alex, Monica Alba, Andrea Mitchell, Kristen Welker, and Kasie Hunt. "Hillary Clinton's Health Scare: 9 Unanswered Questions." NBC News, September 12, 2016. <http://www.nbcnews.com/politics/2016-election/hillary-clinton-s-health-scare-9-unanswered-questions-n646551>.
- Seta, Gabriele de. "Trolling, and Other Problematic Social Media Practices." In The SAGE Handbook of Social Media, edited by Jean Burgess, Alice E. Marwick, and Thomas Poell. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2017.
- Shafer, Jack. "The Real Problem with Judith Miller." POLITICO Magazine. Accessed April 21, 2017. <http://politi.co/1CBoqzI>.
- Shire, Emily. "A Short Guide to the Men's Rights Movement." The Week, October 25, 2013. <http://theweek.com/articles/457925/short-guide-mens-rights-movement>.
- Silverman, Craig. "How the Bizarre Conspiracy Theory Behind 'Pizzagate' Was Spread." BuzzFeed News, November 4, 2016. https://www.buzzfeed.com/craigsilverman/fever-swamp-election?utm_term=.uqlpalZrl#.phq9LeqVK.
- . "This Analysis Shows How Viral Fake Election News Stories Outperformed Real News On Facebook." BuzzFeed, November 16, 2016. <https://www.buzzfeed.com/craigsilverman/viral-fake-election-news-outperformed-real-news-on-facebook>.
- Silverman, Craig, and Lawrence Alexander. "How Teens In the Balkans Are Duping Trump Supporters With Fake News." BuzzFeed News, November 3, 2016. https://www.buzzfeed.com/craigsilverman/how-macedonia-became-a-global-hub-for-pro-trump-misinfo?utm_term=.eaD8L1pQO#.se1xj35mj.
- Smith, Anthony. "Donald Trump's Star of David Hillary Clinton Meme Was Created by White Supremacists." Mic News, July 3, 2016. <https://mic.com/articles/147711/donald-trump-s-star-of-david-hillary-clinton-meme-was-created-by-white-supremacists#.roJx8J2cy>.
- Sommers, Christina Hoff. *The War Against Boys: How Misguided Feminism Is Harming Our Young Men*. New York: Simon and Schuster, 2000.
- Sonderman, Jeff. "Most Journalists Now Get Story Ideas from Social Media Sources, Survey Says." Poynter, June 21, 2012. <http://www.poynter.org/2012/most-journalists-now-get-story-ideas-from-social-media-sources-survey-says/178070/>.
- Southern Poverty Law Center. "Andrew Anglin." Southern Poverty Law Center, 2016. <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/individual/andrew-anglin>.
- Spencer, Paul. "Trump's Occult Online Supporters Believe 'Meme Magic' Got Him Elected." Motherboard, November 18, 2016. https://motherboard.vice.com/en_us/article/trumps-occult-online-supporters-believe-pepe-meme-magic-got-him-elected.
- Spencer, Richard. "Getting #Cuckservative Wrong." RADIX JOURNAL, August 1, 2015. <http://www.radixjournal.com/blog/2015/8/1/getting-cuckservative-wrong>.

- Srinivasan, Balaji. "Silicon Valley's Ultimate Exit." *Genius*, October 25, 2013. <https://genius.com/Balaji-srinivasan-silicon-valleys-ultimate-exit-annotated>.
- Starr, Paul. "An Unexpected Crisis: The News Media in Postindustrial Democracies." *The International Journal of Press/Politics* 17, no. 2 (2012): 234–242.
- . "Goodbye to the Age of Newspapers (Hello to a New Era of Corruption)." *New Republic*, March 4, 2009. <https://newrepublic.com/article/64252/goodbye-the-age-newspapers-hello-new-era-corruption>.
- Stone, Peter, and Greg Gordon. "FBI's Russian-Influence Probe Includes a Look at Breitbart, InfoWars News Sites." *McClatchy DC Bureau*, March 20, 2017. <http://www.mcclatchydc.com/news/politics-government/white-house/article139695453.html>.
- Sullivan, Margaret. "Repairing the Credibility Cracks After Jayson Blair." *The New York Times*, May 4, 2013. <http://www.nytimes.com/2013/05/05/public-editor/repairing-the-credibility-cracks-after-jays-on-blair.html>.
- Sunstein, Cass R. "Deliberative Trouble? Why Groups Go to Extremes." *The Yale Law Journal* 110, no. 1 (2000): 71–119.
- Sunstein, Cass R., and Adrian Vermeule. "Conspiracy Theories: Causes and Cures*." *Journal of Political Philosophy* 17, no. 2 (2009): 202–227.
- Swift, Art. "Americans' Trust in Mass Media Sinks to New Low." *Gallup*, September 14, 2016. <http://www.gallup.com/poll/195542/americans-trust-mass-media-sinks-new-low.aspx>.
- Tasneem Nashrulla. "People Are Blaming The Chicago Kidnapping On Black Lives Matter With Zero Evidence." *BuzzFeed News*, January 5, 2017. <https://www.buzzfeed.com/tasneemnashrulla/people-are-blaming-the-chicago-kidnapping-on-black-lives-mat>.
- Tate, Ryan. "Apple's Worst Security Breach: 114,000 iPad Owners Exposed." *Gawker*, June 9, 2010. <http://gawker.com/5559346/apples-worst-security-breach-114000-ipad-owners-exposed>.
- TEDx Talks. Anita Sarkeesian at TEDxWomen 2012. TEDx Women. Washington D.C., 2012. <https://www.youtube.com/watch?v=GZAxwsg9J9Q>.
- Tepper, M. "Usenet Communities and the Cultural Politics of Information." In *Internet Culture*, edited by David Porter, 39–54. New York: Routledge, 1997.
- Thorson, Emily. "Belief Echoes: The Persistent Effects of Corrected Misinformation." *Political Communication* 33, no. 3 (2016): 460–480.
- Trammell, Matthew. "User Investment and Behavior Policing on 4chan." *First Monday* 19, no. 2 (2014). <http://ojphi.org/ojs/index.php/fm/article/view/4819>.
- Uberti, David. "How Misinformation Goes Viral: A Truthy Story." *Columbia Journalism Review*, September 3, 2014. http://www.cjr.org/behind_the_news/how_misinformation_goes_viral.php.
- Wadley, Jared. "New Study Analyzes Why People Are Resistant to Correcting Misinformation, Offers Solutions." *University of Michigan - Michigan News*, September 20, 2012. <http://ns.umich.edu/new/releases/20768-new-study-analyzes-why-people-are-resistant-to-correcting-misinformation-offers-solutions>.

- Wang, Yanan. "More than 30 Purported 'White Student Unions' Pop up across the Country." Washington Post, November 24, 2015. <https://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2015/11/24/more-than-30-questionably-real-white-students-unions-pop-up-across-the-country/>.
- Wardle, Claire. "Fake News. It's Complicated." First Draft News, February 16, 2017. <https://firstdraftnews.com/fake-news-complicated/>.
- Watson, Paul Joseph. The Truth About Hillary's Bizarre Behavior, 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=OqbDBRWb63s>.
- weev. "Fun with Twitter's Ad Console. (with Images, Tweets)." Storify, June 7, 2015. <https://storify.com/weev/fun-with-twitter-ads-day-1>.
- Weigel, David. "'Cuckservative' — the Conservative Insult of the Month, Explained." Washington Post, July 29, 2015. <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2015/07/29/cuckservative-the-conservative-insult-of-the-month-explained/>.
- . "In Prime Time, Sean Hannity Carries out a Clinton Medical 'Investigation,'" August 11, 2016. <https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2016/08/11/in-prime-time-sean-hannity-carries-out-a-clinton-medical-investigation/>.
- Weill, Kelly. "Neo-Nazis Are Tearing the Furry World Apart." The Daily Beast, April 14, 2017. <http://www.thedailybeast.com/articles/2017/04/13/neo-nazis-are-tearing-apart-the-furry-world.html>.
- . "Racist Trolls Are Behind NYU's 'White Student Union' Hoax." The Daily Beast, November 23, 2015. <http://www.thedailybeast.com/articles/2015/11/23/racist-trolls-are-behind-nyu-s-white-student-union-hoax.html>.
- "'White Student Union' Pages Appearing On Facebook." CBS St. Louis, November 23, 2015. <http://stlouis.cbslocal.com/2015/11/23/white-student-union-facebook/>.
- Wickelus, Charles. "A 3 Point Primer In Modern Female Privilege." Return of Kings, November 24, 2013. <http://www.returnofkings.com/19443/a-3-point-primer-in-modern-female-privilege>.
- Wiggershaus, Rolf. The Frankfurt School: Its History, Theories, and Political Significance. Cambridge MA: MIT Press, 1995.
- Wikipedia Contributors. "Goatse Security." Wikipedia. Wikimedia Foundation, March 13, 2017. https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Goatse_Security&oldid=770097606.
- . "Weev." Wikipedia. Wikimedia Foundation, April 4, 2017. <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Weev&oldid=773771585>.
- Wilson, John K. The Myth of Political Correctness: The Conservative Attack on Higher Education. Durham, NC: Duke University Press, 1995.
- Winsor, Morgan. "Donald Trump Tweets Image of Hillary Clinton With Star of David." ABC News, July 2, 2016. <http://abcnews.go.com/Politics/donald-trump-tweets-image-hillary-clinton-star-david/story?id=40302654>.
- Wood, Michael J., Karen M. Douglas, and Robbie M. Sutton. "Dead and Alive Beliefs in Contradictory Conspiracy Theories." Social Psychological and Personality Science 3, no. 6 (2012): 767–773.
- Woolley, Samuel C. "Automating Power: Social Bot Interference in Global Politics." First Monday 21, no. 4 (March 10, 2016). doi:10.5210/fm.v21i4.6161.

- Wu, Tim. *The Attention Merchants: The Epic Scramble to Get Inside Our Heads*. New York: Knopf, 2016.
- Yan, Holly, Sheena Jones, and Steve Almasy. "Chicago Torture Video: 4 Charged with Hate Crimes, Kidnapping." CNN, January 5, 2017. <http://www.cnn.com/2017/01/05/us/chicago-facebook-live-beating/index.html>.
- Young, Cathy. "The Broken Dialogue on Men's Rights." *The Boston Globe*, July 31, 2013. <https://www.bostonglobe.com/opinion/2013/07/31/who-hurting-men-rights-movement/HmoV7KuZdAMk9q8HSICglO/story.html>.
- Zekany, E., and Allaine Cerwonka. "The Gendered Geek: Performing Masculinities in Cyberspace." Unpublished Masters Dissertation, Budapest, Central European University, 2011. http://www.etd.ceu.hu/2011/zekany_eva.pdf.
- Zimdars, Melissa. "False, Misleading, Clickbait-Y, and Satirical 'News' Sources." Google Docs, 2016. https://docs.google.com/document/d/10eA5-mCZLSS4MQY5QGb5ew-C3VAL6pLkT53V_8lZyitM/preview?usp=embed_facebook.

AGRADECIMENTOS

Este relatório é resultado da pesquisa e insights do grupo de investigação Media Manipulation na Data & Society, que também inclui Robyn Caplan, Caroline Jack, Mark Ackerman, Jason Wardy e danah boyd. Agradecemos às pessoas desse grupo, aos nossos colaboradores externos, a Matt Goerzen, Seth Young, Biella Coleman e Patrick Davison pelo extenso feedback.

Ilustrações de Jim Cooke

Design de Jeff Ytell

Título do original em inglês: *Media Manipulation and Disinformation Online*

Tradução em português proveniente da disciplina LA882-Tópicos em Ensino de Tradução

Orientação e revisão geral: Érica Lima

Organização de projeto no SmartCat e revisão: Marcella Wiffler Stefanini

Diagramação: Dhafinny da Silva

Equipe de tradução:

Aline Bilharinho

Alissa Bonomi

Ana Carolina Bofo de Oliveira

Ana Carolina Sant'Anna Zucchetti

André Luiz Salero A. de S. Andrade

Andreza Ribino Parra

Beatriz Zaparoli

Bruno Mendes dos Santos

Camile Lanza de Paula

Dhafinny da Silva

Gabriel Elias Silva Pereira

Gabriela Costa Limão

Gabrielle da Silva Teixeira

Giovanna Mercante Naddeo Andreoli

Ísis Emanuelle Silva Prior

João Gabriel Teixeira Lima

Lais Tardio Depintor

Letícia Bergamini Souto

Lia Salvador Ribeiro

Marcella Wiffler Stefanini

Marileide Rayane de Macedo da Silva

Nathalia da Silva Teixeira

Presto Kowask

Ricardo Buoso Neto

Tiago Luiz Salero A. de S. Andrade

Vitória Bonuccelli Heringer Lisboa

Esta publicação está licenciada de acordo com a *Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0*